

CADERNO

Sala de Pesquisa
Sa - CDHIS



VOLUME 8

NÚMERO 9

2001

ESPAÇO FEMININO

Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher
Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia

emos

N

ISSN 1516-9286

CADERNO ESPAÇO FEMININO

COORDENAÇÃO DA REVISTA

Vera Lúcia Puga de Sousa

CONSELHO EDITORIAL

Cláudia Costa Guerra
Dulcina Tereza Bonati Borges
Eliane S. de Andrade
Jane de Fátima S. Rodrigues
Vera Lúcia Puga de Sousa

CONSELHO CONSULTIVO

Eni de Mesquita Samara (FFLCH/USP)
Luzia Margareth Rago (IFCH/UNICAMP)
Maria Izilda Santos de Matos (PUC/São Paulo)
Rachel Soihet (UFF)

CORRESPONDÊNCIA

NEGUEM

Av. João Naves de Ávila s/n Bloco "Q" – CDHIS
Campus Santa Mônica – Uberlândia – Minas Gerais
CEP: 38400-902 – Telefones (034) 3239-4236 e 3239-4240
Email: cdhis@ufu.br

FOTO CAPA

Técnica Serigrafia, "Sem Título" de Kássia Oliveira,
Artista plástica, graduada pela UFU

PROJETO GRÁFICO

Maria José da Silva

FOTOLITO

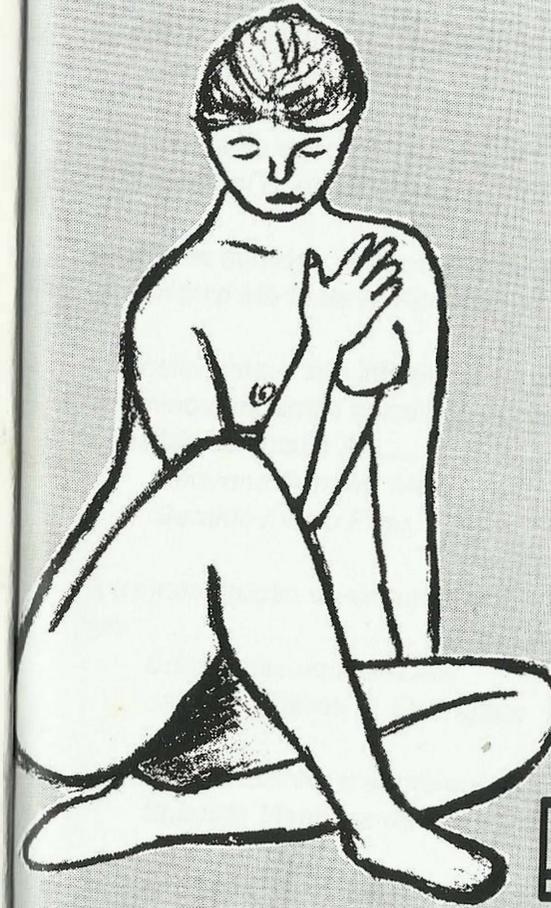
Luís Cláudio Teixeira

CADERNO ESPAÇO FEMININO é uma publicação do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, do Centro de Documentação E Pesquisa em História (CDHIS), da Universidade Federal de Uberlândia, através de sua Divisão Gráfica.

Revista Indexada no DATAÍNDICE/Ciências Sociais

ed. codu
5.04
2187

CADERNO



ESPAÇO

FEMININO

Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher
Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 5 |
| ARTIGOS | |
| O desejo feminino na literatura: Ana Karênina e Emma Bovary | 7 |
| <i>Henrique Carneiro</i> | |
| Frida Khalo e o feminino: História e Psicanálise | 17 |
| <i>Raquel B. da Silveira</i> | |
| Mulheres suicidas: A poesia se atira do oitavo andar | 27 |
| <i>Kênia Maria de A. Pereira</i> | |
| O Positivismo e sua influência na constituição dos modelos femininos: algumas correlações com a moral católica nas primeiras décadas do século XX..... | 39 |
| <i>Geovana Ferreira Melo</i> | |
| <i>Geraldo Inácio Filho</i> | |
| A (re)construção da cultura homossexual na perspectiva das revistas gay | 53 |
| <i>Edmar Henrique D.Davi</i> | |
| <i>Jane de Fátima S. Rodrigues</i> | |
| A mulher, a cozinha e a arte culinária | 69 |
| <i>Solange Menezes da Silva Demerteco</i> | |
| Novos hábitos alimentares e formas de sociabilidade de famílias mineiras .. | 89 |
| <i>Mônica Chaves Abdala</i> | |
| Trabalhar ou brincar: brincar de trabalhar? | 107 |
| <i>Flávia B. Teixeira</i> | |

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA (CDHIS)
NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO E PESQUISA SOBRE A MULHER
NEGUEM

Periodicidade: semestral
 Tiragem: 1.000 exemplares

Pede-se permuta
Pédese canje
On demande échange
We bitten um austausch
Si richiede lo scambio

CADERNO ESPAÇO FEMININO, V. 8, N. 9, janeiro/julho 2001
 Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.
 Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS)
 NEGUEM.

Semestral (vol. 8, n. 9, publicado em agosto de 2001)

APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Espaço Feminino reflete temas instigantes com acuradas reflexões acadêmicas no campo dos estudos de gênero desafiando questões ainda polêmicas. A preocupação com a qualidade dos artigos garante o êxito desta publicação desde o seu início, em 1994.

O interesse em recuperar a presença feminina na literatura continua sendo uma meta e desta vez é enriquecida com os textos de Henrique S. Carneiro, "O desejo feminino na literatura: Ana Karênina e Emma Bovary"; Raquel Bambozzi da Silveira, "Frida Khalo e o feminino: História e Psicanálise"; Kênia Maria de Almeida Pereira, "Mulheres suicidas: a poesia se atira do oitavo andar".

O texto de Henrique S. Carneiro aborda a representação da mulher apaixonada através de duas das mais conhecidas personagens femininas da literatura do século XIX, Ana Karênina e Emma Bovary. Segundo o autor, nestas obras, "a expressão do desejo feminino irrompe como uma força perigosa para a estabilidade familiar e segue presente até a atualidade, expressando um imaginário mais profundo, que ultrapassa a literatura, abrangendo a medicina, o direito e a mentalidade da época contemporânea". Neste sentido, a psicanálise e a antropologia tentaram teorizar o papel socialmente subversivo da paixão feminina, manifestada como uma loucura e um crime, reconhecendo a força irresistível de uma excitação cujas formas, contornos e limites permaneciam obscuros e ameaçadoras. O suicídio foi o caminho encontrado pelas personagens como castigo pela ousadia.

Frida Khalo também é uma personagem destacada neste contexto e o artigo de Raquel Bambozzi da Silveira analisa sua vida e obra, no momento em que viveu e como hoje estão situadas no imaginário social.

Kênia Maria de Almeida Pereira complementa estas reflexões enfocando três poetas da literatura de língua portuguesa, Francisca Júlia, Florbela Espanca e Ana Cristina César, que apesar de terem produzido grandes poemas "perderam o interesse em continuar vivendo em uma sociedade com a qual elas não mais se identificavam, terminando suas vidas prisioneiras de intenso sofrimento oriundo da ausência da pessoa amada. O suicídio sempre suscitou discussões acaloradas e polêmicas não somente na literatura mas principalmente entre religiosos e filósofos. Para os cépticos e pessimistas com a condição humana, qualquer um tem o direito de não mais querer participar do jogo hipócrita da sociedade, colocando fim à dor de viver como e quando quiser". A autora aprofunda sobre estes assuntos fazendo uma ponte entre o imaginário e a realidade.

A influência da formação religiosa e do Positivismo nos processos educacionais, neste último século, foi assunto do artigo de Geovana F. Melo e Geraldo Inácio Filho, "O Positivismo e sua influência na constituição dos modelos femininos: algumas correlações com a moral católica nas primeiras décadas do séc. XX". O ponto de maior afluência entre essas duas instituições, segundo os autores, foi a formação da família, constituída estrategicamente para a manutenção da ordem social que teve na escola sua continuidade.

Edmar Henrique D. Davi e Jane de Fátima S. Rodrigues tratam das concepções divulgadas nas Revistas *G Magazine* e *Sui Generis* sobre a homossexualidade masculina, no seu artigo, "A (re)construção da cultura homossexual na perspectiva das revistas gay". De acordo com as análises realizadas "os diferentes discursos que fizeram do homoerotismo objeto de estudo, reproduziam características do discurso heterossexual dominante. Veicula-se a existência de um mundo homossexual diversamente contrário ao heterossexual. Cria-se a imagem de uma cultura homogênea onde, seus(as) integrantes são identificados(as) por sua orientação sexual que representaria a totalidade dos comportamentos e da personalidade das pessoas que se assumem como homossexuais dando validade a uma subjetividade gay ou lésbica distinta da heterossexual".

Penetrando num espaço bem doméstico e privado como a cozinha, Solange Menezes da Silva Demeterco nos apresenta como um caminho a mais para se tentar compreender a sociedade como um todo. Dentro deste raciocínio as escolhas e práticas alimentares relacionam-se com a forma de organização social, da vida familiar, do trabalho e da casa. Aprofundando esta reflexão Mônica Chaves Abdala analisa como as transformações nas estruturas das famílias que caracterizam nosso tempo nos auxilia a compreender a afluência de famílias aos restaurantes self-services.

Enfim, Flávia B. Teixeira, em seu artigo, "Trabalhar ou brincar: brincar de trabalhar", faz uma abordagem sobre as práticas e representações do brinqueado na construção do imaginário infantil, que mais tarde configurará nas representações de gênero que a criança exercerá na fase adulta em suas relações sociais.

O DESEJO FEMININO NA LITERATURA: ANA KARÊNINA E EMMA BOVARY

Henrique S. Carneiro*

RESUMO: O artigo aborda uma representação da mulher apaixonada através de duas das mais conhecidas personagens femininas da literatura do século XIX, Ana Karênina e Emma Bovary, onde a expressão do desejo feminino irrompe como uma força perigosa para a estabilidade familiar. Presente até a atualidade, esta representação literária expressa um imaginário mais profundo, que ultrapassa a literatura, abrangendo a medicina, o direito e a mentalidade da época contemporânea, identificando na paixão amorosa feminina uma força socialmente desestabilizadora da monogamia conjugal. A psicanálise e a antropologia tentaram teorizar o papel socialmente subversivo da paixão feminina, manifestada na grande literatura do século XIX como uma loucura e um crime, reconhecendo a força irresistível de uma excitação cujas formas, contornos e limites permaneciam obscuras e ameaçadoras.

PALAVRAS-CHAVE: História, Literatura, desejo feminino, paixão, amor.

ABSTRACT: The article discuss the representation of the woman in love in the well-known feminine characters of two literary works of XIXth century: Ana Karenina and Emma Bovary. Both express the feminine desire as a dangerous strength threatening familiar stability. Until nowadays this literary representation demonstrates a deep imagery in literature, medicine, law, and mentality in the contemporary epoch of feminine love passion as a social corrosive tendency against monogamy. Psychoanalysis and anthropology essayed to theorize the subversive role of feminine passion, showed in literature as madness and crime, recognizing the irresistible power of an excitement of which the forms and bounds remain obscure and threatens.

KEY WORDS: History, Literature, feminine desire, passion, love.

* Doutor em História Social pela USP com estágios e cursos realizados na França e na Rússia. Atualmente é professor-adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Coordenador do Núcleo de Estudos em História da Ciência e da Técnica (Nehcit).

Ana Karênina foi a coroação, no final do século XIX, de uma personagem prototípica: a mulher adúltera. Emma Bovary, sua precursora na versão francesa tornou-se até mesmo um vocábulo - bovarismo - para designar esse desejo incontível que arrasta uma mulher do seio do seu lar para a voragem das aventuras extra-conjugais, na inconformidade com a própria sorte e o impulso de querer superá-la mesmo que sob o preço da ilusão.

Embora sempre emolduradas por uma trama inexorável de condenação implacável e punição exemplar - todas estas pobres heroínas encontram a morte como castigo pela sua ousadia - Ana Karênina e Emma Bovary representam as tentativas de se personificar e de se encarnar esse mistério até então impalpável do *desejo feminino*.

Tanto na sua manifestação mais diretamente física e carnal, como esvanescimento do orgasmo, como na constituição psíquica de um desejo de aventura, de romance e de arrebatamento, a literatura irá pintar essa potência até então apenas estigmatizada como sintomatologia médica ou como descontrole demoníaco.

A epilepsia, que já fora modelo para o orgasmo em geral na literatura médica antiga, voltará a servir de espelho para um despreendimento corporal feminino que o homem não encontra paralelo em sua convulsão ejaculatória. Diante da voracidade feminina serão erigidos todos os tipos de fantasias de insaciedade, de furores uterinos, de ninfomanias. A excitação feminina, já vista até mesmo por olhos de mulher como "*a mole palpitação de uma ostra*"¹, não possui a terminalidade descarregatória nem a visibilidade material da semente lançada do interior do organismo do homem.

Mas além do espasmo, o desejo feminino quer tomar forma como uma curiosidade exploratória, essa vontade de percorrer "as paixões assim como os países", que na nossa sociedade os homens são portadores e que se veda às mulheres encerradas na ancoragem doméstica, agrilhoadas à monotonia da conjugalidade.

O que Emma mais inveja dentre os privilégios masculinos é a sua disponibilidade em poder desejar: "*Um homem, ao menos, é livre; ele pode percorrer as paixões e os países, atravessar os obstáculos, tomar as felicidades mais longínquas. Uma mulher, no entanto, é impedida continuamente. Inerte e flexível ao mesmo tempo, ela tem contra si as molezas da carne e as dependências da lei. Sua vontade, como o véu do seu chapéu*

¹ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difel, 1960, vol.II, p.125.

retido por um cordão, palpita com todos os ventos; há sempre algum desejo que arrasta, alguma conveniência que retém."².

Mas Tolstói foi mais cruel ainda do que Flaubert na construção de sua encarnação de mulher desejante, transgressora e punida. Não simplesmente na natureza da punição - ambas se suicidam de maneira terrível, embora Emma, que se envenena, tenha uma agonia prolongada - , mas na pintura das contingências que constroem a sua situação. Pois no caso de Emma tais contingências são todas no sentido de dificultar o seu gesto adúltero: seu marido, apesar de entediante, é exemplarmente doce e atencioso; o amante, pelo contrário, é um hipócrita desleal, que não ama e a abandona e, finalmente, sua situação financeira é ruim e termina por arrastá-la à sua queda final. Já no que se refere a Ana Karênina, todas essas contingências são neutralizadas para que a sua tragédia se concentre apenas na condenação da sociedade. Ana tem todos os motivos para realizar o seu desejo: o marido é um canalha grosseiro, o amante é sincero e apaixonado e o dinheiro não lhe falta. É a censura pública ao seu ato de adúltera que irá matá-la. Emma Bovary é preservada dessa censura, mas basta a ameaça de sua deflagração para que ela abraça a morte.

Duas adúlteras, duas mulheres entediadas e inconformadas com a sua situação, condenadas à vida insossa do matrimônio querem conhecer a aventura suprema da paixão e o fazem, mas nesse ato se perdem e se aniquilam. Entre o "desejo que arrasta" e a "conveniência que retém", a mulher sofre o controle moral sobre a sua sexualidade de forma muito mais estrita que o homem, antes e durante o casamento. A emergência dessas personagens femininas adúlteras na literatura do século XIX, mesmo que sempre apresentadas como terrivelmente castigadas ao final, reflete uma visibilidade do desejo feminino e um desnudamento das condições insatisfatórias para sua realização na vida conjugal que foi inédita e chocante para a moral da época. *Madame Bovary*, como se sabe, sofreu um dos mais famosos processos já movidos contra uma obra literária, acusada de ultraje à moral pública e religiosa e de ser contrária aos bons costumes. O esforço vitorioso do autor e da defesa foi o de provar que sua obra, longe de servir de estímulo ao adultério ou à dissolução dos costumes, servia na verdade para defender a moral conjugal e alertar para os riscos da paixão.

² FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Le Livre de Poche, 1983, p.122/123.

Tolstói também fez de sua Ana uma pecadora imolada para criar horror ao pecado. Essa era a idéia básica destes grandes escritores, artífices inigualáveis no emprego das cores da paleta do realismo: provocar amor pela virtude criando horror pelo vício.

O consenso de que o desejo adúltero fosse um crime não era questionado por quase ninguém. No século XIX apenas figuras excêntricas de utopistas como Charles Fourier ou de anarquistas como Émile Armand atacam a instituição matrimonial e seus pressupostos de fidelidade conjugal. No mundo das letras, os criadores de personagens podem até atribuir os predicados do encanto e da beleza para as suas heroínas adúlteras, mas sempre no ensejo de contrastar essa atração fatal do pecado com os cenários tristes da perdição, da queda e do castigo. A defesa e a acusação no processo de *Madame Bovary* emulam-se em tentar mostrar como o crime do adultério é uma imoralidade horrenda. Sua discrepância está em que uma tenta provar que o livro em causa é uma advertência e a outra que é um estímulo. Embora punida exemplarmente, com um rigor até demasiado, Emma é descrita tão virtuosamente quando mergulha na voragem do seu desejo, onde encontra a energia que a torna mais bela, mais vivaz e mais exuberante, que as passagens que narram seus furtivos encontros amorosos destacam-se do conjunto da obra como quadros de exaltação passional.

É da pintura desse arrebatamento amoroso exemplar de que Ana e Emma estão possuídas que nasce o núcleo dos enredos de ambos os romances. Na história da literatura moderna as relações amorosas animam e dão vida a todas as tramas como horizonte máximo de toda felicidade imaginável no mundo mas também como o pior abismo da infelicidade humana e fonte das piores torturas e angústias. Se Fourier é o utopista do começo do século XIX que rompe com "vinte e cinco séculos de imbecilidade política" para defender um otimismo passional fantasista e orgiástico, Leon Tolstói é a sua contrapartida que, no decorrer dos oitocentos, irá escrevendo uma obra que é um dos protótipos do romance moderno com a tinta amarga da desilusão amorosa, criticando o "eterno equívoco de quantos julgam a felicidade a satisfação de todos os desejos"³.

Máximo Gorki relata as seguintes palavras de Tolstói: "O homem suporta terremotos, epidemias, os horrores da enfermidade, toda sorte de tormentos da alma, mas em todos os tempos a tragédia e o martírio foi, é e

³ TOLSTÓI, L.. *Ana Karênina*. São Paulo: Abril Cultural, vol. I, p.32.

será sempre a tragédia do leito"⁴. *Ana Karênina*, uma de suas obras máximas, escrita entre 1873 e 1877, é um desvendamento da psicologia amorosa onde cada frase é lapidada numa economia sem superfluidades. O que ele traz é um material inestimável para compreendermos a história do amor ocidental.

A irrealização do amor em três casais: este é o tema de *Ana Karênina*. Um deles, Dolly e Oblonski, onde ocorre o adultério masculino, consegue manter as aparências e continuar a representação social da instituição, embora sem amor; um outro, recém-casados, Liêvin e Kitty, começam, após as ilusões iniciais, a sentir o significado da perda da autonomia, da liberdade e o tédio crescente; e o terceiro, e principal, em que ocorre o adultério feminino, onde Ana e Vronski, embora imbuídos de um sentimento profundo e intenso não são capazes de viver seu amor, também submetido à corrosão da perda mútua de liberdade (Ana cada vez mais obcecada em querer Vronski apenas para ela e não para a vida social que ele necessita), e à perda do direito de existência social (inclusive em relação ao direito sobre o amor do filho). O anticlímax final, quando após o suicídio de Ana, Liêvin converte-se à crença e à Igreja é uma profissão de fé do próprio Tolstói refletida em seu personagem mais bucólico e pragmático, que proclamava, numa franqueza que de tão simplória não parecia cínica, governar-se unicamente pelo interesse pessoal.

Três casais simbólicos da aristocracia aburguesada, o primeiro, Dolly e Oblonski, onde o adultério masculino é teorizado pelo marido como uma coisa natural, e onde suporta-se uma vida hipócrita e sem paixão, mantendo-se as convenções; o segundo, Liêvin e Kitty, onde há paixão do lado de Liêvin, paixão de posse, de ordem, de família, e uma espécie de consolação conformada da parte de Kitty, que começam as vezes a corroer-se em pequenas querelas. O sentido da transformação desse homem - apegado à natureza, proprietário com um coração telúrico de mujique, pragmático teórico de uma reforma econômica agrária baseada na transformação da mentalidade abúlica do campesinato - num místico, no anticlímax que é a conclusão do livro, é expressivo da mentalidade do próprio autor. Pensando na biografia amorosa de Tolstói, que os biógrafos relatam como uma relação conjugal cheia de desigualdades e crises, e lembrando de *Sonata a Kreutzer*, obra que é justamente da fase final da vida de Tolstói, compreende-se como a vida pessoal no interior de um matrimônio entediante pode levar esse autor

⁴ GORKI, Máximo. *Leão Tolstói*. São Paulo: Perspectiva, 1983, p.27.

Tolstói também fez de sua Ana uma pecadora imolada para criar horror ao pecado. Essa era a idéia básica destes grandes escritores, artífices inigualáveis no emprego das cores da paleta do realismo: provocar amor pela virtude criando horror pelo vício.

O consenso de que o desejo adúltero fosse um crime não era questionado por quase ninguém. No século XIX apenas figuras excêntricas de utopistas como Charles Fourier ou de anarquistas como Émile Armand atacam a instituição matrimonial e seus pressupostos de fidelidade conjugal. No mundo das letras, os criadores de personagens podem até atribuir os predicados do encanto e da beleza para as suas heroínas adúlteras, mas sempre no ensejo de contrastar essa atração fatal do pecado com os cenários tristes da perdição, da queda e do castigo. A defesa e a acusação no processo de *Madame Bovary* emulam-se em tentar mostrar como o crime do adultério é uma imoralidade horrenda. Sua discrepância está em que uma tenta provar que o livro em causa é uma advertência e a outra que é um estímulo. Embora punida exemplarmente, com um rigor até demasiado, Emma é descrita tão virtuosamente quando mergulha na voragem do seu desejo, onde encontra a energia que a torna mais bela, mais vivaz e mais exuberante, que as passagens que narram seus furtivos encontros amorosos destacam-se do conjunto da obra como quadros de exaltação passional.

É da pintura desse arrebatamento amoroso exemplar de que Ana e Emma estão possuídas que nasce o núcleo dos enredos de ambos os romances. Na história da literatura moderna as relações amorosas animam e dão vida a todas as tramas como horizonte máximo de toda felicidade imaginável no mundo mas também como o pior abismo da infelicidade humana e fonte das piores torturas e angústias. Se Fourier é o utopista do começo do século XIX que rompe com "vinte e cinco séculos de imbecilidade política" para defender um otimismo passional fantasista e orgiástico, Leon Tolstói é a sua contrapartida que, no decorrer dos oitocentos, irá escrevendo uma obra que é um dos protótipos do romance moderno com a tinta amarga da desilusão amorosa, criticando o "eterno equívoco de quantos julgam a felicidade a satisfação de todos os desejos"³.

Máximo Gorki relata as seguintes palavras de Tolstói: "O homem suporta terremotos, epidemias, os horrores da enfermidade, toda sorte de tormentos da alma, mas em todos os tempos a tragédia e o martírio foi, é e

será sempre a tragédia do leito"⁴. *Ana Karênina*, uma de suas obras máximas, escrita entre 1873 e 1877, é um desvendamento da psicologia amorosa onde cada frase é lapidada numa economia sem superfluidades. O que ele traz é um material inestimável para compreendermos a história do amor ocidental.

A irrealização do amor em três casais: este é o tema de *Ana Karênina*. Um deles, Dolly e Oblonski, onde ocorre o adultério masculino, consegue manter as aparências e continuar a representação social da instituição, embora sem amor; um outro, recém-casados, Liêvin e Kitty, começam, após as ilusões iniciais, a sentir o significado da perda da autonomia, da liberdade e o tédio crescente; e o terceiro, e principal, em que ocorre o adultério feminino, onde Ana e Vronski, embora imbuídos de um sentimento profundo e intenso não são capazes de viver seu amor, também submetido à corrosão da perda mútua de liberdade (Ana cada vez mais obcecada em querer Vronski apenas para ela e não para a vida social que ele necessita), e à perda do direito de existência social (inclusive em relação ao direito sobre o amor do filho). O anticlímax final, quando após o suicídio de Ana, Liêvin converte-se à crença e à Igreja é uma profissão de fé do próprio Tolstói refletida em seu personagem mais bucólico e pragmático, que proclamava, numa franqueza que de tão simplória não parecia cínica, governar-se unicamente pelo interesse pessoal.

Três casais simbólicos da aristocracia aburguesada, o primeiro, Dolly e Oblonski, onde o adultério masculino é teorizado pelo marido como uma coisa natural, e onde suporta-se uma vida hipócrita e sem paixão, mantendo-se as convenções; o segundo, Liêvin e Kitty, onde há paixão do lado de Liêvin, paixão de posse, de ordem, de família, e uma espécie de consolação conformada da parte de Kitty, que começam as vezes a corroer-se em pequenas querelas. O sentido da transformação desse homem - apegado à natureza, proprietário com um coração telúrico de mujique, pragmático teórico de uma reforma econômica agrária baseada na transformação da mentalidade anárquica do campesinato - num místico, no anticlímax que é a conclusão do livro, é expressivo da mentalidade do próprio autor. Pensando na biografia amorosa de Tolstói, que os biógrafos relatam como uma relação conjugal cheia de desigualdades e crises, e lembrando de *Sonata a Kreutzer*, obra que é justamente da fase final da vida de Tolstói, compreende-se como a vida pessoal no interior de um matrimônio entediante pode levar esse autor

³ TOLSTÓI, L.. *Ana Karênina*. São Paulo: Abril Cultural, vol. I, p.32.

⁴ GORKI, Máximo. *Leão Tolstói*. São Paulo: Perspectiva, 1983, p.27.

magnífico, um dos maiores retratistas da vida amorosa, a tanta amargura em relação ao amor.

Amargura cuja síntese é exatamente o terceiro casal, Ana e Vronski, ambos possuidores do amor mais puro, mais inocente em sua essência generosa de quererem-se um ao outro apaixonadamente e que, não obstante, sofrem a decepção e o destino mais terrível. Dos três casais, o único que se ligara de fato por uma paixão, é o que perece. Os outros continuam suas vidas.

A essência da paixão entre Ana e Vronski é erótica. De maneira curiosa e pudica, Tolstói relata a primeira relação sexual entre eles através de uma elisão. Mas o fio que une Ana e Vronski permanece sempre tenso, vibrando uma imantação sexual, um desejo de posse carnal mais forte do que tudo, até mesmo do que o amor da mãe por seu filho. É esse desejo erótico, sua força irresistível, sua animalidade, sua irracionalidade, sua capacidade de arrancar totalmente toda forma de autocontrole, que é condenado antes de tudo e por todos. A exibição desse desejo realizado, a ostentação dos amantes gozosos, felizes, exsudando sexo em seus olhares, sorrisos e afagos é que é inaceitável para a sociedade.

No fundo, pensando novamente em *Sonata a Kreutzer*, não são somente as instituições que constroem o amor, como o casamento, a possessividade, o patriarcalismo, que o tornam, de maior fonte da felicidade da vida humana, também o maior motivo das piores desgraças, mas é o próprio amor que, para Tolstói, parece trazer em si essa energia corrosiva e desagregadora. Por isto, se compreende que Tolstói, que fôra um libertino até os 34 anos, se case a partir de então com uma adolescente, que irá engravidar treze vezes, e se dedique, no final da vida, a fazer profissões de fé pelo ascetismo e pela castidade, inclusive no interior do matrimônio.

A absorção de uma relação suga do mundo, da diversidade de pessoas, das fantasias, dos sonhos de sedução. Como escreve Simone de Beauvoir, "*se dois amantes se abismam juntos no absoluto da paixão, toda liberdade se degrada em imanência: só a morte pode então trazer uma solução. É o sentido do mito de Tristão e Isolda. Dois amantes que se destinam exclusivamente, um ao outro, já estão mortos, morrem de tédio*"⁵.

Um dos eixos que rege o comportamento sexual é a dialética entre uma pulsão à errância versus uma pulsão pela fixação. A dialética de

exclusividade e de variância anima e desgasta toda relação. O preço de uma intimidade é também o tédio. O amor, para o antropólogo Bronislaw Malinowski, é a mais forte, intensa e significativa das experiências humanas: "*Para a pessoa comum e normal, seja qual for o tipo de sociedade em que a encontremos, a atração pelo outro sexo e os episódios passionais e sentimentais que dela decorrem constituem-se nos acontecimentos mais significativos de sua existência, aqueles mais profundamente associados com sua felicidade íntima e com o sabor e o sentido da vida*"⁶.

Esse predomínio da vida passional está ligado, contudo, segundo Malinowski, à realização não somente do objetivo erótico da paixão, mas à busca de uma realização superior: a da intimidade singular da convivência: "*A paixão natural pode impelir um homem e uma mulher à realização da meta final, desafiando todas as regras morais e sociais; isso não desmente, porém, a regra segundo a qual, em nossa cultura, o verdadeiro amor leva os homens e as mulheres, não à satisfação direta e imediata do desejo sexual, mas a uma gradativa mistura dos elementos sensuais presentes em todo amor com a atração espiritual que envolve a pessoa amada considerada em sua totalidade. A intimidade pessoal em uma vida comum de todos os instantes, sancionada pela lei, é o objetivo direto de nossa ideologia romântica, tudo o mais - inclusive as relações sexuais - constituindo uma implicação tácita desse objetivo*"⁷. O drama amoroso ocorre, entretanto, quando essa "intimidade pessoal sancionada pela lei", ou seja, a vida conjugal, enfrenta-se com a polimorfia múltipla do desejo, que insiste em encantar-se com outras pessoas, rompendo a regra da exclusividade matrimonial. A impossibilidade de serem evitados os estados passionais, que continuam a ocorrer após o estabelecimento do pacto conjugal com indivíduos externos ao conúbio legal, resume o terrível drama da tentativa quase sempre frustrada de se domesticar uma pulsão nômade com a sedentariedade doméstica.

O estado passional aproxima-se, pelo seu poder de encantamento, de um estado místico, e o próprio Malinowski, que reconhecera o objetivo superior na nossa cultura de se estabilizar as relações românticas numa convivência aprofundada, é obrigado a reconhecer também a força desestabilizadora do encanto passional: "*Nada, talvez, se pareça tanto com esse estado misterioso*

⁶ MALINOWSKI, Bronislaw. *A Vida Sexual dos Selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.29.

⁷ Idem, p.317.

⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difel, 1960, vol.I, p.426.

e emocionante que designamos pela expressão “ficar apaixonado” como a expectativa mística de uma intervenção miraculosa e de acontecimentos propícios e inesperados que se apodera de qualquer homem, em determinados momentos psicológicos e constitui a base da crença humana na magia (...) O amor, o jogo e a magia têm muito em comum”⁸. Tal relação foi muito presente no estereótipo da bruxaria, constituído não só da orgia sabática mas da preparação de filtros e “ligaduras”, para o encantamento amoroso.

Repetindo um velho axioma shivaísta e dionisíaco, Freud afirma que “a civilização constitui um processo a serviço de Eros”. Combinar, aglutinar, coalescer, agrupar, fundir, congregar unidades cada vez mais amplas da raça humana, eis a tarefa do gênero, o motor do plasma germinativo. Mas, é a própria civilização quem irá comportar-se com a sexualidade como “um povo procede diante de outros que estão submetidos à sua exploração”. A sexualidade recebe duras medidas disciplinares, repressivas e controladoras para tentar se impedir a sua rebelião. Das medidas restritivas adotadas pela civilização, Freud destaca a “insistência na legitimidade e na monogamia”. Segundo ele, “a civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana”⁹.

Essa insistência na monogamia acaba por fazer da atração sexual focada sobre a variância da multiplicidade de objetos uma força culturalmente desagregadora e cuja domesticação parece ser condição necessária para a nuclearização das relações amorosas nas cápsulas matrimoniais.

Em tal sociedade, a manutenção forçosa da conjugalidade como alicerce institucional do sistema da propriedade, acaba por relacionar o amor ao mal, a paixão à doença, a atração ao vício. A compulsão pelo flerte, pelo intercâmbio perpétuo dos fascínios mútuos torna-se vedado, e como tal magnetismo extravasa todas as cápsulas conjugais, é o próprio amor que termina por ser o motivo primordial de todas as “tragédias do leito” de que fala Tolstói, o qual terminou sua vida como um asceta gelado e inimigo do amor.

⁸ Idem, p.342.

⁹ FREUD, S.. *O Mal-Estar na Civilização*. São Paulo: Abril, p.162.

Em *Sonata a Kreutzer*, ele assim se manifesta: “O amor carnal, em quaisquer formas que se apresente, é um mal, um mal terrível, com o qual se deve lutar, e não estimulá-lo, como se faz em nosso meio. As palavras do Evangelho, no sentido de que todo aquele que atenta numa mulher para cobiçá-la já cometeu adultério com ela, não se referem apenas às mulheres alheias, mas, precisamente e sobretudo, à própria esposa”¹⁰.

Em *Ana Karênina*, o adultério será equiparado a um assassinato. Quando Ana e Vronski fazem amor pela primeira vez, Tolstói assim descreve o estado dos amantes adúlteros: “Olhando-o, sentia fisicamente a sua humilhação e não conseguia dizer mais nada. E quanto a ele, sentia aquilo que devia sentir um assassino quando vê um corpo que ele privou de vida. Esse corpo, que ele privara de vida, era o amor deles, o primeiro período daquele amor. Havia algo terrível e repugnante nas recordações daquilo que fora pago com esse terrível preço da vergonha. A vergonha perante a sua nudez espiritual pesava sobre ela e comunicava-se a ele. Mas, apesar de todo o sentimento de horror do assassino diante do corpo do assassinado, é preciso cortar em pedaços, esconder esse corpo, é preciso aproveitar aquilo que o assassino obteve com o assassinio”¹¹. Por isso, em seguida, como assassinos que gozam de seu crime eles voltam a se acariciar multiplicando o gesto hediondo e tornando-o vício.

Essa comparação do amor com o assassinato é correlativa ao destino final das amantes na literatura moderna, onde amar apaixonadamente equivale a suicidar-se. Emma e Ana são apenas duas mártires de uma sociedade que impõem ao desejo feminino o caminho inescapável da morte.

¹⁰ TOLSTÓI, Leon. *Sonata a Kreutzer*. p.114.

¹¹ TOLSTÓI, Leon. *Ana Karênina*. vol.I, p.144.

FRIDA KHALO E O FEMININO: HISTÓRIA E PSICANÁLISE

*Raquel Bambozzi da Silveira**

RESUMO: Este artigo lança um olhar sobre a pintora mexicana Frida Khalo sob uma perspectiva da História e da Psicanálise. Através da História, ele contextualiza sua vida e obra, no momento em que viveu e como hoje estão situadas no imaginário social. Pretende ainda dialogar sob as questões de gênero, o feminino – ainda que, psicanaliticamente não possa permanecer aí. A Psicanálise não entra aqui pela via da interpretação, mas tenta fazer uma construção da pintora e da mulher Frida e o que de uma está na outra, uma vez que na visão pública estas nem sempre andam juntas.

PALAVRAS-CHAVE: História, Psicanálise, Feminino, Gênero

ABSTRACT: This essay is about the Mexican painter Frida Khalo, here focused on a historical and psychoanalytical perspective. Using the History, it contextualizes her life and work, at the time when she lived and how they are today in the social imaginary. It also intends to discuss gender subjects, the feminine, although, psychoanalytically this discussion cannot stop there. The Psychoanalysis is not used here to interpret Frida's works, but to construct the painter and the woman Frida, and to show what of one is in the other, because under the public view they are not always together.

KEY WORDS: History, Psychoanalysis, Feminine, Gender

Vamos em busca do que é o feminino: terreno pretensioso onde qualquer um que nele entrar poderá perder-se, homem ou mulher, na errância de permanecer numa única e repetitiva forma de olhar. Lacan, no Seminário Mais, falando sobre o Gozo, ousou querer saber do Gozo da Mulher. Procurava suas amigas psicanalistas para que pudessem dizer sobre o Gozo delas, que

* Graduada em Psicologia pela UFMG. Trabalha na Diretoria Regional de Saúde de Uberlândia como Coordenadora de Saúde Mental. É psicóloga Clínica com ênfase em Psicanálise.

ele sabia que não se restringia às *questões de foda*. Pedia clemente uma palavra, e nada diziam. Mas, visitou a estátua de Sta. Tereza D'ávila em Roma e concluiu que ali, naquela expressão, ela goza.

Falar da mulher instiga aos homens. Sendo uma mulher instiga mais devido ao gozo que passa pelo Outro, captar este olhar no outro é um gozo desde que não se diga tudo. Desta forma mantém-se um quê de mistério e, assim atua-se como sedutora, como devoradora. Mas se nesta incursão produz-se um saber, este olhar conseqüente torna o produto deste movimento num prazer sublimado, já distante um tanto das intenções meramente pulsionais: prazer intelectual.

O saber sobre a mulher é esquivo; não está pronto, não está disponível e é nisto que faz de sua busca um efeito. Saber sobre a mulher instiga porque é um saber que afeta (que provoca afeto), que enlaça também o masculino no que o feminino lhe mostra sua verdade. Enfim, é um saber que engaja nossa subjetividade.

O objeto deste estudo é a Mulher, ou melhor, Uma Mulher _ ainda pensando em Lacan quando diz que A Mulher não existe ¹ _ a história de uma mulher que fazia auto-retratos. Mostrava-se ai? O que Frida Kahlo mostra em seus auto-retratos é uma mulher bela e exótica, ou a bela feiosa, de olhar enigmático, mas torturada e martirizada por sofrimentos reais ou não. Vida repleta de decepções, frustrações e tragédias que ela fez toda questão que fosse assim manifesta para o conhecimento do público. Sua obra fala de sua vida, ao menos aquela que ela queria que conhecessem. Sua vida é uma obra, ao menos pelo imaginário que tecia ao fazer de suas aparições, performances. Neste sentido, parece zombar um pouco de um observador mais casual, velando também na obra sua personalidade através da utilização de uma simbologia cultural arquetípica. Então, que ela possa nos mostrar mais.

Magdalena Carmen Frieda Khalo Calderón nasceu em 1907, mas algumas vezes, disse ter nascido em 1910. Preferia esta data, por ter sido o ano em que o ditador mexicano Porfírio Diaz foi derrubado por seguidores de

¹ Lacan fala assim referindo-se à primazia do Falo como definidor de posições subjetivas por estarem assujeitados a esta Lei da Castração Fálica. A mulher está Não Toda submetida à lei da castração, mas também não se inscreve fora dela. Não há outra referência sexuada senão a do Falo. Lacan formula logicamente o que Freud desenvolveu a respeito da ausência de uma identidade feminina própria. As mulheres não fazem um conjunto fechado que lhes atribua uma lei comum, um atributo estrito (não cabendo aos caracteres sexuais secundários este estatuto identitário). As mulheres são um conjunto aberto e devem ser contadas uma a uma por não se alinharem totalmente dentro da lógica fálica.

Emiliano Zapata. Era a terceira filha do alemão, Guilherme Khalo e da mexicana, Matilde Calderón, que possuía bastantes traços indígenas. Com 6 anos teve um ataque de poliomielite que lhe afetou a perna direita permanentemente. Quando adolescente costumava deixar-se fotografar usando roupas masculinas contrastando com suas irmãs tradicionalmente vestidas de moças. Argumentava que assim se vestia para disfarçar a diferença entre suas pernas.

Começou a estudar medicina, interrompendo os estudos em razão de um grave acidente sofrido em setembro de 1925, quando estava com seu namorado Alejandro Gómez Arias, por quem nutriu grande paixão. Acamada, começou a pintar casualmente, sem convicção e desanimada por seu estado. Sofreu ao longo de toda sua vida várias cirurgias em busca de melhoria de seu pé que fora esmagado no acidente e de sua coluna vertebral. À dor física mesclavam-se outras dores e angústias.

Em 1929 casa-se com Diego Rivera, famoso pintor muralista, cuja diferença de idade era mais de 20 anos, bem como a diferença do porte também notável - grande, gordo e bonachão. Viveram por alguns anos nos Estados Unidos, lugar que não era nem um pouco do agrado de Frida, o que a fez pintar *Auto-Retrato na Fronteira do México com os Estados Unidos*: Frida mostra-se de vestido rosa e ergue-se como uma estátua à frente do que de um lado está a tradição mexicana e de outro a paisagem tecnológica norte-americana. Lá sofreu um aborto; não podia ter filhos em virtude ao acidente, fato que refletia em sua relação do tipo maternal com Diego Rivera e um tanto dependente dele, no início.

Devido a um romance que Rivera manteve com a irmã de Frida e com outras tantas mulheres, eles se separam, mas por pouco tempo. Em 1937 Leon Trotsky e sua mulher chegam ao México e passam uma temporada na casa do casal, em Coyoacán, lugar que trazia paz a Frida. Coyoacan tornou-se posteriormente um subúrbio da Cidade do México. Trotsky e Frida Khalo tiveram um breve romance neste período. No ano seguinte, Khalo realiza sua primeira exposição individual, na Julien Levy Gallery, em Nova York.

André Breton, em 1939, organiza uma exposição dos quadros de Frida em Paris, tendo sido agraciada pelos cumprimentos de Picasso, Joán Miró, Wassily Kandinsky, entre outros que importam. Foi chamada de Surrealista por Breton, mas Frida Khalo sempre discordou desta classificação dizendo pintar não sonhos, mas sua própria realidade. Ainda no ano de 1939, Frida e Rivera se divorciaram, mas no ano seguinte voltam ao casamento.

Em 1943 a carreira de Frida Khalo parece ter tido um impulso especial: sua obra é incluída na coleção *A arte mexicana hoje*, no Museu de Arte de Filadelfia e exibida na Galeria Art of this Century, de Peggy Guggenheim, em Nova York. Começa a lecionar na Escola de Pintura e Escultura La Esmeralda, do Ministério da Educação, adquirindo uma maior independência financeira em relação a Diego Rivera. A partir daí teve participação em diversas exposições coletivas em seu país. Em 1953, a única exposição individual de Frida Khalo no México realiza-se na Galería del Arte Contemporáneo. Poucos meses depois sua perna é amputada abaixo do joelho em razão de uma gangrena. Em 2 de julho de 1954, Frida, mesmo convalescente de uma broncopneumonia, insiste em participar de uma passeata em protesto contra a intervenção norte-americana na Guatemala. Poucos dias depois, em 13 de julho, provavelmente em decorrência de complicações da broncopneumonia, morre de madrugada.

Frida Khalo foi daquelas mulheres que esteve à frente de seu tempo. Parecia ter um relacionamento privilegiado com o pai, o que provavelmente a estimulou, quando acamada pelo acidente, a pegar o material de pintura dele e começar a pintar os primeiros quadros. Referia-se a ele como exemplo de ternura e de trabalho. Já em relação à mãe parecia nutrir sentimentos ambivalentes. No quadro *A Minha Ama e Eu*, de 1937, Frida pinta uma ama a amamentá-la; ela tem o corpo de um bebê, mas o rosto é de adulta. Tudo ali é distante e frio, realçado pelo não contato olhos nos olhos e ainda pelo rosto da ama estar coberto por uma máscara; os seios são repletos de glândulas mamárias: é meramente o ato de amamentar. A mãe de Frida não pôde amamentá-la pelo fato de a irmã Cristina ter nascido apenas 11 meses depois.

Frida Khalo sempre fora atuante no meio artístico e político, não tanto quanto gostaria, mas possuía um engajamento à sua maneira. Era militante do partido comunista, assim como Diego Rivera. Seus quadros mostram uma preocupação nacionalista muito grande, de admiração à cultura de seu país, além de uma postura crítica bastante forte em relação aos seus vizinhos norte-americanos. Como sempre ela própria está presente em seus quadros, manifestando sua posição diante de situações, lugares e sentimentos sem qualquer reserva. Fumava, bebia, flertava com seus admiradores, vestia ora um fato masculino, ora vestidos longos de tradição mexicana. Usava brincos e colares coloniais ou pré-colombianos e arranjos de flores no cabelo preso. Noutros momentos cortava o cabelo e parecia querer matar a feminilidade que apresentava anteriormente. Era acima de tudo autêntica. A partir do valor estético,

de sua autenticidade, e do teor ideológico, sua obra, a partir de 1983, foi decretada patrimônio nacional mexicano. Suas telas não podem mais ser negociadas no exterior. Seu quadro *Auto-Retrato com Macaco e Papagaio* bateu o recorde de maior valor de venda da arte latino-americana, quando foi vendido em 1998.

Apesar disto Frida não se considerava artista, muito menos surrealista, como queriam alguns. Sua obra é única, por pintar seu drama pessoal, mas também por introduzir elementos nacionais mexicanos através de bichos, frutas tropicais e, por certo, suas próprias roupas. Atualmente, pode-se dizer que sua obra é mais valorizada que a de Diego Rivera, o que na época em que viveram, por uma postura da própria artista, mantinha-se à sombra do marido. Internacionalmente é a artista mexicana de maior reconhecimento. Se Diego Rivera era bastante cultuado quando vivo, a arte de Frida possui um caráter mais universal, por falar com emoção do drama humano. É que Frida Khalo é quase uma lenda e dela parece que querem extrair tudo: de seus relacionamentos afetivos aos atrativos estéticos de sua vestimenta e fisionomia, do simbolismo dos seus quadros à maneira dos surrealistas à sua suposta homossexualidade. Seja pelo mero consumo, seja por um real valor de sua obra, Frida Khalo marcou uma cultura desde sempre exportada, porque foi fora de seu país onde obteve reconhecimento inicial.

O diário de Frida, mantido em segredo desde sua morte, em 1994, teve na Espanha uma edição de luxo, com tiragem limitada e vendido a US\$4.000. Em seguida o diário foi traduzido nos EUA, Alemanha, Finlândia, Suíça e México, além de termos uma edição em português. A vida de Frida Khalo foi inspiração para a montagem de um espetáculo de balé apresentado por uma companhia de Barcelona. Francis Ford Coppola produziu recentemente um filme sobre sua vida. No mundo pop a vida pessoal da artista parece exercer maior atrativo, por ter sido recheada de acontecimentos e incidentes que oferecem aos contadores de histórias uma riqueza a explorar.

Mas não somente por aí está todo o interesse nela. Frida Khalo marcou um estilo de ser mulher nos quadros e na vida, experimentando formas de liberdade, não se deixando rotular aqui ou ali, lutando contra suas dores e contra a opressão colonialista. É verdade que a mulher, por volta dos anos 30, já "botava suas *manguinhas de fora*", mostrando suas canelas, exigindo seu direito de voto aqui e lá (nos EUA a mulher conquistou este direito em 1920) e começam a trabalhar em fábricas. Frida Khalo foi contemporânea destas conquistas coletivas, mas solitária quando exibia no cotidiano sua força de não assujeitamento a certas regras sociais e morais.

Atualmente, é inegável seu valor artístico e seus quadros atingem cifras milionárias de vendas. Exposições de sua obra passam pela Europa, Estados Unidos e chegam até ao Brasil: o impacto visual que seus quadros causam faz com que o mundo queira saber de sua dor, da sua vida, daí, na mesma banca do mercado venderem seu diário, seus quadros, livros de receita de suas festas, moda inspirada em seu estilo. Mesmo que se diga que, mercadologicamente seus quadros adquiriram maior valor após a venda de um deles para personalidades como Madona, é num desejo de querer saber mais do que Frida diz que parece estar seu sucesso. Então não é só por ser moda; Frida Khalo tem algo a dizer. Do que é de mais difícil de dizer ela o faz; até mesmo do indizível, Frida Kahlo mostra-nos o que provoca horror: o real do corpo despedaçado, a mulher, a morte.

Ela vem nos lembrar, à maneira das bruxas, ou dos loucos, da verdade inominável da castração, do lado subterrâneo da alma. Esta vertente, tão presente em sua obra, irá conduzir-nos a querer conhecer este lado obscuro do ser, que, não por acaso é uma mulher quem sempre faz emergir. Através dela entramos no terreno das bruxas, das feiticeiras da Idade Média, das loucas - histéricas, dos Mitos, dos demônios femininos primitivos e das transformações da imagem feminina.

Não cabe à Psicanálise aqui interpretar, mas que ela venha nos auxiliar a querer falar daquilo que não se pode dizer. A Psicanálise, aqui, vai em sentido contrário a Wittgenstein em sua fórmula: "aquilo de que não se pode falar, é preciso calá-lo". Mas sim "aquilo de que não se pode falar, é preciso dizê-lo"².

Frida Kahlo é uma mulher que, pinçada no contexto histórico do momento em que viveu é também um concentrado da herança cultural da representação do feminino que data de milênios. Frida Kahlo, mulher e obra, obra de mulher construída ao longo de curta vida, mulher no semblante, no corpo, na alma. Uma personalidade como Frida Khalo insere-se na história na vertente da História da Cultura. Tema que talvez superficialmente possa ser visto e criticado como supérfluo, ou demasiadamente popular, por Frida Khalo ser moda, tratando de questões periféricas, como o que está em torno da arte da pintora. Mas, justamente por ser moda vem a ser um tema que por si próprio já envolve o imaginário coletivo em torno da moda mesma, do feminino, da arte, da cultura. Um caminho que perpassa a tendência contemporânea

² Citado por Serge André . *O que quer uma mulher?*, ed., 2, p. 10.

bastante consensual da falência dos grandes esquemas explicativos globais, possibilitando a abertura para intermediações transdisciplinares da realidade.

Frida Khalo vem a ser de interesse público por promover a encenação de dramas universais femininos. Vez por outra na história, na arte, na vida isto tende a ocorrer e faz falar. Acontece que Frida Khalo hoje é moda: admirada por personalidades "descoladas" como Madona, inspiração para estilistas *cult* como Jean Paul Gaultier, também *queridinho* de Madonna. Personalidades do mundo *pop* parecem ter visto em Frida Khalo algo também *pop*, no sentido mercadológico. Parecem ter encontrado no público um olhar receptivo para o estranho, para o sentido estético pouco banal. Frida Khalo esteve longe de tornar-se uma beldade típica: se bela, era de beleza exótica, manca, de sobrancelhas grossas e unidas usando vestidos folclóricos do México.

Fazia uma marca no imaginário dos homens e também das mulheres. Mas sua história é protagonizada em filme por belas atrizes (bem, o cinema quer uma boa história, mas não abre mão da bilheteria), é musa de maquiadores, são copiadas suas roupas e nunca foram tão vistos e tão caros, seus quadros. Parece haver uma sintonia imaginária entre o que a pintora expressava em arte e em pessoa e o que hoje é buscado como referência para o estético da moda, da arte. Dos auto-retratos, dimensão individual, das roupas de estilo próprio, o público parece buscar em Frida, no outro, no estranho, sua própria referência. Ou ainda, quando pinta corpos mutilados e ensangüentados, órgãos e fetos ela "arrebenta os tabus do corpo e da sexualidade feminina", palavras do marido Diego Rivera³, para desnudar o horror de cada um ao inominável e, aí, seus quadros já tomam uma medida universal.

A teoria freudiana clássica das pulsões vê na arte o resultado estético, porém sublimado, elaborado a partir de um jogo de forças entre as pulsões e o ego. A obra de Frida Khalo entra neste circuito e é o próprio circuito por onde perpassam as pulsões sob a supervisão de um ego, mesmo que não muito poderoso como o dela. É que sendo denominada surrealista, embora discordasse, sua obra mantém uma maior proximidade com o material que é também conteúdo dos sonhos: o inconsciente. Frida Khalo não parecia possuir um ego grande o suficiente para manter sob fortes amarras suas pulsões. É *d'isso* que são feitas suas obras, e também ela própria; pulsão e paixão. Esta seria a vicissitude que melhor cabe à mulher?

³ Fátima Miranda Nunes. *Cademo Ilustrada*, p. 4-11, 4/3988, 1988.

O gozo do amor, o gozo da dor, o gozo que estranha ao homem e muitas vezes criou mitos, como o de Lilith. Criou também destinos, como o das bruxas na fogueira. O imaginário vence quando estamos em sociedade. A mulher quando fala, quando se expõe, dá seu testemunho de uma outra verdade, por vezes assustadora para o homem. Diante disso, seu destino nem sempre esteve em suas mãos. Não foram muitos os momentos em que as mulheres fizeram-se unir para lutar por algum anseio. Novamente permanece a questão de isto dever-se a este aspecto que Lacan salienta: não se identificarem como grupo; ou ainda o poderio masculino atuante no sentido de manter-se o isolamento, uma solidão identitária?

As mulheres, desde a antiguidade foram tidas como perigosas, desafiadoras da ordem do mundo, porque ela "desencadeia as forças irreprimíveis do desejo".⁴ A mulher é colada a seu corpo e considerada incapaz de fazer abstrações. Essa representação da mulher provoca medos que atravessam o tempo e se enraízam no imaginário da diferença entre os sexos. A cada época essa representação assume formas variadas e diferentes maneiras de se fazerem atuar como uma verdade.

Retornando a Frida, ironicamente ela privilegia o corpo como lugar de metabolização da angústia e da dor, falando disso ao mundo. Porque foi deste mundo externo que uma barra de ferro atravessou, da pélvis ao estômago, seu corpo. Representá-lo parece representar a si no todo, como também ao mundo, ao menos como ela o vê. A fragmentação do corpo é evidente nos quadros e desenhos, mas não se considerando algo de uma estrutura psicótica, este aspecto talvez possa ser visto à luz de uma estrutura histérica, de alguém que não se satisfaz no corpo, que sempre é fonte de frustração, mas mesmo assim nele goza.

Frida privilegiou falar de si como alguém que tenta falar em repetidas sessões de análise e, por certo pela melhor via, a da arte. Possui um estilo e um gosto pelo primitivo nas cenas, ao modo de pinturas de ex-votos: era talvez sua própria maneira votiva de ruminar sua expiação. Mas esta forma de representação era algo também da idiosincrasia do povo mexicano; nisto estava toda inserida na cultura de seu povo

Como homens ou mulheres, a cultura, mais que o sexo, nos designa destinos, segundo uma teoria psicanalítica à Lacan. O simbólico da castração perpassa as ordens do real e do imaginário definindo a inscrição do sujeito no

⁴ Michelle Perrot. *As Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 8

mundo da cultura. Gênero, identidades presentificam-se no campo do imaginário, enquanto que a inscrição do sujeito na linguagem do inconsciente, que é sexual, e não sexuado, fará combinações tão variadas que pode-se falar em uma sexualidade para cada um⁵. Assim, Lacan, falando da mulher como Uma, como singular, enquanto que não se encontra toda na função fálica, até parece crer que a castração imaginária da mulher não repercute no homem. Mas, sabe ao menos como *perverso*, do contrário. O homem é sujeito, porque passou também pela castração simbólica, ou seja, no arranjo que faz na sua sexualidade para lidar com a falta em torno da ilusão imaginária do falo; é igualmente único, portanto.

Para Jurandir Freire Costa, o sujeito não seria a expressão mental e moral de seu sexo, corpo e gênero; pensar assim seria ao mesmo tempo um consolo e um compromisso. "Consolo porque abandonamos os riscos das escolhas éticas, ao deixar que a *natureza sexual* dite os rumos de nossas felicidades; compromisso porque tornar a *diferença de gêneros* uma norma de construção de identidades significa abrigar os órfãos da tradição e reforçar a imagem do sujeito como *apêndice mental* de vísceras, glândulas, metabolismos, circuitos neurais, aparências corporais ou cálculos estatísticos de longevidade."⁶ Jurandir Freire, considera insuficiente a instância do imaginário nas diferenças de gênero para dar conta de identidades sexuais.

Frida Khalo nos mostra que o sofrimento, a loucura da dor é o que nos faz humanos, como teria dito Nietzsche⁷. E isto não é novo na literatura. Longe de querer mistificar a loucura em si mesma, ou a de Frida, o que salta aos olhos em seus quadros é que, não sendo louca no sentido maior da loucura, sua dor aparece crua, como que não recalcada, à maneira dos psicóticos. Seu traje é único, exuberante como querendo subjetivar-se num artifício de semblante, de *mascarada* de feminino, embora também nisto faça poesia⁸.

⁵ Maria Rita Khel. *A Mínima Diferença*, 1996, p. 13.

⁶ *Cademo Mais/Folha de São Paulo*, Outubro, 2000.

⁷ *Idem*, p. 81, citação do *Cademo Mais/Folha de São Paulo*, em 30 de Junho de 1996.

⁸ A tese de Joan Riviere, citada por S. André em *O que quer uma mulher?* É a de que a feminilidade pode servir de máscara para dissimular uma posição fálica, masculina, com o intuito de defesa da angústia: a mulher aí faz-se reconhecer, a princípio, pelo falo paterno para então fazer-se perdoar mediante uma feminilidade de fachada. É sabido que Frida Khalo, quando adolescente, vestia-se de rapaz, mas é também verdade que fez, posteriormente, de seus vestidos uma de suas marcas; este ponto fica em aberto para futuras discussões.

Não sendo artigo único a abordar o feminino, nem Frida Khalo, uma vez que está na moda, tentamos aqui tratar o afeto, que é a loucura da pintora, não afetadamente, mas naquilo que apaixona, porque vasculha o desejo humano e faz deslizar para o querer saber mais disso.

MULHERES SUICIDAS: A POESIA SE ATIRA DO OITAVO ANDAR

Kênia Maria de Almeida Pereira

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre três importantes poetas da língua portuguesa: Francisca Júlia, Florbela Espanca e Ana Cristina César. Todas elas compartilharam destinos idênticos, marcados pela solidão, conflitos amorosos e o suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: suicídio, poesia, conflitos amorosos.

ABSTRACT: This article presents a discussion about three important poets from the Portuguese Language: Francisca Júlia, Florbela Espanca and Ana Cristina César. All of them share identical fate, stressed by loneliness, loving conflicts and suiciding.

KEY WORDS: suicide, poetry, loving conflicts.

Folheando o curioso **Dicionário de Suicidas Ilustres** de J. Toledo¹, pude contar, dentre centenas de personalidades famosas que se mataram como Santos Dummont, Getúlio Vargas, Walter Benjamin, Pedro Nava, vinte e três mulheres poetas que cometeram o ato extremo do suicídio. Dentre elas, as famosas: Virginia Woolf, Ana Cristina César, Florbela Espanca, Sylvia Plath, além das “desconhecidas”: Alejandra Pizamik, Alfonsina Stomi, Unica Zum, dentre outras. A pergunta que fica é sempre a mesma: Por que alguém atentaria contra a própria vida? Ou, por que alguém se jogaria deliberadamente do oitavo andar?

O suicídio sempre suscitou discussões acaloradas e polêmicas. Afinal, somos ou não donos do nosso próprio corpo? Somos ou não senhores únicos de nossas ações? Podemos dar fim à nossa vida quando e como bem entendermos?

* Doutora em Literatura Brasileira pela UNESP – Campus São José do Rio Preto – Professora de Literatura Portuguesa – UNIT/Uberlândia. Participa do Núcleo de Estudos da Oralidade PUC/São Paulo. Kenia@triang.com.br Telefone: 0-xx-34-3215-5378

¹ Publicado em 1999, pela Editora Record.

Para o psicanalista Roosevelt M. S. Cassorla, “é quase impossível cogitar que alguém tire sua própria vida sem que nos desesperemos na busca de explicações e motivos. Porque um suicídio, além de mostrar-nos a realidade da morte, alerta-nos, de modo cruel, de que potencialmente nós também podemos procurá-la. E, sem saber, necessariamente, o que nos levaria a isso...”²

Assim, esta busca desesperada por explicações e motivos que levam pessoas a se precipitarem dos edifícios, ingerirem veneno, atearem fogo ao corpo, sempre fomentou o pensamento de religiosos e filósofos. Para a maioria das religiões, por exemplo, o suicídio ainda representa um tabu, gesto pecaminoso, ofensa grave contra o Criador, e atentado à grandiosidade da vida. Mas para os cépticos e pessimistas com a condição humana, qualquer um tem o direito de não mais querer participar do jogo hipócrita da sociedade, colocando fim à dor de viver como e quando quiser. Cícero, por exemplo, escreveu que só os tolos continuam vivendo quando são extremamente infelizes. Os sábios, pelo contrário, percebem que continuar vivendo de forma intolerável vai contra a dignidade humana. Dentro desta mesma linha de argumentação, Sartre, tal qual Cícero, também enfatiza que:

“Se estou mobilizado numa guerra, essa é minha guerra: ela é minha imagem e eu a mereço. Mereço, antes de tudo, porque podia temer-me subtraído dela com o suicídio ou com a deserção: essas possibilidades extremas devem sempre ser levadas em conta quando é preciso enfrentar alguma situação.”³

Para Émile Durkheim, autor do clássico **Le suicide: um étude em sociologie**, os indivíduos se matam pressionados por uma destas três situações principais: quando não suportam mais o acentuado individualismo em que se fecharam; por lealdade a uma causa determinada política, religiosa ou filosófica ou quando perdem a identificação pessoal com as normas e valores estabelecidos pela sociedade⁴. De todos estes três fatores, o que realmente nos interessa aqui é o último deles: a perda de identificação do indivíduo com a sociedade.

Desta forma, dentre as diversas poetisas que se mataram enfocarei três delas neste artigo: Francisca Júlia, Florbela Espanca e Ana Cristina César. Além do fato de terem se suicidado no auge de suas carreiras literárias, terem

² CASSORLA, Roosevelt M.S. Introdução. In: TOLEDO, J. *Dicionário dos suicidas anônimos*. p.9.

³ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.929

⁴ SANTOS, Washington. *Dicionário de sociologia*. Belo Horizonte: Del Rey, 1995. 2ª ed. p. 185-6.

produzido instigantes poemas em língua portuguesa, todas as três também perderam o interesse em continuar vivendo em uma sociedade com a qual elas não mais se identificavam. Terminaram suas vidas sozinhas, abandonadas e também prisioneiras de intenso sofrimento oriundo da ausência da pessoa amada.

A parnasiana Francisca Júlia é a única que não consta do **Dicionário dos suicidas ilustres**. Talvez porque, com o tempo, ela já não seja assim mais tão ilustre, ou porque sua morte não foi, até hoje, muito bem elucidada. Teria realmente cometido suicídio? Para Massaud Moisés, Francisca Júlia faleceu em circunstâncias pouco claras. No mesmo dia em que deveria ser enterrado seu marido, “voluntariamente ou por erro, (ela) tomara excessiva dose de narcótico”⁵. Francisca faleceu em São Paulo em novembro de 1920 e, segundo cronistas da época, nunca em um sepultamento de uma escritora houve a presença de tantas pessoas. Milhares de admiradores emocionados seguiram o féretro. A nova geração de poetas paulistas compareceu em peso, inclusive “os futuros revolucionários da Semana de Arte Moderna”⁶.

Se na década de vinte, a obra de Francisca era *best seller* e leitura obrigatória entre os que aspiravam à carreira de poeta, hoje nem mesmo os estudantes de Letras sabem quem foi esta figura literária. Logo após sua morte, com a explosão cultural de 1922, junto aos ataques eufóricos dos modernistas contra o apuro formal e os sonetos decassílabos da arte pela arte, a voz poética de Francisca silenciou-se entre os destroços parnasianos. Ela foi ignorada e esquecida pelos mesmos modernistas que a haviam aclamado no passado. Assim, Francisca e também Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, dentre outros, logo depois da Semana de 22, foram silenciados e relegados a segundo plano literário.

No início da carreira, no entanto, por volta de 1890, com os primeiros versos publicados em jornais, Francisca desbroteou a crítica. O estudioso João Ribeiro, por exemplo, não acreditava que uma mulher pudesse elaborar poemas tão vigorosos e, supondo que se tratasse de mistificação, atribui-os a Raimundo Correia⁷. Depois disso, Francisca Júlia publicou dois livros:

⁵ MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987. p.205.

⁶ MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos, 1978. p.339.

⁷ *Dicionário literário brasileiro*. p.339.

Mármore e Esfinges. Para o estudioso e crítico Afrânio Coutinho, a poesia de Francisca “merece referência por ser a única, em nosso meio, que se adapta a todas as condições do Parnasianismo francês”⁸. Uma poesia rica, melódica, mesclada a efeitos plásticos e sonoros. Ela primava pela austeridade formal e pela a impassibilidade, ou seja, seguia a norma de que o bom poeta era aquele que conseguia se manter indiferente à dor e ao sofrimento, como podemos observar nas estrofes que se seguem:

Musa impassível

“Musa! Um gesto sequer de dor ou de severo
Luto jamais se afeie o cândido semblante!
Diante de um Jô, conserva o mesmo orgulho, e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra, ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistício d’ouro, a imagem atrativa,
A rima cujo som, de uma harmonia creba,
Cante aos ouvidos d’alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra.
Ora o surdo rumor de mármore partidos.”

Logo depois do casamento, Francisca abandona a arte parnasiana e se volta para uma poesia mística e didática. Amava imensamente o marido, mantendo por ele um apego excessivo. Afirmava sempre que a vida só fazia sentido ao lado do companheiro e da existência sem sobressaltos, no recanto do lar. Resolve, portanto, se dedicar exclusivamente aos afazeres domésticos, com raros momentos para esboçar seus versos.

Mas, infelizmente, com a morte do esposo tuberculoso, não conseguiu,

⁸ COUTINHO, Afrânio.(org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.6v.p.144.

como propunha no poema acima, manter-se indiferente e austera à dor da perda amorosa. Trancou-se no quarto e, em desespero, deliberadamente ou por descuido, ingere remédios que a levariam à morte.

Mais esquecida do que nunca, é provável que sua poesia jamais volte a freqüentar a primeira página dos cadernos literários. A maioria de seus leitores está morta e sua obra há muito tempo esgotada e fora dos catálogos das editoras. Um final melancólico para quem foi agraciada com um busto na Academia Brasileira de Letras e aclamada como a maior e mais fascinante poeta que o Brasil conheceu.

Dez anos depois da morte prematura de Francisca Júlia, outra poeta, desta vez em Portugal, também não suportando a dor da existência põe fim à própria vida, tomando uma dose excessiva de barbitúricos. Ela abraça, com apenas 35 anos de idade, no auge da carreira literária, a “Senhora dona Morte, aquela que não há mal que não saia ou não conforte”. Estamos falando de Florbela Espanca e o trecho acima são versos seus, aliás, inúmeros deles dedicados à morte.

Para Maria Lúcia Dal Farra, “a dor é, nos escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa quanto em verso, um dos ingredientes mais íntimos e, de certeza, uma recorrência muito poderosa, o leitmotiv mais tocante”⁹. De fato, o tema da dor de existir e não ser compreendida perpassa grande parte de suas estrofes. Com a dor insuportável de permanecer viva e incompreendida, Florbela clama pela morte, talvez a única entidade capaz de interromper para sempre a sua mágoa de viver. Florbela elaborou dezenas de poemas em que o ato de morrer é sempre evocado. O desejo intenso de Florbela é desaparecer para sempre. Voltar ao local da inconsciência, ao paraíso do nada, de onde ela acreditava que nunca deveria ter saído.

É provável que, em se tratando de Florbela Espanca, dificilmente estas afirmações seriam o contrário. Florbela foi sempre uma figura inadaptável e rebelde. Casou-se três vezes; foi uma das primeiras mulheres a se divorciar em Portugal; compôs inúmeras poesias eróticas; cantou os desejos mais ardentes da alma feminina; mantinha um certo desdém por tudo e por todos; fumava compulsivamente e nunca media as palavras para se expressar em público, além de manter uma relação quase incestuosa com o seu próprio irmão. Foi também uma das primeiras vozes marcadamente feministas a se

⁹ DAL FARRA, Maria Lúcia. “A dor de existir em Florbela Espanca”. In: *Revista de Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas: UNICAMP, julho/dez de 1997, p.30.

ouvirem em Lisboa, participando com resenhas sobre a condição da mulher no **Jornal Notícias de Évora**. Tudo isso em um Portugal de reacionária moral salazarista, mergulhado em conceitos carolas e conservadores que jamais aceitou as “esquisitices” de sua mais ilustre escritora. Conseqüentemente, ela sempre foi empurrada para as margens sociais, odiada por seu comportamento agressivo e pela liberdade sexual que emanava de si e de seus versos. Mas, provavelmente, o que mais perturba o leitor, até hoje, é o fato de a escritora clamar insistentemente pela morte de forma lírica e pungente. Florbela, numa espécie de xamã místico, evoca a imagem daquela que nos levará para sempre “em seu regaço”:

“Deixai entrar a Morte, a Iluminada,
A que vem para mim, para me levar
Abri todas as portas par em par
Como asas a bater em revoadas.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,
A que prendeu nas mãos todo o luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar
E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe!, ó minha Mãe, pra que nasceste?
Entre agonias e em dores tamanhas
Pra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti?... Pra que eu tivesse sido
Somente o fruto amargo das entranhas
Dum lírio em que má hora foi nascido!...”¹⁰

Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa (Alentejo) em 1894. Fez o curso de Direito e publicou obras de inegável importância, muitas delas mergulhadas na estética simbolista. Em 1923, saiu **Sóror saudade**. Postumamente, foram publicados **Reliquae**, **Charneca em Flor**, e dois livros de contos, **As máscaras do destino** e **Dominó Negro** (1931).

¹⁰ *Poemas de Florbela Espanca* (edição organizada por Maria Lúcia Dal Farra). São Paulo: Martins Fontes, 1966, p.300.

Casada três vezes e três vezes infeliz. Solitária e incompreendida, Florbela se apegou ao irmão, Apeles Espanca, piloto da aeronáutica. Ambos se amavam de forma exagerada, numa espécie de prelúdio incestuoso e proibido. No dia 6 de junho de 1927, durante um vôo de treino em seu hidroavião, adveio a desgraça. Apeles despencou-se de cerca de 200 metros de altura, no rio Tejo. Desaparecia assim, para sempre, não só o irmão adorado, mas também o equilíbrio emocional de Florbela. Com a morte de Apeles, ela se entregou cada vez mais à depressão e aos remédios para insônia. Chega mesmo a declarar em seu diário:

“Eles vão, e a gente fica e ri e canta e deseja e continua a viver! Mutilados, amputados, às vezes do melhor de nós mesmos, a gente é como estes vermes repugnantes que, cortados aos pedaços, criam novas células, completam-se e continuam a rastejar e a viver!”¹¹.

Amputada de seu irmão, Florbela também despenca para a morte, ingerindo barbitúricos. Morre em 8 de dezembro de 1930, aos 36 anos de idade, no dia de seu aniversário, num simbolismo de recomeço, volta para o inconcebível e o intraduzível. Abraça, finalmente, a entidade que ela tanto evocou. Vai Florbela ficar toda uma literatura de primeiro calibre. É quase impossível ficarmos indiferentes aos seus versos, à sua voz dolorosa, repleta de sensualidade, que repercutirá ainda por muitos anos pelas grades de suas estrofes parnasianas. Vale a pena conferir os poemas presentes na obra intitulada **Florbela Espanca**, da editora Agir, organizada por Maria Lúcia Dal Farra, em 1995. Ali pode-se ler a poesia **Fanatismo**, imortalizada na década de oitenta (quem não se lembra?) na voz do cantor Fagner:

Fanatismo

“Minh'alma, de sonhar-te anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer a razão de meu viver,
Pois tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!

¹¹ GUEDES, Rui. (Org.) *Fotobiografia de Florbela Espanca*. Lisboa: Dom Quixote, 1985, p.197.

Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, os olhos postos em ti, vivo de rastros:
Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: princípio e fim!..."

Deixemos um pouco Florbela Espanca e seu Portugal em nevoeiros e partamos agora para a carioquíssima e não menos rebelde, Ana Cristina César.

Em 1999, ano do lançamento póstumo da **Correspondência incompleta** de Ana Cristina César, a repórter Cynara Menezes perguntava perplexa: "Bela, talentosa e muito amada _que razões secretas guardaria o coração da poeta Ana Cristina César, para pular aos 31 anos do 7º andar de um edifício de Copacabana, no dia 29 de outubro de 1983?"¹²

Tal qual a jornalista Cynara, muitos também se perguntam aflitos sobre as mesmas coisas, principalmente, quando lêem o sedutor livro de Ana Cristina, intitulado **A teus pés**. Dona de um estilo vanguardista, recheado de ironias, deboche, bom humor e erotismo, sua escrita fragmentada vem vestida de cartas, pequenos textos, de quase-poemas. A autora brinca e brinda o leitor de forma lúdica, deixando-o meio atordoado, principalmente quando o pega de surpresa nestes debochados versos:

Arpejos I

"Acordei com coceira no hímen. No bidê com espelhinho examinei o local. Não surpreendi indícios de moléstia. Meus olhos leigos na certa não perceberam que um rouge a mais tem significado a mais. Passei pomada branca até que a pele (rugosa e murcha) ficasse brilhante. Com essa murcharam igualmente meus projetos de ir de bicicleta à ponta do Arpoador. O selim poderia reavivar a irritação. Em vez decidi me dedicar à leitura".¹³

¹² MENEZES, Cynara. "Cartas matam saudade de Ana Cristina César". In: *Folha de São Paulo*, Caderno Ilustrada, São Paulo, 13 de outubro de 1999, p.4.

¹³ CÉSAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Ática, 1999, p.96.

Mas Ana é muito mais que a sedução e o erotismo a escorrer deliciosamente pelos poros da poesia. Ana se preocupa também com a febre do seu próprio fazer literário. Afinal o que é ser poeta? Por que escrever? Escrever para quem? São momentos de perguntas edípicas, numa tentativa de saber e entender o seu estar no mundo. "Afinal, quem sou eu?" Ana pergunta inúmeras vezes, como nestes belíssimos versos metapoéticos:

Samba-canção

"Tantos poemas perdi.
Tantos que ouvi de graça,
Pelo telefone-tai
Eu fiz tudo pra você gostar,
Fui mulher vulgar,
Meia-bruxa, meia-fera,
Risinho modernista
Arranhado na garganta"¹⁴

.....
Ou, ainda, estes "estalos" metalinguísticos em:

Meia-noite, 16 de junho

"Não volto às letras, que doem como uma catástrofe. Não
Escrevo mais. Não milito mais. Estou no meio da cena, entre
Quem adoro e quem me adora".¹⁵

Musa da poesia marginal, militante de esquerda, Ana Cristina, além de ter trabalhado como resenhista nos jornais **Folha de São Paulo**, **Jornal do Brasil**, **Correio Brasiliense** e nas revistas **Veja** e **Isto é**, publicou, em 1979, **Cenas de abril**, **Correspondência completa**, em 1979, **Luvax de pelica**, em 1980 e **A teus pés**, em 1982. Além de dar aulas de literatura, Ana também se enveredou pelos caminhos da tradução. Tradutora da poeta norte-americana Sylvia Plath, coincidentemente, também uma suicida.

Ao contrário da poesia melancólica e evocadora da morte de Florbela Espanca, quase não há vestígios da "senhora dona morte" nos textos de Ana,

¹⁴ idem, p.72

¹⁵ idem, p.107

nem há qualquer vestígio ou pegadas de tendências suicidas. Pelo contrário, há vida, há indagação sobre o amor, sobre o caos da existência, sobre o rio da paixão e da busca do fazer poético. Para Ítalo Moriconi, por exemplo, Ana “desenvolveu desde cedo e ao longo de anos uma fina reflexão sobre a natureza do literário, o que explica o grau de maturidade atingido por seu texto”¹⁶. É o que podemos perceber nestes fragmentos:

“Olho muito tempo o corpo de um poema
Até perder de vista o que não seja corpo
E sentir separado entre os dentes
Um filete de sangue
Nas gengivas”

Ana Cristina nasceu em 2 de junho de 1952, no Rio de Janeiro. Filha de família de classe média alta, Ana cursou Letras na PUC do Rio. Mudou-se para a Inglaterra onde defendeu tese de mestrado sobre tradução literária. Voltando ao Brasil, viveu intensamente os movimentos estudantis e sindicais da década de setenta e oitenta. Intelectual arrojada, militou politicamente não só através de seus artigos polêmicos mas também em suas aulas e resenhas. Mas, infelizmente, logo após a publicação de seu mais importante livro **A teus pés**, em 1982, aliás, obra aclamada pela crítica e cobiçada por leitores mais requintados, Ana Cristina se vê, a cada dia que passa, assombrada pelo fantasma da depressão. Sempre muito ansiosa, sempre muito triste.

Ninguém compreendia porque uma mulher tão bela, com tanto talento, elogiada pelos críticos mais severos, se entregava à descrença e ao tédio de viver. Até hoje é impossível alguém dizer que conhece bem a poesia brasileira contemporânea se nunca leu nada de Ana Cristina César.

Para J. Toledo, Ana se viu de repente em grave crise depressiva devido a um frustrado caso homossexual. Fato esse que acabou por encorajá-la a pular do sétimo andar de seu apartamento onde estava sob os cuidados de uma enfermeira¹⁷.

Fica mais uma vez a pergunta: tal qual Francisca Júlia e Florbela Espanca, teria também Ana Cristina se desesperado com a impossibilidade

¹⁶ MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina César: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p.13.

¹⁷ J. TOLEDO. *Dicionário dos suicidas ilustres*. São Paulo: Record, 1999. p.95.

de realizar plenamente seus desejos com a pessoa amada? Se, com a viuvez, Francisca Júlia percebeu-se incapaz de administrar a própria solidão, Florbela Espanca deixou-se enrodilhar pelo incesto até explodir de amargura com a morte do irmão, temos agora Ana Cristina, que se vê desconcertada e se aflige com a própria homossexualidade. Em cartas escritas para seu amigo e escritor Ítalo Moriconi, Ana confirmava que se via em constantes sobressaltos por estar vivendo um caso de amor com uma mulher. Amor este que não lhe deixava quieta, incomodava-a, virava-lhe a cabeça¹⁸.

Três poetas, três destinos idênticos. As três perderam a identificação com as normas e valores estabelecidos pela sociedade: inadaptadas no amor e na vida social, excluídas e prisioneiras de seus desejos amorosos.

Francisca assombrou os meios intelectuais com sua poesia formal, elegante e irremediavelmente parnasiana. Uma mulher que incomodou muito crítico conservador. Depois da viuvez se viu incapaz de prosseguir escrevendo, faltava-lhe o apoio do companheiro. Florbela Espanca e suas angústias frente à uma Lisboa de perfil reacionário, mergulhada na pestilência do autoritarismo salazarista, chocou meio mundo com seus casamentos, seus divórcios, além do amor incestuoso. Deprimida com a solidão, falece balbuciando o nome do irmão morto. Sua poesia excepcional é, até hoje, fonte inesgotável de interpretações e análises. Ana Cristina vivenciou os anos podres da ditadura militar, suas resenhas políticas alfinetaram o sistema ditatorial. Sua poesia mesclada de inúmeros gêneros literários sacudiu a poesia do sono e da mesmice, além de ter espalhado ventos novos pelas estrofes brasileiras. Aflita com a descoberta da própria homossexualidade, viu-se de repente rejeitada pelo ser amado, procura também na morte o recurso último e único na tentativa desesperada de dar fim ao sofrimento advindo da perda amorosa.

Três mortes trágicas, três vozes líricas. Vão as poetas, ficam seus versos ressoando pela eternidade. Prova de que a poesia vence a morte, sobrevive em metáforas, ritmos e sonhos, interrompendo, muitas vezes, nosso próprio suicídio.

OBS: Agradeço à Professora Daisy Rodrigues do Vale pelo *abstract* e à professora Maria Alcinda Dutra Costantin pelas valiosas observações

¹⁸ MORICONI, Ítalo. *Idem*. p.140.

O POSITIVISMO E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DOS MODELOS FEMININOS: ALGUMAS CORRELAÇÕES COM A MORAL CATÓLICA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉC. XX¹

*Geovana Ferreira Melo**

*Geraldo Inácio Filho***

RESUMO: Nossa pretensão, nesse artigo, é traçar um panorama, ainda que amplo, dos percursos da história da educação feminina no Brasil, analisando também alguns aspectos da legislação, a influência do Positivismo e da formação religiosa. Partimos do pressuposto de que os padrões morais impostos pela Igreja Católica contribuíram, durante muitos anos, para que a mulher aceitasse a condição de submissa ao homem. Nossa pesquisa foi guiada pelo desejo de compreender o “padrão” de mulher imposto pela sociedade patriarcal e de que maneira essas imposições foram consubstanciadas e, por conseguinte, influenciaram o modelo de educação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: história das mulheres, educação, igreja católica, positivismo.

ABSTRACT: Our pretense, in that article, is to trace a panorama, although wide, of the courses of the history of the feminine education in Brazil, analyzing also some aspects of the legislation, the influence of Positivism and of the religious formation. We know that the moral patterns imposed by the Catholic Church contributed, for many years, so that the woman accepted the condition of submissive to the man. Our intention to the we look for a better understanding of the processes educational lived for the Brazilian

¹ As idéias aqui apresentadas fazem parte de um trabalho de pesquisa realizado no Núcleo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação/UFU, que versa sobre a História da Educação Feminina no Colégio Nossa Senhora das Dores, em Uberaba, importante instituição educacional fundada em 1885, pelas Irmãs Dominicanas francesas, que dedicaram seus trabalhos à educação feminina por quase um século.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

** Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do Núcleo de Pesquisas em História e Historiografia da Educação/UFU.

woman, on this last century, it was guided by the desire of understanding the " pattern " of woman tax for the patriarchal society and that way those impositions were absorbed and, consequently, they influenced the model of school education.

KEY WORDS: the women's history, education, Catholic church, Positivism.

... *Esposa, filha e mãe – sincera e amante,
Só ela é quem por nós de amor constante
Padece sem cessar!
Ou na viva alegria, ou na amargura,
É somente a mulher toda a douçura
No bem do nosso lar!...*

*Em paga, pois, da dívida sagrada,
Que por nós contraiu – predestinada
Em toda geração,
Veja ela na luz que hoje lhe damos,
A prova desse amor que lhe votamos,
Na sua educação!...*

L. M. Pecegueiro

Ao buscarmos uma melhor compreensão dos processos educacionais femininos, neste último século, não poderíamos deixar de mencionar a influência do Positivismo com seus traços marcantes na construção da mulher como guardiã da moral, limitada ao espaço doméstico.

À medida em que o Brasil foi se desenvolvendo economicamente, nos primeiros anos do regime republicano, surgiu a necessidade de um alicerce político e doutrinário que conseguisse organizar e fundamentar tal desenvolvimento. Foi então, que alguns grupos organizaram-se a partir do ideário Liberal e outros, no Positivismo estruturado por Auguste Comte. Segundo Clarice Ismério, essas idéias influenciaram grande parte dos intelectuais brasileiros, tanto por seu caráter teórico-filosófico, como teor

republicano². Havia uma rejeição quanto ao sistema de governo monárquico, no sentido de que esse modelo de governo constituía-se em entrave para o progresso nacional, que só seria possível através do regime republicano, o que melhor representou a fase positiva.

A doutrina comteana, difundida como Positivismo, fundamentou-se em um discurso conservador, cujas teses principais giravam em torno da moral, da exaltação do sentimento e do altruísmo, emoldurados por grande rigidez, autoritarismo e disciplina.

O caráter conservador marcou os discursos referentes à mulher e sua posição na sociedade. "Considerando a mulher responsável pela manutenção da moral e pela realização do culto privado, Comte impôs modelos de conduta feminina baseados na mentalidade patriarcal, formada ao longo da História da Humanidade."³ Coube à mulher assumir sua função de *anjo tutelar e rainha do lar*, modelo esse, ditado no *Catecismo Positivista*, no qual Comte pôde delinear, de modo bastante conservador, os contornos da formação feminina, de acordo com o padrão desejável de mulher.

No entanto, para impor tal modelo foi necessária a intervenção direta do Positivismo na educação da mulher o que, de forma menos direta, influenciou a estrutura familiar. A partir dessas determinações, ficou evidente que o lugar reservado à mulher era, em absoluto, o espaço doméstico. Nos domínios do lar a mulher deveria cuidar com esmero da educação dos filhos, dar atenção irrestrita ao marido que, enquanto isso, seria o responsável pela provisão financeira da família. Aliás, Comte considerava que o sustento da mulher pelo homem era a norma fundamental para ordenar a sociedade, pois somente assim cada um estaria ocupando o seu devido lugar, cumprindo, portanto, com seus deveres sociais.⁴

Todos esses argumentos contrários ao trabalho feminino fora do lar foram constantes na difusão da doutrina positivista, que procurou, sempre que possível, destacar o lado ruim da mulher tihosa que trocava sua função principal por uma profissão remunerada. Segundo os positivistas, quando isso

² Cf. maiores detalhes na obra de ISMÉRIO, Clarice. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre: EDPU CRS, 1995, p. 16.

³ Idem, p. 19.

⁴ COMTE, Auguste. *Catecismo Positivista*. In. COMTE, col. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1998, p. 77.

aconteciam, as conseqüências ficavam claramente visíveis, ou seja, a ordem social, ficava abalada, causando a desordem moral.

Analisando o texto do *Catecismo Positivista*, encontramos claramente expresso o discurso doutrinário, no qual a mulher é caracterizada como um ser inferior ao homem. O diálogo entre o sacerdote e a mulher iniciada indica, muito bem, essa proposição:

(Mulher) Pelo que ouvi em nossa conferência preliminar, sinto-me atemorizada, meu pai, por minha profunda insuficiência para a elevada exposição que ides começar [...] minha inteligência se figura demasiado fraca ou pelo menos muito pouco preparada para compreender esta explicação, por mais simples que vos seja dado fazê-la. [...] Ademais, a mãe não poderia conservar assaz a superintendência moral da educação humana se sua própria ignorância a expusesse aos desdêns mal dissimulados de um filho...

(Sacerdote) ... As mulheres e os proletários que a exposição tem em vista não devem ser doutores, nem eles os querem. [...]

(Mulher) Amedronto-me de minha nulidade pessoal ante semelhante existência.⁵

Além da inferioridade intelectual e da fragilidade do ser feminino altamente difundida, a mulher tornou-se um ser assexuado, característica marcante do modelo de mulher proposto enquanto *anjo tutelar*, que exercendo a função de guardiã da moral e dos bons costumes da família deveria ser preservada, mantendo-se imune a todas as corrupções morais do meio externo. Para tanto, deveria casar-se e dar início à sua sexualidade de forma sadia, no cumprimento de suas funções de esposa-mãe. Inclusive, os médicos sanitaristas partilhavam dessa mesma idéia de casamento, pois consideravam também que o sexo somente era admitido em razão da procriação. Assim, a mulher deveria ser instruída para aceitar, naturalmente, sua função social de esposa e mãe. Desprovida de desejos próprios, a mulher deveria acatar as ordens do marido, devotando-se à ele, mantendo sempre seu aspecto angelical.

Todos esses elementos que fizeram parte da doutrina positivista, concorreram para que a formação feminina, mais especificamente, sua

⁵ Idem, pp. 95-99.

instrução fosse organizada, de modo que não possibilitasse à mulher desempenhar outra atividade senão a sua função no lar.

Correlações entre a doutrina positivista e a moral católica

Diante dessas questões colocadas pelo ideário positivista com relação à mulher, consideramos oportuno fazer algumas correlações deste com a moral católica, o que nos permitiu visualizar alguns pontos convergentes.

Apesar do Positivismo e a Igreja Católica se mostrarem aparentemente opostos, percebemos algumas semelhanças ao fazermos uma leitura criteriosa de seus princípios. Enquanto o Positivismo fundou suas bases no discurso científico, a Igreja Católica teve seus valores embasados em fundamentações teológicas. Entretanto, ambos mostraram-se altamente conservadores em seus discursos e práticas relacionadas às questões da moral, da família e do papel social da mulher. Assim, Positivismo e Igreja montaram seus discursos usando cada um suas próprias armas: de um lado a precisão do progresso científico e, de outro, os dogmas presentes na fé cristianizada.

Mas, o ponto de maior afinidade entre essas duas instituições foi a organização da sociedade, cujo alicerce centrou-se na moral autoritária. A formação da família foi considerada como ponto estratégico para a manutenção da ordem social que teve na escola sua continuidade. A imagem da mulher, em ambos os casos foi construída como a guardiã da moral, responsável pelo culto religioso e a harmonia familiar.

Essa imagem da mulher representada no Positivismo como a Virgem Mãe Positivista, foi inspirada na figura de Clotilde de Vaux, obra de Décio Villares datada de 1890, quando esse pintor pôs em prática os desejos de Comte, pintando o Estandarte da Humanidade. A figura foi caracterizada como uma mulher madura, com aproximadamente trinta anos de idade, rosto angelical e filho ao colo. A mulher foi aí representada transmitindo em seu conjunto todo significado de ser mãe.⁶

De forma semelhante, o catolicismo elegeu o modelo da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo para ser seguido por todas as mulheres. Sua representação iconográfica é composta pela imagem de uma jovem trazendo aos braços o Menino Jesus ainda bebê, simbolizando o zelo e ascendência.

Maria, a eleita, prontamente atendeu aos desígnios de Deus sem questioná-los e, sem hesitar cumpriu a tarefa de dar à luz ao Filho de Deus,

⁶ CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas. O Imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 84

continuando imaculada. A Virgem Maria, segundo a Bíblia, foi a escolhida por Deus em razão de suas nobres qualidades, que ela manteve ao longo dos séculos na memória de seus devotos, capaz de rogar pelos pecadores, intercedendo por eles junto à seu filho.

História da Educação Feminina no Brasil: uma história feita de reclusão

No Brasil, com o modelo de família patriarcal dos primeiros séculos após o descobrimento, a educação das moças era bastante rudimentar, sem uma orientação precisa, pelo fato da missão da mulher ser secundária no meio social. Fernando de Azevedo ilustra, com precisão, os contornos mal traçados das vivências que a mulher brasileira foi submetida, durante longos anos, onde as circunstâncias eram ditadas pelo comando do *pater-familias*:

As mulheres, - a matrona ou senhora, com a sua corte de mucamas, [...] e as filhas que não se desprendiam das saias das mães até se casarem quase impúberes, ou se meterem freiras nos conventos, viviam aprisionadas, atrás das rótulas e das portas, na solidão melancólica de seus gineceus, onde estranho algum podia penetrar e donde geralmente não saíam à rua, senão para as festas de igrejas. Submetidas a um regime de clausura, entre pais de uma severidade cruel e maridos ciumentos e brutais e dividindo o tempo entre os cuidados dos filhos, as práticas religiosas, na capela ou nas igrejas, e os serviços caseiros, não podiam ter na Colônia uma condição intelectual diferente da que conheciam as mulheres em Portugal...⁷

Embora o Humanismo da Renascença se insurgisse contra esses padrões, mesmo na Europa, “somente algumas senhoras nobres penetravam no domínio dos estudos literários. Lisboa teve suas primeiras escolas femininas apenas em 1815”⁸. Entre nós, foi somente depois da proclamação da Independência, pela lei de 1827, que foram criadas as primeiras escolas para moças nos lugarejos mais povoados.

A função feminina, nesse período, era bastante restrita. A moça casava-se muito cedo, geralmente, aos treze anos de idade, quando ela devia, com a ajuda de sua mãe, preparar o enxoval. Apenas as moças das classes mais

⁷ AZEVEDO, Fernando. *A transmissão da cultura*: 3ª parte da 5ª ed. da obra *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1976, p. 20.

⁸ LIMA, M. Rose. *Estudo sobre o meio de implantação das Dominicanas de Bor no Brasil*. (mimeo)

abastadas aprendiam as artes domésticas e, algumas vezes, um instrumento musical.

A mulher vivia, então, confinada no lar, isolada da sociedade, sem a capacidade até mesmo de governar sua própria casa. As escravas cuidavam de tudo em seu lugar, até da amamentação de seus filhos. Restava à mulher ser submissa ao marido e, não tinha outra função senão a de procriar vários filhos. Aliás, essa imagem da mulher branca, triste, pálida e fraca, é uma constante na literatura brasileira dos séculos XVIII e XIX.

Já no final do século XIX, quando no período Imperial houve o aceleração do processo de urbanização, principalmente em algumas regiões do Sul e Sudeste, a mulher ainda permanecia reservada ao lar, ao espaço privado. A rua era considerada domínio das mulheres públicas, das vadias, mas era “para os homens, o público e o político, seu santuário. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa”⁹. Desde cedo as meninas se habituavam nos domínios do lar, enquanto que os meninos podiam brincar nos jardins e nas calçadas com outras crianças. As mulheres, nesse período, enfrentaram um grande desafio: conquistar seus espaços, mas, para isso teriam de transpor as paredes da casa, o que implicava em romper com a idéia cristalizada de que o lugar da mulher seria unicamente no espaço doméstico. Durante séculos foi disseminado social e culturalmente que:

Existem lugares praticamente proibidos às mulheres – políticos, judiciários, intelectuais, e até esportivos...-, e outros que lhes são quase exclusivamente reservados – lavanderias, grandes magazines, salões de chá... Na cidade, espaço sexuado, vão porém se deslocando, pouco a pouco, as fronteiras entre os sexos¹⁰.

Parece que a mulher foi, aos poucos, se adaptando à essa nova ordem burguesa, passando a freqüentar lojas e salões de chá. As mulheres das camadas populares podiam circular mais livremente, encontravam-se na rua, no mercado. No entanto, um dos lugares mais importantes de sociabilidade das mulheres era mesmo a Igreja, visitada praticamente todos os dias. Aos domingos participavam dos bazares de caridade, ligados aos ofícios da Igreja.

⁹ PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998, p.10.

¹⁰ Idem. p. 37

Além disso, com base nos novos conhecimentos da medicina e da biologia, o século XIX assistiu à construção de um discurso sobre a existência de duas “espécies” com habilidades específicas, naturalmente reconhecidas no homem como “portador de um cérebro mais desenvolvido”, dotado de razão lúcida e plena capacidade de decisão. Às mulheres, restava a capacidade “intuitiva”, o coração, a sensibilidade. Assim, haveria “na divisão sexual uma racionalidade harmoniosa”¹¹ que ao ser exercitada por homens e mulheres, na consecução de suas tarefas e na prática de suas funções, mostravam a cada um – homens e mulheres, seu lugar na ordem natural do mundo.

Entretanto, o processo de urbanização, o crescimento demográfico das cidades e as constantes transformações sociais ocorridas no final do século XIX, passaram a sinalizar para a educação da mulher como meio possível de criar condições para o progresso e ordenação do país. A mulher passou a ser vista como a grande responsável pela educação dos homens e conseqüentemente, pela ordem social. José Veríssimo, ao discutir o assunto, afirmava que:

*...o primeiro e principal educador do indivíduo, desde o seu nascimento, e até ainda bem antes, até a sua morte, é a mulher, segue-se, logicamente, necessário, que a educação da sociedade deve começar pela educação da mulher*¹².

Mais adiante continuou argumentando que:

*Cumpre, em suma, tirar a mulher brasileira da quase ignorância em que a sua imensa maioria jaz [...] Não esqueçamos jamais que é ela a primeira e imediata educadora do homem e, para educar, a primeira condição é saber*¹³.

A partir dessas idéias, podemos compreender a direção “utilitarista” que foi dada aos contornos opacos da educação feminina. Ou seja, para bem

¹¹ ARCHANJO, Léa R. *Gênero e Educação*. Relações de gênero no Colégio Estadual do Paraná (1950/1960). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 15.

¹² VERÍSSIMO, José. A educação da mulher brasileira. In. *A educação nacional*. 3ª ed, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 116.

¹³ Idem, p. 129.

educar o homem, devia-se educar e formar, antes de tudo, as mulheres. E o que restava às necessidades dessa mulher, seus anseios, suas aspirações? Quase nada, além do aprendizado das necessárias prendas domésticas e poucos conhecimentos das ciências humanas.

Esse discurso permeou, durante longos anos, os processos educacionais femininos. Além disso, a mulher foi considerada como sendo “de natureza mais nervosa, de uma sensibilidade mais aguda, como parece até cientificamente provado, é por isso mesmo menos consistente e mais volúvel”¹⁴. Assim, caberia à educação escolar “moldar” essa mulher inconsistente, afim de prepará-la para assumir o mais nobre e glorioso de todos os deveres pátrios: educar os homens.

Para José Veríssimo, os programas de educação deveriam ser organizados de modo a atenderem a duas condições: o interesse do educando e o interesse da coletividade. Tais interesses, segundo esse autor, eram guiados pela natureza das funções que se ocupa na sociedade. No caso do homem, sua principal função era a de provedor material da família, enquanto que:

*A mulher brasileira, como a de outra qualquer sociedade da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural do seu marido, guia da sua prole, dona e reguladora da economia em sua casa, como todos os mais deveres correlativos a cada uma destas funções.*¹⁵

Os anseios da sociedade patriarcal, em relação à função feminina na sociedade estavam postos e impostos. Tendo em vista o exercício proveitoso dessas funções, a instrução feminina deveria ser integral e enciclopédica. Esperava-se que a mulher soubesse um pouco de cada coisa. Não era necessário, de acordo com Veríssimo, que a mulher se aprofundasse em nenhuma das ciências, bastava que obtivesse conhecimentos básicos sobre as leis gerais da ciência “para o que a sua inteligência, que eu continuo a reputar inferior à do homem, acaso a tornaria incapaz”¹⁶. Esses parâmetros

¹⁴ Idem, p. 121.

¹⁵ Idem, p. 122.

¹⁶ Idem, p. 123.

foram ditados no sentido de legitimar uma educação diferenciada para os sexos o que, de certa forma, resultou na criação e abertura de inúmeras escolas masculinas e femininas, na intenção de proporcionar à cada intelecto o melhor alimento para suas aptidões. No caso dos homens, o pleno desenvolvimento de sua capacidade racional e, das mulheres, o despertar de seus talentos femininos para as tarefas domésticas que a natureza, prontamente, as dotou.

Nessa perspectiva, podemos declarar que a Igreja Católica mostrou-se grande aliada da oligarquia, pois, foi ela quem forneceu bases e ditou parâmetros para essa formação diferenciada dos sexos, considerando, inclusive, que o regime de co-educação seria uma verdadeira afronta aos princípios cristãos. Para Manoel, a grande questão da oligarquia era como educar suas filhas no mundo moderno, sem permitir que a modernidade as cooptasse, subvertendo as relações familiares. Essa resposta foi prontamente atendida pelos princípios da Igreja, pois:

...o catolicismo conservador partia do suposto de que as leis divinas e naturais teriam estabelecido as tarefas domésticas como domínio próprio das mulheres e as atividades sociais e cívicas como domínio masculino, com a preponderância das últimas sobre as primeiras¹⁷.

Sendo assim, não haveria dúvida de que homens e mulheres deveriam ser instruídos em lugares distintos, de maneira diferenciada. Não obstante, a pedagogia católica foi sendo dotada de estratégias, cada vez mais refinadas, para cumprir suas metas. De um lado, atender à necessidade premente das camadas sociais favorecidas de educar seus filhos e filhas e, de outro, a partir do controle exercido sobre a produção e distribuição do conhecimento, a Igreja manteve sua primazia, o que proporcionou a continuidade do movimento de cristianização da sociedade, abalado, de certa forma, pelos progressos da ciência. Principalmente, o humanismo renascentista, que embora não negando a existência de Deus, concebeu o Homem como o centro de suas investigações.

Desta forma, todo o aparato metodológico e curricular concorreu para estimular cada sexo a um maior progresso de suas capacidades, cujo objetivo

¹⁷ MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina (1859-1919)*. Uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1996, p. 32.

maior foi o cumprimento da função social de cada ser, homem ou mulher, de acordo com as funções pré-estabelecidas. SCHWARTZMAN cita a Conferência de Gustavo Capanema, demonstrando a ênfase do tratamento dado à educação das mulheres:

Os poderes públicos devem ter em mira que a educação, tendo por finalidade preparar o indivíduo para a vida moral, política e econômica da nação, precisa considerar diversamente o homem e a mulher. [...] A educação a ser dada aos dois há, porém, de diferir na medida em que diferem os destinos que a Providência Divina lhes deu. Assim, o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida no lar. A família constituída pelo casamento indissolúvel é a base de nossa organização social e por isto colocada sob a proteção especial do Estado. Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói...¹⁸

A atenção diferenciada que Capanema concedeu à educação das mulheres, se constituiu de dois fatores: a proteção da família e a preparação adequada da mulher para assumir sua missão de “rainha do lar”. Entretanto, não podemos desconsiderar certo progresso demonstrado nas diversas propostas e projetos de Capanema, que foram desde a divisão extrema dos papéis masculino e feminino, até uma atitude mais conciliatória que passou a admitir, em 1942, o regime de co-educação, ainda que em casos excepcionais.

Além disso, o projeto do “Plano Nacional de Educação de 1937” previa a existência de um ensino dito ‘doméstico’, reservado para meninas entre 12 e 18 anos, e que equivaleria a uma forma de ensino médio feminino¹⁹. Esse ensino tinha como conteúdo principal uma formação prática e era destinado, principalmente, a mulheres de origem social mais humilde. Tais conteúdos ministrados serviam para reforçar, ainda mais, o lugar e a posição a ser ocupada pelas mulheres na sociedade.

¹⁸ Conferência proferida por Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública do Governo Getúlio Vargas, por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, em 2 de dezembro de 1937, citado por Schwartzman, Simon et. all. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 107.

¹⁹ Idem, p. 108.

Aliás, o argumento de que a função feminina seria exercida apenas nos domínios do lar, persistiu durante várias décadas, até meados do século XX. O discurso proferido pelo Dr. Whady, em ocasião da Formatura das Normalistas/1939 do Colégio Nossa Senhora das Dores, ilustra bem essa idéia:

Para preveniros males futuros da sociedade, os golpes dos extremismos bárbaros, necessário se faz preparar a infância com educação exemplar, com virtudes de trabalho honrado e sobretudo com exemplos de moralidade e de honestidade no lar, dados principalmente pelas mães de família. Cabe, portanto, à mulher o papel mais importante na evolução e no progresso da humanidade, pois é ela quem prepara o seu futuro e o futuro das gerações que surgem. Ela não é assim inferior, em absoluto, ao homem; se ela é mais fraca no físico, é mais forte no amor à família [...] É a mulher, principalmente quando mãe, um mar imenso de renúncias.²⁰

A educação foi cuidadosamente planejada e articulada de modo que as moças pudessem, muito bem, “ocupar os seus lugares”. A determinação dos papéis femininos acontecia na sutileza dos métodos de ensino, nas relações sociais, nos artigos jornalísticos, nos discursos, dentre outros espaços acessíveis à compreensão das mulheres.

Considerações gerais

Por volta do século XII, a Igreja Católica concedeu à Virgem Maria o título de Nossa Senhora. De acordo com as graças alcançadas pelos devotos, passou a ser invocada: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora dos Aflitos e assim por diante, dependendo da graça que o fiel pretendia obter ou do santuário em que era venerada.²¹

Ao confrontarmos os modelos idealizados tanto pelo Positivismo, quanto pela Igreja, percebemos uma grande correlação entre estes: ambos refletem em suas representações a imagem da mulher perfeita - *rainha do lar* e *anjo tutelar*, que deveriam ser seguidos por todas as mulheres culminando, assim, na pedra fundamental das funções femininas, quais sejam: esposa, mãe e educadora.

²⁰ Discurso proferido pelo padrinho da turma de normalistas/1939 do Colégio N. Sra. das Dores, publicado no *Jornal LAVOURA E COMÉRCIO*, Uberaba-MG, 05/12/39, p. 2, ano 41.

²¹ ISMÉRIO, op. cit. p. 38.

Apesar de Comte ter criticado a educação e a moral religiosa por considerá-las atrasadas e inúteis, em sua doutrina seguiu princípios bem parecidos, principalmente em relação à educação das jovens.

Desta forma, a Igreja, assim como os positivistas, preocuparam-se demasiadamente com a formação das moças para que, no futuro pudessem ser boas mães de família, esposas abnegadas, difusoras da fé e dos princípios cristãos. Para ilustrar esses objetivos, destacamos uma matéria veiculada pelo *Jornal Gazeta de Uberaba*, datado de 1901, referindo-se ao Colégio Nossa Senhora das Dores, no sentido de divulgar as finalidades da educação daquele estabelecimento de ensino:

Tem por fim este Collegio a formação de boas mães de família, e de criadas ou servas que possam (sic) vantajosamente substituir as escravas. Receberá pois, o Collegio meninas de famílias ricas, orphãs e ingenuas no internato e no externato, em divisões bem distinctas. Objecto de uma solícita e sempre maternal vigilância, as educandas estarão constantemente sob as vistas de suas mestras, presidindo estas a seus trabalhos escolásticos e manuaes, como às suas refeições, recreios, etc. Para este fim, pede-se o apoio dos paes, que tão facilmente podem auxiliar as Irmãs a combater o luxo desordenado, que tantos males causa à família. As horas de estudo e de recreio são distribuídas de sorte que as meninas possam (sic) alternativamente passar do trabalho manual ao estudo sem prejuízo para sua saúde...²²

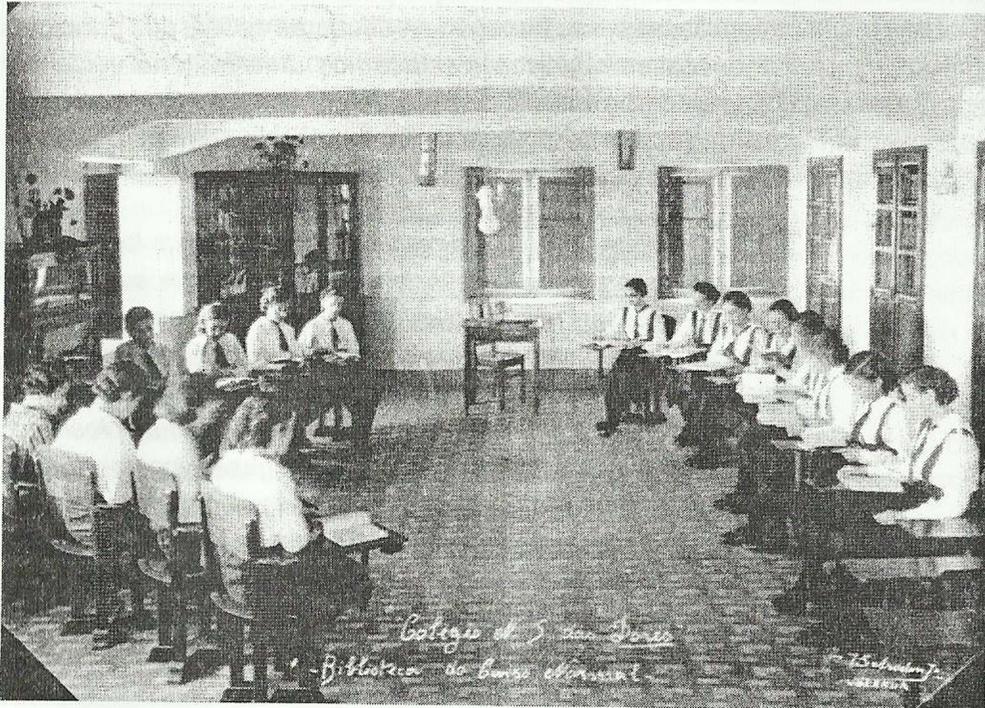
Os desígnios da educação dominicana, em relação ao modelo educacional feminino foram amplamente difundidos e aceitos em toda sociedade uberabense da época. Fica claro que, tanto positivistas, quanto católicos, desejavam um mesmo padrão de mulher e para atingir esse objetivo planejavam, muito bem, as estratégias para alcançá-las, sendo a escola um dos espaços principais.

Nesse sentido, a instituição escolar foi considerada como *espaço privilegiado* para a difusão do saber e manutenção da ordem social vigente. A escola, foi permeada de práticas e processos nos quais, a sociedade pôde fazer cumprir seus anseios, moldando, dentro dos padrões conservadores, a formação de uma mulher preparada para as doçuras do lar e da maternidade.

²² O texto foi transcrito *ipsis litteris*. A cópia desta matéria veiculada pela *Gazeta de Uberaba*, encontra-se no álbum de recortes organizado pelas Irmãs Dominicanas – Arquivo do Colégio Nossa Senhora das Dores.

A (RE)CONSTRUÇÃO DA CULTURA HOMOSSEXUAL NA PERSPECTIVA DAS REVISTAS GAY

Edmar Henrique D. Davi
Jane de Fátima S. Rodrigues**



RESUMO: Este texto trata da avaliação das concepções divulgadas nas Revistas *G Magazine* e *Sui Generis* sobre a homossexualidade masculina.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade Masculina; Revistas Gays; Cultura Homossexual, Heterossexualidade.

ABSTRACT: This paper aim to evaluate the conceptions showed on *G Magazine* and *Sui Generis* magazine about male homosexuality.

KEY WORDS: Male Homosexuality, Gay Magazines, Homosexual's Culture, Heterosexuality.

As concepções em torno das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo variam com o tempo. Assumindo diversos significados, a homossexualidade vem sendo abordada constantemente pela mídia, o que torna sua representação pouco esclarecedora para as pessoas que a praticam. Ao analisar os diferentes discursos que fizeram do homoerotismo objeto de estudo, percebemos que estes reproduziam características do discurso heterossexual dominante. Assim, as ciências biológicas criaram o termo homossexual, no século XIX, para classificar as pessoas que se relacionavam sexual ou afetivamente com outras do mesmo sexo fisiológico.

A pederastia ou sodomia, que no período medieval foi considerada pecado contra natureza ou crime, agora passa para o status de doença e são criadas para ela, medidas de busca etiológica e de tratamento. Persistindo com esta noção de enfermidade, a Psicanálise e a Psiquiatria construíram

* Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia e bolsista do PIBIC/CNPq.

** Integrante do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher- NEGUEM/UFU.

teorias na investigação clínica para responder aos questionamentos referentes ao homoerotismo.

Na busca por respostas, algumas ciências, utilizaram-se de diversos meios investigativos e até desumanos, para compreender as variáveis influenciadoras na determinação do homossexualismo. No estudo deste comportamento, como também da sexualidade em si, recorreremos às ciências de cunho antropológico que indicam que as práticas sexuais apresentam-se diferentemente nas várias culturas humanas, sendo concebidas por valores peculiares a cada civilização

A divulgação da homossexualidade na mídia atual, principalmente a escrita e não especializada como, jornais e revistas populares, traz uma outra forma de interpretação. Veicula-se a existência de um mundo homossexual diversamente contrário ao heterossexual. Cria-se a imagem de uma cultura homogênea onde, seus(as) integrantes são identificados(as) por sua orientação sexual que representaria a totalidade dos comportamentos e da personalidade das pessoas que se assumem como homossexuais dando validade a uma subjetividade gay ou lésbica distinta da heterossexual.

Os valores e as crenças que circundaram as práticas sexuais e o sexo durante a História da humanidade são inumeráveis. A ênfase atribuída à prática heterossexual a partir do início do século XIX, está ligada à exigência para a formação das famílias burguesas e ao acúmulo de mão-de-obra, acarretando múltiplas conseqüências para os adeptos de outras formas de sexualidade. O contato sexual ficou restringido à esfera do coito reprodutivo entre homens e mulheres, e tudo que escapava a esta norma passou a ser considerado desviante e merecedor de investigação e de tratamento.

O contato afetivo e/ou sexual entre pessoas do mesmo sexo durante os períodos civilizatórios da humanidade também sofreu diversificadas concepções. As pessoas adeptas de tais práticas possuíram status discrepante, que variou num continuum de aceitação ou segregação, nas múltiplas culturas existentes.

O homoerotismo é revelado de diferentes formas e por diversos saberes na História das civilizações ocidentais. Na Grécia Antiga o contato afetivo e pedagógico entre um adulto e um jovem era considerado uma instituição na cultura grega. Assemelhava-se a uma permuta de favores, onde um obtinha aumento de seus conhecimentos e habilidades e o outro recebia em troca, a beleza e as carícias do jovem aprendiz. Esta prática era denominada

pederastia e possuía normas e regras para se realizar.¹ O que é notável na cultura grega, e será omitido pelas posteriores, é a indiferenciação entre os sexos como objeto de desejo. Os cidadãos gregos poderiam obter prazer com outros homens e com suas esposas e amantes².

Seguindo esta tradição, os cidadãos romanos praticavam o coito sexual com escravos, mulheres e prostitutas e, por isso, não recebiam qualquer sanção judicial ou moral. O papel passivo nas relações com os escravos masculinos era o único motivo de desonra e de desgosto perante a sociedade romana³

Com o advento do Cristianismo, o contato entre pessoas do mesmo sexo passou a ser objeto de sanções maiores⁴. A sodomia, denominação presente nos evangelhos para tais práticas, passou a ser coibida. Categorizada como pecado e crime contra a natureza entrou para o rol das penalizações. Estas eram executadas através do aprisionamento, da excomunhão, da morte nas fogueiras, do desterro, do confisco de bens e de outras atrocidades.

A partir do início da Idade Moderna os sodomitas foram perseguidos pelos instrumentos jurídicos. De pecado a crime, a sodomia foi reforçada pela moral burguesa que se instalava juntamente com as forças cristãs romanescentes da Reforma Protestante. Os pederastas ou sodomitas nos séculos da modernidade foram amplamente discriminados e perseguidos pelas instituições que pregavam a norma burguesa do sexo para a reprodução dentro do casamento heterossexual.

Na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento das ciências positivas, novas concepções para o homoerotismo foram criadas mas, permaneceram as antigas noções de crime e pecado que se desenvolveram paralelamente.

Nos anos 60 do século XIX surgiu o termo homossexual para designar as pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo e que faziam parte de um conjunto de "desviantes sexuais". As ciências passaram a

¹ DOVER, K. J. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

² FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 5 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

³ VEYNE, P. "A Homossexualidade em Roma" In: ARIÈS, P. e BÉJIN, A. (Orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 39-49.

⁴ RICHARDS, J. *Sexo, Desvio e Danação. As minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

considerar os homossexuais como um grupo homogêneo de sujeitos semelhantes na sua constituição orgânica e psicológica: uma nova espécie sexual⁵. As ciências médicas, preocuparam-se em descobrir a etiologia do homossexualismo através de experiências e buscaram formas de tratamento para essa 'enfermidade'.

Cientistas das áreas da Biologia e Medicina, como endocrinologistas e logistas efetuaram exames minuciosos nos corpos dos homossexuais com o intuito de encontrar deformações ou sinais que indicassem as causas determinantes da perversão sexual. Juntamente com o aparelho jurídico, logistas e psiquiatras promoveram o encarceramento de diversas pessoas ditas homossexuais para que fossem tratadas de sua doença.

Semelhante a esses saberes, a Psiquiatria e a Psicologia, mais especificamente a Psicanálise, nos fins do século XIX e início do XX, criaram teorias que pretenderam explicar o comportamento homossexual como resultante de experiências infantis traumáticas ou de um desvio no desenvolvimento psicosexual.

Sigmund Freud⁶ criou um arcabouço teórico no intuito de desvendar a gênese das perversões sexuais, inclusive do homoerotismo, o qual designava por inversão. Do modo mesmo que as ciências médicas, as psicológicas não obtiveram sucesso na investigação sobre o homossexualismo. Dessa forma, as diversas suspeitas para causas e tratamentos não tiveram sustentação prática e teórica no estudo da homossexualidade. Apesar do fracasso científico, o preconceito e a discriminação permaneceram, e as pessoas caracterizadas como homossexuais continuaram a ser consideradas doentes e principalmente possuidoras de distúrbios mentais.

A inclusão da homossexualidade nos manuais de Psiquiatria gerou nos grupos de conscientização homossexual, indícios de revolta que inflamaram as discussões sociais na segunda metade do século XX. Juntamente com os movimentos feminista e negro, as manifestações dos homossexuais adquiriram força em vários países do mundo, principalmente, a partir da década de 60 deste século.

Nos anos de 1970 a Associação Americana de Psiquiatria retirou o homossexualismo do Manual Diagnóstico de Doenças (DSM-III) a partir da

⁵ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 5 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁶ FREUD, S. *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. VII.

pressão dos grupos organizados e da sociedade norte-americana. As reivindicações dos grupos homossexuais se referiam ao fim do preconceito e da discriminação, ao reconhecimento da identidade homossexual e aos direitos das pessoas assim declaradas.

Com o objetivo de esclarecer as questões sobre o comportamento homossexual e as crenças que o cercavam, a Antropologia, as Ciências Sociais, a História e outras disciplinas do conhecimento resgataram investigações realizadas no início do século XX em diversas culturas diferentes da ocidental. A partir desse enfoque etnográfico compreendeu-se que as crenças em torno das práticas sexuais, e especialmente da homossexualidade, não produtos dos tempos históricos e que variam com as culturas e sociedades onde estão presentes.

A contestação dos movimentos homossexuais também veio corroborar essa visão sobre a sexualidade humana. A afirmação da identidade homossexual, que foi usada como instrumento de aceitação pelos manifestantes nas décadas de 70 e 80 do século passado, tornou-se a bandeira dos grupos organizados na reivindicação de direitos pelas pessoas que se declaravam como tal⁷. Ao final de 1980, a homossexualidade foi exposta a uma grande visibilidade com o advento da AIDS e com o grande número de homossexuais atingidos. A intolerância e a segregação da sociedade aumentaram surpreendentemente⁸.

As pessoas que se declaravam homossexuais passaram a conviver em guetos, onde a inclusão ocorria devido à orientação sexual. A partir da visão estabelecida pelos estudos das ciências antropológicas, passou-se a perguntar qual a validade do assumir-se homossexual perante a sociedade. A defesa da identidade trouxe para o(a)s manifestantes nos anos 70 a conquista de direitos e visibilidade. No entanto, agora ela traz o enclausuramento das pessoas em guetos e em categorias segregadas.

Pesquisas recentes preocupam-se com o fechamento das pessoas em categorias socialmente construídas que fazem aumentar a discriminação e reduzem a sua participação na sociedade. Há também a exploração

⁷ MACRAE, E. *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Unicamp, 1990.

⁸ TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 2 ed., São Paulo: Max Limonad, 1986.

capitalista a partir do momento que se caracterizou o meio homossexual como um filão de negócios para as empresas de bens e serviços⁹.

Ao analisar as mensagens que a mídia traz sobre a homossexualidade e problematizar os aspectos sobre a sexualidade de forma geral, percebe-se a maneira como os meios de comunicação tratam os homossexuais e como se dá sua aceitação pelo imaginário social. Através da leitura de jornais e revistas não especializadas e dirigidas para o público geral, observamos que as mensagens divulgadas indicam a existência de um grupo homogêneo que possui na orientação homossexual o pilar de sua caracterização. É através desta constatação que perguntamos: há um entendimento sobre o comportamento destas pessoas?

Para o imaginário social os homossexuais possuem, aparentemente, comportamentos iguais entre si e agem diferentemente das pessoas heterossexuais. A mídia no entanto, não proporciona discussões que beneficiem o homoerotismo e tragam possibilidades de redução do preconceito. Observamos diariamente a imagem estereotipada de homossexuais que são representados como figuras 'escrachadas' e vulgares em telenovelas e programas de humor. O gueto homossexual também é aceito enquanto um foco de consumo para produtos e serviços especializados.

Essas duas formas de aceitação da homossexualidade não trazem respostas para as pessoas que estão preocupadas com a sua orientação sexual e, não modificam as concepções preconceituosas que as afligem.

O comportamento homossexual ganhou maior visibilidade no Brasil, a partir da edição de várias revistas dirigidas para um público específico e com alto poder de consumo. Estas revistas trouxeram diversas questões para se repensar a sexualidade e os valores que norteiam nosso cotidiano.

A partir da análise da mídia de forma geral, nosso estudo se dirigiu mais diretamente para duas revistas que possuem grande circulação no meio brasileiro e alcançaram grande sucesso de vendagem. A *G Magazine* e a *Sui Generis* tornaram-se notórias na mídia nacional e trouxeram a proposta de desconstruir as concepções que circundam o comportamento homossexual. Fizemos dessas revistas nosso objeto de estudo e procuramos compreender de que forma as suas mensagens tentam alcançar seus leitores e provocar

⁹ POLLAK, M. "A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?" In: ARIÈS, P. e BEJIN, A. (Orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 54-75.

discussões que diminuam o preconceito, a segregação e a violência contra os(as) homossexuais.

METODOLOGIA

MATERIAL DE ESTUDO:

- 32 revistas sendo, 12 *G Magazine* e 20 *Sui Generis*
- 10 entrevistas com leitores das revistas, do sexo masculino, na cidade de Uberlândia.

INSTRUMENTOS:

Construímos dois instrumentos de análise, um para as revistas que nos auxiliaram no conhecimento da estrutura das mesmas e um questionário com questões sócio-demográficas e outras referentes às leituras promovidas pelos leitores.

PROCEDIMENTOS:

As revistas foram obtidas através de empréstimo por alguns leitores. Pretendíamos analisá-las, através de uma por trimestre, no entanto, não conseguimos as coleções ou números suficientes de exemplares. Desse modo, optamos pela leitura de exemplares que mais se aproximavam da periodicidade trimestral e para complementar a quantidade de 32 revistas escolhemos outros números aleatoriamente. A análise seguiu os critérios do instrumento apresentado no anexo I. Os itens foram anotados conforme apareceram em cada número. Desse modo, conseguimos avaliar qualitativamente, a partir da interpretação dos dados, a estrutura das revistas e os resultados serão apresentados na seção referente a esta avaliação.

As entrevistas foram realizadas com os leitores nos locais de trabalho, em suas casas ou por amigos dos pesquisadores devido ao constrangimento que a revelação da leitura de tais revistas ainda provoca em muitas pessoas. As respostas foram agrupadas por proximidade para facilitar o trabalho e comporão a parte de avaliação das entrevistas.

ANÁLISE DAS REVISTAS:

Antes de passarmos a análise dos dados, faz-se necessário contextualizar a criação das revistas, bem como, as principais informações sobre as mesmas. Em seguida, faremos uma comparação entre suas estruturas a partir dos resultados obtidos apontando as diferenças nas mensagens por elas veiculadas.

A *Sui Generis* apareceu no cenário nacional no ano de 1995 a partir da realização do 3º Mix Brasil, Festival de Manifestações da Sexualidade em São

Paulo. A proposta da revista consistia na divulgação de reportagens de qualidade desviando-se do padrão erótico das demais dirigidas ao público homossexual. Mantendo uma periodicidade, inicialmente mensal e mais adiante semanal, a *Sui Generis* foi vendida ao preço médio de R\$ 4,50¹⁰ alcançando 55 edições, nos seus 6 anos de existência. Esta revista teve o seu último número publicado em maio de 2000¹¹.

A *G Magazine* surgiu em 1996 substituindo outra revista da mesma editora, denominada *Bananaloca*. Atualmente ultrapassa as 34 edições, tendo periodicidade mensal e tiragem aproximada de 100 mil exemplares, vendidos a R\$ 6,90. A *G Magazine* apresenta como 'atração' principal nas suas 116 páginas, além de reportagens e entrevistas, fotos de nu masculino onde os modelos são fotografados com o pênis ereto. O sucesso desta revista está ligado à presença de pessoas conhecidas nacionalmente e que fazem aumentar de forma significativa a venda de exemplares. Destacaram-se as edições que trouxeram os jogadores de futebol Vampeta, Dinei e Roger, e outros personagens da mídia, como o ator Mateus Carrieri e o atleta Robson Caetano.

A partir da leitura de cada revista e do conhecimento de suas estruturas, podemos destacar alguns pontos que distanciam a *Sui Generis* e a *G Magazine*.

A proposta da *Sui Generis* deteve-se na divulgação de informações críticas que fizessem o seu público entender a sua orientação sexual e outras formas de sexualidade humana. As discussões presentes aliavam a arte à sexualidade para sua melhor compreensão. Através de artigos sobre cinema, teatro, literatura, música, etc, passava-se a imagem de uma revista politizada e elitista. Há também a presença de seções de moda e de outros aspectos ligados ao lazer, a saúde e a beleza.

A *G Magazine*, ao contrário, tem como proposta, especificamente, levar divertimento aos seus leitores. Esta revista possui um número menor de artigos e reportagens que possibilitem discussões sobre sexualidade e outros aspectos do cotidiano dos homossexuais como preconceito, violência e direitos sociais. O caráter hedonista e popular da *G Magazine* apresenta-se na divulgação do nu frontal masculino e também no retrato do meio homossexual com seus aspectos festivos e alegres.

¹⁰ Apesar das tentativas de contato com a editora não obtivemos o número de tiragem e vendas.

¹¹ Devido a não divulgação do nu masculino a *Sui Generis* teve sua publicação encerrada, apud. Camacho, M. "Quem mostra vende". *Revista Veja*, São Paulo: Abril, nº 16, ano 33, abril de 2000, p. 102-103.

Além das propostas discrepantes, existem outros aspectos interessantes para se apresentar como diferenciadores das revistas. A *Sui Generis* através de vários (as) colaboradores(as) como Luis Mott, Zeca Camargo, João Silvério Trevisan, Marta Suplicy, Marina Lima, Renato Russo e outros(as) trazia artigos com um denso teor de politização e de intelectualização. Além de discussões sobre violência, direitos, legislação, união civil, adoção, família, drogas, comportamento e religião. Na *G Magazine* estes assuntos são pouco abordados, permanecendo os artigos ligados ao lazer e ao entretenimento (turismo, festivais, erotismo, filmes, etc), e que são representativos do seu caráter, aqui denominado de 'hedonista'.

Outro ponto de divergência, está ligado à discussão da homossexualidade feminina pelas revistas. A *G Magazine* não possui seções que tratem de outras formas de homoerotismo como também não apresenta fotografias de mulheres. A *Sui Generis* através da colaboração de Vange Leonel demonstrava preocupação com o lesbianismo e com as concepções que envolviam tal prática sexual.

A diferença mais significativa entre as duas revistas é a presença do nu frontal masculino que tornou a *G Magazine* nacionalmente conhecida. As fotos com modelos da mídia fizeram o público dessa revista aumentar transformando-a num sucesso de vendas, chegando à marca de 130 mil exemplares vendidos.

A *Sui Generis* nas suas edições não divulgava o nu masculino de forma direta embora, houvesse fotos de homens em situações eróticas e sensuais mas, sem nu explícito.

A *G Magazine* além dos nus masculinos, onde os pênis eretos são os atrativos principais, apresenta também, de diversos modos, o erotismo homossexual através de contos, artigos sobre cinema, filmes pornô e seções de classificados. Nestas, onde dezenas de pessoas, na maioria homens, procuram companhia, aparecem as genitálias ou as nádegas dos anunciantes mas, os rostos são mostrados, diferentemente das revistas masculinas como, Playboy, Ele e Ela, em que a beleza é o aspecto fundamental mostrado nos ensaios fotográficos.

Apesar das diferenças, as revistas possuem algumas semelhanças que são importantes para enriquecer nossa análise. A preocupação com a saúde é uma constante nas duas revistas, principalmente em relação às doenças sexualmente transmissíveis (DST), dentre elas a AIDS, que recebe grande atenção por parte dos editores.

O corpo também aparece juntamente com o culto à beleza nos artigos sobre atividades físicas, dietas e modelagem. Os corpos masculinos representam o ideal estético através dos modelos que grande parte dos leitores aspira possuir. O culto à beleza difundido nas duas revistas através do imperativo da moda e da cultura homossexual ou da cultura em geral. O belo é valorizado pelo público das revistas e estas fazem dele seu principal atrativo.

Outro aspecto importante observado, foi a presença de enorme *merchandising* através da veiculação de inúmeros produtos que dá a entender que o público homossexual é considerado um filão de consumo em potencial por empresas de bens e serviços. Na *G Magazine* o número de propagandas, por exemplo, é superior ao da *Sui Generis*, no entanto, a variedade de anunciantes é semelhante. Esta última apresenta anúncios de empresas de grande porte como, multinacionais da moda e também de prestadores de serviços como advogados (as), dentistas, psicanalistas, astrólogos(as), dentre outros. A diversidade da veiculação de produtos está representada no número de serviços especializados (bares, saunas, hotéis, tele-sexo, cinemas, locadoras, vídeos, revistas, agências de viagem e matrimoniais, etc) e não-especializados (hotéis veterinários, detetives, livrarias, brechós, lojas de móveis, moda, cd's, etc) que tomam conta de grande número de páginas nas edições e até de cadernos específicos.

Os anúncios e as reportagens da *G Magazine* na maioria das vezes, divulgam produtos eróticos (vídeos, filmes, revistas, sites, tele-sexo) o que favorece a criação de uma imagem da homossexualidade voltada para a ótica do prazer. A *Sui Generis*, com seu grande número de artigos sobre música, teatro, cinema, dança e reportagens sobre festas; não deixa de demonstrar a característica de alegria e hedonismo que a cultura homossexual propaga na sociedade. Ambas passam a defesa de uma identidade, de uma existência e de uma subjetividade homossexual exclusiva. No entanto, chama-nos a atenção a ênfase na veiculação do erotismo homossexual como fonte de prazer e o enfoque dado à vida nos guetos a partir da adoção de uma identidade.

RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Inicialmente pretendíamos entrevistar cerca de 15 leitores, no entanto, o tempo escasso e as dificuldades na aproximação dos consumidores nos fez reduzir esse número para apenas 10. As informações sócio-demográficas obtidas foram:

- Idade média: 26 anos

- Escolaridade: 2º. grau: 4
3º. grau: 6
- Profissão: Historiador: 2; balconista: 1; comerciário: 1; cabeleireiro: 1; Estudante: 3; orientador de moda: 1; auxiliar de enfermagem: 1
- Revista: *G Magazine* = 4 leitores
Sui Generis = 6 leitores
Ambas = 6 leitores

Pelas profissões indicadas, a maioria foge do estereótipo quanto às ocupações dos homossexuais, que resguardam-lhes trabalhos socialmente colocados como "inferiores" ou que exigem sensibilidade, como artistas plásticos, decoradores, atores, bailarinos, etc.

Dos leitores entrevistados, 8 apresentaram um tempo de conhecimento da(s) revista(s) acima de 3 anos, o que indica um acompanhamento com interesse sobre as discussões divulgadas. Quando perguntados a propósito do que lhes agradavam, 6 pessoas responderam que gostam de ler sobre as conquistas homossexuais e as reportagens sobre comportamento e políticas que discutem a questão homossexual e auto-confiança. Apenas 4 respostas apontaram somente para matérias sobre moda e shows com ênfase para o nu masculino.

L. M. P. , assim se expressa "... a Revista *Sui Generis* passa uma mensagem mais conscientizadora da realidade vivida pelos homossexuais, no que se refere às suas escolhas, conflitos e dificuldades diárias."

A outra pergunta do questionário se referiu à provável, influência da(s) revista(s) na percepção da orientação sexual do leitor. Todos foram unânimes em afirmar que as revistas não influenciaram na sua orientação sexual, mas contribuem, não a ponto de mudá-la, mas sim, de uma forma que possam melhor compreendê-la. De um modo geral, as respostas a esta questão indicam que a Revista *Sui Generis*, traz um debate crítico do que é a sexualidade humana e suas formas de expressão como o desejo e o erotismo.

Com o intuito de avaliar a presença do alto apelo consumista, pelos anunciantes de produtos e serviços especializados no meio homossexual, perguntamos aos leitores se compravam algo divulgado nas revistas. Em que pese vários deles afirmarem que não consomem os produtos anunciados, disseram que as informações são interessantes e importantes no que dizem respeito a livros, filmes, moda e entretenimento.

Para reforçar a nossa avaliação, propusemos aos leitores que indicassem possíveis diferenças entre as revistas, caso conhecessem as duas. Das 10 entrevistas, apenas duas pessoas afirmaram não encontrar diferença e uma não respondeu. As demais apontaram que a *G Magazine* é mais erótica, com nus frontais, ou seja, oferece um visual mais explícito enquanto, a *Sui Generis* tem uma proposta “verdadeira” sobre a cultura gay:

“A revista Sui Generis tem uma proposta mais voltada para discussões das problemáticas atuais que envolvem o mundo gay, tais como: preconceito, discriminação, saúde, direito e lazer. Já a G Magazine está mais voltada para as questões do prazer, do lazer e do erotismo. Entretanto, ela traz algumas entrevistas e discussões interessantes.”¹²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor a realização deste trabalho, tínhamos em mente entender a visibilidade da cultura homossexual, as concepções que a circundam, a partir de que condições ela acontece, e ainda, quais as conseqüências para as pessoas que se assumem. Através da análise das revistas procuramos conhecer o que de mais atual envolve as práticas amorosas entre pessoas do mesmo sexo e também como estas se reconhecem dentro de seu meio e face à sociedade. Percebemos que o mais importante em nosso trabalho não seria apontar conclusões ou respostas categóricas mas sim, levantar dúvidas e questões que proporcionassem o reconhecimento e a compreensão de ‘equivocos’ nas atuais formas de apresentação das sexualidades e, essencialmente, do homoerotismo.

As revistas analisadas, certamente, trazem novas concepções sobre a homossexualidade que foram se configurando a partir das lutas sociais nos anos 70 e 80. A antiga noção de efeminação ligada ao comportamento homossexual é descartada de suas mensagens surgindo novos valores que regulam a vivência, os papéis sexuais, os comportamentos e a linguagem dentro dos guetos. A dicotomia ativo-passivo foi substituída por relações mais igualitárias onde predominam formas de obtenção de prazer menos estereotipadas. O termo ‘entendido’ como uma variante do conceito americano gay, trouxe para o meio homossexual novas formas de tratamento que não reproduzem a dominância do homem (ativo) sobre a mulher (passivo).

¹² L. M. P., leitor de revista entrevistado.

A masculinidade e a virilidade passaram a ser demasiadamente valorizadas, no universo homossexual, no mesmo grau que no heterossexual, juntamente com o culto aos corpos musculosos, produtos da malhação nas academias. O comportamento másculo do heterossexual agora está ‘do outro lado’ e a masculinidade é reforçada pela utilização destes ícones.

A forma pela qual os homossexuais atualmente se mostram, ao contrário do que se pensa, traz para a cultura geral um ‘problema’, na medida em que reproduz os valores da sociedade machista e misógina que foi repudiada nos anos 70 e 80 pelo feminismo e em parte pelo movimento gay. As mensagens das revistas priorizam o masculino, ‘reconstruído’ a partir de novas concepções criadas pela cultura homossexual: corpos malhados, a valorização da beleza, a erotização e sedução masculinas. Como exemplo, citamos o pouco espaço e visibilidade ao lesbianismo nas revistas analisadas e também as raríssimas fotografias de mulheres de um modo geral.

Outro ponto relevante, está na ênfase dada à beleza física, predominante nas fotos dos modelos das revistas, que segue as normas da sociedade e também dos padrões e mercado. A valorização da moda (roupas sofisticadas, o uso do couro, adereços e jóias, como anéis, colares, brincos, broches, etc), da estética (depilação, cirurgias plásticas, tratamentos para a calvície e de pele, regimes, etc.) e do consumo, torna a vida no meio homossexual um alvo de cooptação capitalista e dificulta discussões mais aprofundadas sobre aceitação, preconceito e violência.

A cultura homossexual como um filão de mercado promoveu modificações nas concepções que a sociedade atribuía a ela e a seus integrantes. Pelo número de anunciantes nas revistas percebemos o grande interesse de profissionais liberais e prestadores de serviços em alcançar o público homossexual. A criação de produtos especializados e diversificados se dirige a consumidores que possuem alto poder aquisitivo e se encontram em profissões importantes socialmente.

Como foi verificado em nossa pesquisa com os leitores, percebemos que as antigas ocupações tidas como relacionadas à homossexualidade como, por exemplo, garçons, cabeleireiros, decoradores, atores, artistas, não se fizeram presentes.

Durante os movimentos reivindicatórios nas décadas de 70 e 80, a adoção e a defesa da identidade homossexual transformaram-se na principal estratégia de luta dos grupos organizados. O assumir-se gay foi proclamado ato essencial para a inclusão nos guetos que se formavam nas grandes cidades.

Atualmente, essa identidade e o declarar-se homossexual tornam-se objetos de discussões acadêmicas e ainda, passam a ser questionados por intelectuais homossexuais ou não.

Através da análise das revistas, percebemos que a afirmação de uma identidade tornou-se o pilar de sustentação da cultura 'gay'. Tanto a *Sui Generis* quanto a *G Magazine* divulgam a idéia de uma subjetividade 'homo' contrapondo-se a hetero. Suas mensagens promovem a luta pela diferença sexual e pelo direito de exercício da sexualidade. No entanto, ao afirmarem que existem características diferentes nos comportamentos das pessoas, como consequência da orientação sexual, as revistas e a 'cultura homossexual' proporcionam categorizações a partir de inclinações amorosas. Ao resumir uma pessoa à sua sexualidade, criam-se dispositivos de censura e classificação que, no caso da homossexualidade, estariam mais a favor da repressão do que da liberação sexual. O (a) homossexual bem comportado(a) que atende às normas da sociedade, vive fechado(a) no gueto e consome os produtos criados especialmente para ele(a), torna-se mais aceito, atualmente, do que aquelas figuras que reivindicaram a quebra dos valores sexuais na década de 70.

Hoje percebemos que o preconceito, mesmo disfarçadamente, ronda o meio homossexual, escamoteado na facilitação da criação das comunidades, onde a vivência da homossexualidade, em que pese, a quebra da heterossexualidade, a reproduz em seus valores, conforme apontamos anteriormente. Esta parece mais tolerada do que aceita, o que pode ser percebido pela violência física, pelo preconceito e pela segregação contra as pessoas que assumem publicamente uma orientação e uma identidade sexual discrepantes da 'norma heterossexual'¹³.

A criação de categorias para enquadrar os desejos sexuais é uma prática social que visa, acima de tudo, manter regras e o funcionamento normativo da atividade sexual. A valorização da heterossexualidade como única forma desejável favorece em contraposição, a criação de concepções ligadas à anormalidade, ao desvio e à perversão. A cultura homossexual, divulgada nas revistas, não proporciona críticas e não questiona o estabelecimento de regras sociais para a sexualidade, apenas reivindica o direito à diferença e não discute as consequências advindas com a alienante categorização do

¹³ MOTT, L. "Os homossexuais, as maiores vítimas da violência". In: VELHO, G. e ALTIVO, M. (Orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ & FGV, 1996, p. 99-145.

desejo. O assumir-se ou declarar-se publicamente gay é semelhante ao estampar do triângulo rosa no peito, outrora feito pelos nazistas na 2ª. Guerra Mundial, com o objetivo de identificação e exclusão e, hoje, de inserção na sociedade capitalista, via consumo.

Este trabalho, propõe a que se questione a validade das categorias sexuais e que acima da busca pelo direito à igualdade de cidadania, é preciso promover a luta pela diferença, marcada sobretudo pela orientação sexual. As classificações sexuais e a categorização das pessoas pela orientação, não são mais válidas do que aquelas do início do século, onde epiléticos, cegos e surdos eram condenados à vida miserável por possuírem apenas uma característica discriminada socialmente, frente às suas potencialidades. Perguntamos então, homem e mulher se resumem à sua sexualidade? A orientação sexual por si só fundamentaria uma identidade? Existiria 'verdadeiramente' uma sensibilidade homoerótica diferente, e até oposta, a hetero? Há uma proposta de rompimento com os antigos valores patriarcais ligados a heterossexualidade e também ao machismo, tão combatidos? Até que ponto as revistas retornam a esses valores, reafirmando e divulgando a masculinidade? O que as revistas propõem a partir da visibilidade da homossexualidade na mídia, revolucionar ou retomar as antigas crenças dos séculos passados onde, os(as) cientistas heterossexuais, afirmaram existir uma espécie sexual desviante da 'norma', que passou a ser denominada de homossexual? O papel do consumismo dentro do meio gay seria o de forjar tendências e necessidades, criando uma sensibilidade, uma subjetividade homo, um gosto específico e peculiar? E ainda, devemos nos perguntar, a partir disso tudo, há a compreensão e o entendimento da homossexualidade, trazendo às pessoas, que assim se identificam, equidade nos direitos sociais, redução da violência, da discriminação e da segregação?

Ao questionarmos a validade das categorias sexuais não pretendemos apontar que existam maneiras 'corretas ou normais' dentro da sexualidade humana, mas lutar por uma democracia sexual, onde o exercício do desejo, hetero ou homossexual, não consiste em enfiar-se em uma categoria para escapar a todas. Neste texto, não favorecemos, a um 'estar' ou a um 'ser' homossexual, pois acreditamos e nos perguntamos, se a:

"verdadeira liberdade não teria antes consistido em viver de forma insubmissa e mutante, obedecendo a preferências não forçosamente

fechadas em si mesmas, sempre inegociáveis, exigindo nem justificativas nem conformidade?"¹⁴

Percebemos o quanto é prejudicial tanto para as pessoas quanto para a sexualidade humana, o seu fechamento em categorias que dificultam o desenvolvimento pleno e a obtenção de prazer no viver cotidiano. Para os (as) homossexuais esse aspecto é mais relevante, na medida que se adicionam os fatores sociais como o preconceito, a violência e a discriminação. As revistas aqui analisadas, não devem perder seu caráter alegre, no entanto, deveriam modificar suas mensagens, trazendo novas concepções sobre a sexualidade de um modo geral, permitindo a seus leitores terem a compreensão do potencial humano de obter prazer em diversas modalidades e situações, em que pese, a *Sui Generis* ter se aproximado deste objetivo, mas como vimos, já não circula mais.

As mensagens das revistas e a 'cultura homossexual' se distanciaram muito do que se esperava das reivindicações nas décadas anteriores. Como mostra disso, citamos um trecho de um periódico francês, onde dois jornalistas demonstram suas reservas quanto à situação atual da homossexualidade:

"Ser gay ou lésbica, não é ser testemunha, nem no tribunal da História, nem no tribunal da mídia. Muito menos 'confessar' sua diferença. Ser gay é uma corrente entre outras, e que não tem qualquer precedência em relação às demais, senão, como estas, a de criar vagas, turbilhões, e desordens subterrâneas. (...) Ser gay, ser lésbica, enfim, é algo muito simples. Ao mesmo tempo persistir e desaparecer, manter-se e desistir, se fazer e se desfazer, ficar e fugir."¹⁵

Desse modo, optamos por pensar e refletir sobre as práticas sexuais enquanto relações construídas pelos saberes discursivos, datados historicamente. A obtenção do prazer sexual, o viver amoroso e a afetividade que perpassam pelos seres humanos não podem estar afetos ao preconceito e à discriminação. Palavras como tolerância e aceitação precisam ser repensadas para a construção de um projeto de cidadania maior que possibilite o direito à igualdade e à diferença na realização das vivências sexuais.

¹⁴ GUILLEBAUD, J. C. A *Tiranía do Prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 372.

¹⁵ Citado por GUILLEBAUD, J. C., op. cit. P. 373.

A MULHER, A COZINHA E A ARTE CULINÁRIA¹

Solange Menezes Da Silva Demeterco *

RESUMO: As escolhas e práticas alimentares relacionam-se com a forma de organização social, da vida familiar, do trabalho e da casa. A idéia da cozinha como sendo um espaço de relações sociais específicas remete às noções de privacidade e domesticidade. A casa torna-se um espaço da família, um lugar feminino ou sob o controle feminino. A cozinha passou a ocupar um lugar de destaque, reflexo da importância que tinha a mulher na sociedade. Na década de 20 a copa firmou-se como o novo centro da convivência da família, ambiente de estar e local eleito para centralizar as refeições familiares. Percebe-se durante o período analisado-1900/1950, uma constante reafirmação da importância do trabalho feminino na cozinha, valorizando esta atividade, quase sempre encarada como sendo pouco importante. A cozinha era um espaço ligado à intimidade da casa e, portanto, lugar da mulher. O cotidiano doméstico passa a implicar numa valorização da mulher enquanto uma figura central nos ritos e ritmos da rotina das refeições familiares. A cozinheira/anfitriã torna-se o centro das atenções dos comensais, oportunidade para mostrar o quanto estava "preparada" para exercer o comando da casa, especialmente da cozinha. Aos poucos a mulher pode redescobrir o prazer de cozinhar, livre da obrigatoriedade de ser a "fada do lar". Os manuais de economia doméstica e a maioria dos livros de cozinha da época tinham por objetivo orientar mães e filhas nesta tarefa. Essas anotações eram muitas vezes fruto da memória destas pessoas a quem cabia a incumbência de cozinhar e preparar as receitas preferidas da família, identificando-as e imortalizando-as junto aos seus.

PALAVRAS-CHAVE: mulher, cozinha, arte culinária, livros de cozinha.

¹ Este texto faz partes da dissertação de Mestrado intitulada: "Doces lembranças: cadernos de receitas e comensalidade. Curitiba: 1900-1950", apresentada em ago/1998, ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de História, da Universidade Federal do Paraná. Trabalho de orientação do Prof. Dr. Carlos Antunes dos Santos (Depto. De História/Reitor UFPR).

ABSTRACT: The choices and alimentary practices link with the form of social organization, of the family life, of the work and of the house. The idea of the kitchen how a space of specific social relationships being sends to the notion of privacy. The house becomes a space of the family, a feminine place or under the feminine control. The kitchen started to occupy a prominence place, reflex of the importance that had the woman in the society. In the decade of 20 the cup was firm as the new center of the coexistence of the family, atmosphere of being and elect place to centralize the family meals. It is noticed during the period analyze-1900/1950, a constant affirmation of the importance of the feminine work in the kitchen, valuing this activity, almost always faced as being little important. The kitchen was a linked space to the intimacy of the house and, therefore, the woman's place. The daily domestic starts to implicate in a valorization of the woman while a central illustration in the rites and rhythms of the routine of the family meals. The cook becomes the center of the commensals' attentions, opportunity to show the all it was "prepared" to exercise the command of the house, especially of the kitchen. Little by little the woman can rediscover the pleasure to cook, free from the compulsory nature of being the "you/he/she predestines of the home". The manuals of domestic economy and most of the books of kitchen of the time had for objective to guide mothers and daughters in this task. Those annotations belonged a lot of times fruit of the memory to these people to who the incumbency fell of to cook and to prepare the favorite revenues of the family, identifying them and immortalizing them close to yours.

KEY WORDS: Woman, cooks, culinary art, kitchen books

1- A cozinha como espaço de relações sociais

As escolhas e práticas alimentares relacionam-se com a forma de organização social, da vida familiar, do trabalho e da casa. O estudo da cozinha apresenta-se como um caminho a mais para se tentar compreender a sociedade como um todo. Afinal, conforme Le Goff, entre os componentes da existência material, não é ela a única, ou mais ou menos, a nascer da

necessidade (a alimentação) para ascender às produções preciosas da cultura e da arte (a gastronomia)?².

A idéia da cozinha como sendo um espaço de relações sociais específicas remete às noções de privacidade e domesticidade, ambas descobertas da Era Burguesa, por volta do século XVII nos Países Baixos, particularmente na Holanda, e que por volta do século XVIII já havia se espalhado pela França, Inglaterra e os estados alemães. No momento em que a casa deixou de ser local de trabalho começou também a separação entre o público e o privado, entre a casa e a rua.³ Criou-se uma nova configuração do espaço doméstico, com uma especialização funcional dos aposentos e aumento do número de peças da casa. A casa torna-se um espaço da família, despojado de suas atribuições produtivas, recuando para a noção de intimidade.

A noção de domesticidade foi primordialmente uma idéia feminina, decorrente particularmente do fato que na Holanda do século XVI e XVII as mulheres, as donas-de-casa, não dispunham de empregados em grande número para fazer o trabalho doméstico, tal como acontecia no restante da Europa setentrional. Assim sendo, uma vez que eram elas próprias que estavam em contato íntimo com as tarefas domésticas, não deixou de ser até natural que procurassem influir na disposição do espaço da casa, bem como na sua organização e arrumação. A mudança na disposição doméstica implicava na transformação da casa num lugar feminino ou sob o controle feminino, controle este palpável e real. Ele ocasionou a limpeza e a imposição de regras, introduziu valores que não existiam antes entre os quais a domesticidade, conjunto de emoções sentidas, e não um atributo. Esse sentimento estaria essencialmente relacionado com a família, com a intimidade e da casa como ninho, como incorporadora enfim desses sentimentos.

A feminização da casa ocorrida durante o século XVII na Holanda foi um dos eventos fundamentais no processo de evolução do interior doméstico e deve ser lembrado neste trabalho porque, em função destas transformações, a cozinha passou a ocupar um lugar de destaque nesta região. A importância dada à cozinha era um reflexo da importância que tinha a mulher na sociedade holandesa. Já que não eram os criados que cozinhavam, a cozinha deixou de

² LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.160-161.

³ Sobre a questão da separação casa/rua como diferentes espaços de sociabilidade, ver Roberto Da Matta em *A casa e a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, 4 ed. Guanabara/Koogan, 1991.

ser apenas um cômodo da casa para tornar-se um espaço diferenciado, mais valorizado. Como o restante da casa, tornava-se um ambiente para o comportamento pessoal e íntimo, da família, nova unidade social. Finalmente, a casa estava se tornando um lar, graças à privacidade e à domesticidade, que mais tarde despertariam para uma nova noção: a de conforto.

Fora desta região, entretanto, na medida em que a casa tornou-se um espaço racional, privado, destinado à intimidade, tem-se ao mesmo tempo os chamados espaços de rejeição, sendo a cozinha o seu representante por excelência. Para Roger-Henri Guerrand, *será necessário algum tempo até que a racionalidade burguesa reine nesta peça, onde os patrões nunca entram*⁴.

A casa do Brasil colonial foi se transformando com o passar do tempo: tanto sua arquitetura quanto o equipamento - móveis, utensílios e apetrechos - foram substituídos e outros desapareceram totalmente ou mudaram de função. Mas a principal mudança se deu mesmo no que se refere à nova racionalidade na divisão interna da casa, que teve seus espaços reequacionados, tal como aconteceu com a cozinha, que passa aos poucos a ser incorporada à casa, ainda que a cozinha "de fora" fosse mantida. Assim como acontecia na Europa burguesa, no Brasil a cozinha estava quase sempre o mais afastada possível da casa e, pelas mesmas razões: o serviço culinário e outras atividades afins eram realizados pela escravaria num primeiro momento e pela criadagem em geral em seguida. As cozinhas exteriorizadas são uma característica do Brasil colonial que persistiu pôr muito tempo e conserva-se até hoje em algumas regiões do interior.

No começo do século XX passam a existir as cozinhas "de fora" e as cozinhas "de dentro", sendo estas últimas locais onde até mesmo o homem, o patrão, não podia (ou se atrevia...) a entrar. Mas nenhuma dessas transformações ocorreu de forma abrupta; pelo contrário,

Tudo se transformou lentamente, e a cozinha [...] permite avaliar como se deu a passagem vagarosa de uma forma a outra, de um costume a outro, ao encontrarmos casa com duas cozinhas: a 'limpa' dentro da casa e a 'suja' ainda do lado de fora, onde se cozinhavam os doces por várias horas, e se procediam a tarefas mais pesadas e menos higiênicas. Muitas explicações foram dadas para o estabelecimento das cozinhas

⁴ Roger-Henri GUERRAND. Espaços privados. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 337.

*externas, em especial aquelas ligadas ao fator climático e a indesejável presença do fogão dentro de casa, o que não sucedia na Europa, quando o fogo ou o local onde se encontrava o fogão servia de espaço de aconchego e era em torno dele que a família se reunia.*⁵

A cozinha era um lugar menosprezado que foi incorporando aos poucos as inovações, tanto em termos de utensílios quanto do próprio fogão, que demorou em fazer parte do interior da casa. O retrato que nos apresentam viajantes, cronistas e escritores da época revela um ambiente da cozinha como bem pouco atraente:

Penetramos a cozinha colonial já collocada, como hoje, ao fundo das casas, em chão de terra batida, ampla e de telha-vã. O ambiente é desagradavel. As paredes acalçadas estão negras pela fumaça e lustrosas pela gordura. Em torno, o bafio do seculo.

Lá está o fogão, peça baixa, enorme, indo quasi de parede a parede, tendo ao lado o forno, de proporções respeitaveis. A um canto, estão os assadores de ferro e madeira, instrumentos de maior relevancia e responsabilidade, diploma e grão dos cozinheiros da época.

A mesa de serviço, que se reduz a uma simples pranha, longa e larga, está collocada sobre dois cavalletes, e tão negra e tão destratada como a parede ou como o chão dessa cozinha immunda. A madeira é solida, mas a taboa é gretada e escura pela humidade e pelos residuos dos comestiveis.

*[...] Algumas casas coloniaes possuiam salas de jantar. Algumas. Eram ellas, em geral, simples e acanhados corredores, taes como ainda se vêem nas plantas de Debret, plantas essas, no entanto, feitas já nos fins do primeiro quartel do seculo XIX. A maior parte da população, porém, comia pelos terreiros, pelas cozinhas [...]sem a preocupação de fixar-se num ponto certo.*⁶

⁵ ALGRANTI, Leila Mezan. "Famílias e vida doméstica". In: MELLO E SOUZA, Laura de (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América*, 1. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997, p. 102-103.

⁶ *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 163. Tomo 109. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1932, p. 404.

No século XIX constituíram-se novos hábitos que diferenciariam mais as casas ricas das pobres ou remediadas, com a adoção de utensílios e equipamentos de cozinha mais elaborados, feitos de materiais nobres e com melhor apresentação, utilizados em momentos formais de sociabilidade. Nesta época em Curitiba, como no Rio de Janeiro e São Paulo, jantava-se com porcelana chinesa ou inglesa, talheres de prata e toalhas de linho ricamente bordadas, muitas vezes contrastando com a simplicidade e pobreza do restante da casa. A mesa constituía-se num fator de distinção social, demarcando identidades e confirmando prestígios.

Na segunda metade do século XIX, especialmente nas últimas décadas, os imigrantes chegam trazendo consigo o fogão a carvão vegetal, abdicando desta peça como centro do interesse do espaço arquitetônico, tal como era em seus países de origem, onde a lareira e o fogo eram o centro do convívio familiar e doméstico. Além deste, outros equipamentos aparecem para modificar para sempre a organização das antigas cozinhas e definir qual seria agora o papel da mulher neste espaço. Tem-se uma série de inovações tecnológicas que viriam facilitar a tarefa de cozinhar. Em 1926, em São Paulo, fabricam-se fogões esmaltados à lenha, carvão ou querosene. Após a Segunda Guerra, surgem os fogões a gás canalizado, modelo que atendia às novas exigências das consumidoras, que queriam equipamentos mais limpos, práticos, rápidos e eficientes. Em 1954 aparece o fogão a gás engarrafado, que se tornou sucesso de vendas e grande sonho de consumo das donas de casa brasileiras.

Armários e utensílios diversos também fazem parte das modificações da cozinha na primeira metade do século XX, sempre em busca de mais conforto, maior racionalidade e praticidade. As revistas que circulavam no período trazem, especialmente durante os anos 40 vários anúncios de empresas que comercializam os lançamentos em termos de armários modulados - as chamadas 'cozinhas americanas'. Uma grande novidade deste período são os utensílios de vidro Pyrex, que iam ao refrigerador e ao forno sem quebrar, as panelas de alumínio e a panela de pressão, que foi bem recebida pelas consumidoras. Eletrodomésticos de pequeno porte surgem também durante as primeiras décadas, tais como torradeiras, cafeteiras elétricas, misturadores de alimentos e o liquidificador.

A luta pela subsistência torna-se cada vez mais difícil e as mulheres vão para o mercado de trabalho, ao lado dos homens. O tempo disponível para as tarefas domésticas torna-se menor e já não é possível dedicar-se

tanto à cozinha. As empregadas domésticas vão escasseando. Cria-se, assim, a necessidade de simplificar as tarefas da casa, com menor dispêndio possível de tempo e de energia. Surge a idéia da mecanização do lar, que a eletricidade torna possível, simplificando as tarefas ligadas à cozinha e ao ato de cozinhar.

Estas novidades espalham-se com relativa rapidez e mesmo com as inovações tecnológicas que passam a fazer parte do cotidiano das famílias mais abastadas da época, o trabalho doméstico continuava sendo atribuição da mulher - não mais a escrava, mas a dona da casa e/ou sua empregada e a cozinha continuava a ser local desprezado da casa. Conforme Leila Algranti,

No espaço de domicílio, e no que toca aos costumes domésticos, a figura feminina ganhou destaque, embora seja inegável que sua importância e influência na colonização não ficaram restritas à esfera doméstica [...] toda a sua educação era voltada para o casamento, para as atividades que deveriam desempenhar enquanto mães e esposas.⁷

Na década de 20 as casas brasileiras definiram melhor o espaço doméstico e a *copa* firmou-se como o novo centro da convivência da família, ambiente de estar e local eleito para centralizar as refeições familiares. A *copa*, assim como a sala de jantar, quando preenchem sua função, configuram-se em espaços de sociabilidade familiar, especialmente à hora das refeições, que são momentos de relações sociais específicas. Segundo Lemos, consolida-se neste período no Brasil o estilo burguês de bem morar, definindo-se as funções das várias peças da casa e

A copa firmou-se definitivamente como o centro de interesse da morada de classe média, no lugar da varanda, transformada em sala de jantar, de pouco uso [...] ocupando o lugar estratégico de centro distribuidor. Mas não teria surgido como uma zona neutra de ligação entre o serviço, a habitação e a zona de estar. Essa função distribuidora nasceu depois de descobertas as suas novas qualidades de lugar de estar equidistante, cômodo para todos, inclusive para a dona de casa.⁸

⁷ ALGRANTI, Op. Cit., p. 120.

⁸ LEMOS, Carlos. *Cozinhas, etc*, São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 153.

A dona de casa torna-se a dona da copa e da cozinha. Sob a seu comando está a mais valorizada atividade ligada à mulher: o cozinhar.

Tinha o domínio culinário que possibilitava [...] o estabelecimento de relações sociais, numa sociedade e em condições onde o controle era total e a convivência restrita [...] na esfera íntima, servir alimentos era acolher, era expressar uma especial concepção de civilidade. O alimento foi, também, pretexto para o encontro, para o convívio social, limitado às estas íntimas e cerimônias religiosas.⁹

O que parece ter sido uma constante ao longo da diferenciação dos espaços domésticos é a permanência da família no lugar onde come. Mesmo quando nem todas as refeições eram feitas em conjunto, o jantar era visto como a refeição mais importante para a família, agregando o grupo familiar e definindo um espaço como o centro de sociabilidade - a copa, transformando a casa num lugar de memória e num cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância, a casa é o sítio de uma memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre.¹⁰

Por muito tempo, conforme os relatos de viajantes e cronistas da época a cozinha,

enquanto parte da intimidade [...] era interdita aos estranhos, como atestam vários dos relatos dos viajantes estrangeiros. A sala de visitas era o espaço destinado a receber aqueles que vinham da rua, de maneira extremamente formal.

Preparar alimentos e cuidar de sua distribuição era tarefa feminina. Em casa, no decorrer dos dias, nas festas íntimas, durante visitas [...] cabia à mulher toda a função relacionada à comida. [...] Na intimidade, o hábito de servir alimentos desempenhava um papel central. Em torno dele desenrolava-se parte significativa da vida social.¹¹

⁹ ABDALA, Mônica. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997, p.79.

¹⁰ GUERRAND, Op.Cit., p. 321.

¹¹ ABDALA, Op. Cit., p. 71.

Seria necessário ainda o advento de outras mudanças para que a cozinha se tornasse o local preferido para a convivência familiar, espaço da mulher por excelência: rede de água encanada, o desvio de linhas de líquidos residuários e dos dejetos, o aperfeiçoamento dos fogões domiciliares. A cozinha deixava de ser escura e suja, onde as famílias, com exceção daquelas muito ricas se reuniam para comer e conviver. Tornando-se um lugar agradável a cozinha adquire *status* de ponto nevrálgico da casa, remetendo à idéia de aconchego e diferenciando este espaço privado dos demais espaços públicos nos quais as pessoas não se sentem acolhidas. Com isso as atividades relacionadas ao preparo das refeições e o próprio ato de comer adquirem maior destaque. É o que se percebe em texto da imprensa do período:

Não mais se verão esses fôcos de fulligem, de fumaça e de cinza conhecidos sob o nome de fogões de lenha ou de carvão [...] Abolidos que sejam os fogões de lenha e de carvão e generalizado o uso dos fornos sem fogo, a cozinha deixará de ser um local fumacento, sujo e mal cheiroso, para se converter numa especie de laboratorio para a preparação scientifica das substancias necessarias á alimentação [...] Transformado radicalmente o ambiente da cozinha, eliminado della tudo que ainda hoje ella offerece de antipathico e de repugnante para uma pessoa de gostos delicados, as sras. das classes cultas não experimentarão mais a repulsão que hoje sentem pelos trabalhos culinários e occupar-se-hão delles mais activamente e de muito melhor vontade [...]. Poderão ai receber seu esposo e seus filhos, em ambiente digno de seu esforço no trabalho.¹²

Com a expansão da industrialização a partir de 1940, até mesmo a classe operária começa a definir melhor as áreas internas de suas casas conforme a função de cada uma, destacando o local de estar que invariavelmente se confunde com a cozinha. Em Curitiba se dá o mesmo processo, restringindo a vida privada a casa, resultado de um movimento maior, de transformação do urbano, que gerou significativas mudanças no interior dos lares.

¹² *Almanaque do Paraná*, 1913. p. 61.

2- A mulher como “fada do lar”: o saber culinário

Percebe-se durante o período analisado (1900-1950) uma constante reafirmação da importância do trabalho feminino na cozinha, valorizando esta atividade, quase sempre encarada como sendo pouco importante. Mas nem sempre foi assim. No século passado as mulheres não apareciam diante de convidados menos íntimos ou viajantes que buscavam pouso. A cozinha era um espaço ligado à intimidade da casa e, portanto, lugar da mulher, onde ela ficava até o estranho ir embora. Apenas prendas como confecção de doces deveriam receber elogios, como se constata no relato de Luccock.

*Os cuidados e ocupações caseiras parecem, em grande parte, fora de qualquer cogitação. Entre os mais opulentos, não me parece que se dêem a grandes cuidados em relação aos arranjos familiares de mesa e, o mais das vezes, possuem uma superabundância de escravos que se encarrega destas coisas, dispensando as senhoras de se envolverem com elas, Todavia, poucas são as que se reputam tão nobres que não valorizem e cultivem a arte de fazer doces, e sem essa prenda parece não haver meios de serem consideradas como boas donas de casa. Gabam-se da excelência de seus doces, fazendo deles presentes muito bonitos, geralmente embrulhados em papel caprichosamente recortado, coisa em que gastam muito tempo e esforço. Quando esperam convidados, a intervenção da senhora parece ser mais imediata e ativa. Observei damas, a cujas mesas fôra admitido, manifestando grande ansiedade no apresentar excelentes bolos; nada do que se considera bom é poupado na sua confecção; e, como parece estabelecido que cada dama deve possuir um bolo da sua propriedade, os hóspedes se sentem na obrigação de comê-lo com avidez e elogiá-lo com ardor. Também não se faz necessário elogiar mais nenhum artigo, pois que esse é quase o único prato de que uma dama brasileira reconheça o seu patrocínio e não há dúvida que em muitos casos constitui a oportunidade única de se intrometer ela com a cozinha.*¹³

O cotidiano doméstico passa a implicar numa valorização da mulher

¹³LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil (1808 a 1818)*. 2ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d, p.79.

enquanto uma figura central dos ritos e ritmos na rotina familiar, imprimindo a ritualização da refeição o caráter de acontecimento destinado a se transformar em lembrança.¹⁴ Por sua vez, as memórias gustativas ligam-se a pessoas que de alguma forma, em algum momento, se destacaram por um saber culinário. Tem-se na crônica que segue um exemplo destas lembranças:

A cadeira da vovó - Léo Júnior

Era uma almanjarra e ficava no centro da varanda. Folgadoamente, assentavam-se nella tres pessoas! Era o nosso trapezio... Com que prazer aguardavamos nella que a vovó Biluca fosse à dispensa retirar do girão a broinha, a queijadinha, o suspiro com casquinha de limão, que nos adoçariam a bocca; ou nos convidasse para tomar uma chicara de chá verde com leite, acompanhada de torradas! Ah! O chá com leite da vovó Biluca! Era de um paladar unico! Nunca mais logramos sentir noutro chá o sabor daquelle que tomavamos em creança, em casa da vovó Biluca!

*De papo cheio, voltavamos à velha cadeira e era outra guloseima ouvirmos as histórias...*¹⁵

A comensalidade é uma forma importante de sociabilidade; o cotidiano e os eventos marcados por uma refeição adquirem o papel de reunir a família e/ou as pessoas por ela selecionadas. O almoço de domingo, por exemplo, costuma ser uma refeição gregária, um rito familiar que reforça os laços e salienta o papel da comida como elemento de identificação. Outros momentos do convívio social são também comemorados com algum tipo de comida e/ou refeição. Observou-se na imprensa local do período, nas notas sociais, um grande número de notícias sobre eventos que eram comemorados especialmente com doces:

*Por motivo de feliz aniversario, transcorrido quinta-feira ultima, foi a graciosa e intelligente senhorinha [...] alvo das mais sympaticas manifestações de carinho, recebendo presentes e felicitações de suas amiguinhas, a quem ella ofereceu um lauta mesa de finos doces.*¹⁶

¹⁴FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Op.Cit. p.195.

¹⁵PRATA DA CASA, Anno 1, n. 7. Curityba, out.1927.

¹⁶O FLIRT Anno 1, n.8 27/9/1919

É neste contexto que a mulher/dona-de-casa assume importância, sendo ela a pessoa “naturalmente” escolhida para imprimir uma regularidade ao cotidiano. Além disto, na grande maioria das vezes é ela quem também coordena a elaboração de cardápios e o preparo das refeições.

Mesmo com as mudanças dos modelos de convivência familiar decorrente da urbanização, ainda hoje o lazer feminino mescla-se com o trabalho doméstico, sendo difícil definir onde termina um e começa o outro. A cozinha em muito colabora para esta simbiose, uma vez que já há algum tempo constitui-se no “espaço da mulher”, das refeições que a mulher prepara para a família e/ou amigos, segundo hábitos e padrões que a mulher produz, preserva e transmite.

Num país como o Brasil os efeitos da urbanização não se configuraram da mesma maneira em todas as cidades ou mesmo regiões; percebe-se, também em matéria de alimentação, que o “tradicional” se articula com o “moderno” e as tradições familiares são importantes e preservadas. Assim, mesmo com o tão analisado efeito desagregador da urbanização, em especial no que se refere ao afrouxamento dos laços familiares, a manutenção das tradições familiares relacionadas aos hábitos alimentares passam a ter um papel de manutenção de vínculos e identidades. Neste sentido, o papel da mulher é fundamental, já que normalmente é ela a encarregada desde o orçamento doméstico, a ordenação do espaço e das tarefas domésticas até a supervisão e/ou realização dos trabalhos relacionados com a comida (desde a seleção, compra e preparo dos alimentos até a organização e serviço da refeição). Para Da Matta

*pode-se afirmar, sem correr o risco do exagero, que mesmo hoje, nesta era de transformação e mudanças rápidas, o homem é o englobador do mundo da rua, do mercado, do trabalho, da política e das leis, ao passo que a mulher engloba o mundo da casa, da família, das regras e costumes relativos à mesa e à hospitalidade. E isso se faz no simbolismo da cozinha, espaço da casa teoricamente vedado aos homens e onde eles não devem entrar porque [...] “é lugar só de mulher.”*¹⁷

Seja por vocação ou por ofício, ela torna-se a figura encarregada do

¹⁷ DA MATTA, Op. Cit., p. 61.

provimento básico da estrutura familiar.¹⁸ Tem-se, no período analisado, 1900-1950, um consenso acerca da chamada “vocação doméstica” da mulher, confinada em casa ou mesmo exercendo outras atividades fora de casa, e que é sistematicamente divulgado pela imprensa:

O dote de uma noiva

Ensinam os moralistas que os maiores e mais importantes de todos os deveres são os deveres de estado. Posto isso, amiguinhas, a mulher que quer cumprir conscientemente os seus deveres de esposa e de mãe, isto é, os seus deveres de estado, deve aprender a sciencia do bom governo de sua casa.

*Confessemos a verdade, amiguinhas: a maior parte de nós não está preparada para ser dona-de-casa. [...] A mulher que não tem a sciencia de dona-de-casa é um membro inutil na sociedade conjugal.*¹⁹

Nas primeiras décadas da República, a vida doméstica, a família e, por extensão a mulher dona da casa, aparecem como elementos agregadores da vida familiar, *mantendo práticas antigas de convivência e garantindo a continuidade de tradições.*²⁰

Em Curitiba, no mesmo período, já se notam

*sinais de “modernização”[...]. Expandem-se algumas fábricas e instalam-se outras [...]. O governo aprimora serviços: higieniza o centro urbano com irrigação, limpeza pública, água e esgotos; implementa a arborização e instala iluminação pública; cria, inclusive, uma guarda civil. A cidade diversifica, ainda, espaços públicos com cafés e salas de espetáculo; parques e praças- suas novas opções de lazer.*²¹

Maria Thereza Lacerda, em seu trabalho que recupera receitas antigas do Paraná (e em particular da cidade da Lapa) afirma que a mulher curitibana

¹⁸ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, USP, p. 47.

¹⁹ VERITAS Anno 1, n.4 15/10/1916, (p. 7-8)

²⁰ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 231.

²¹ TRINDADE, Op. Cit., p. 8.

do início do século vivia mergulhada em livros de receitas, em seu universo cuja sociabilidade estava ligada aos momentos de preparo, oferecimento e partilha da comida.²²

A vida familiar nas primeiras décadas do século girava em torno da cozinha, do fogão à lenha e da mesa farta e variada, especialmente de doces. O momento das refeições tornava-se, no nível da domesticidade, a ocasião propícia para a conversa com o marido (mesmo que muitas vezes escassa...) e deste com os filhos.

Quando uma refeição composta de pratos especiais, particularmente tradições familiares, é compartilhada pela família e/ou parentes, amigos ou vizinhos, seja na cozinha, seja na copa ou sala de jantar, identidades são reforçadas e relações sociais são consolidadas. A cozinheira/anfitriã torna-se o centro das atenções dos comensais. Esta, por sua vez, muitas vezes aproveita a oportunidade para socializar o seu conhecimento culinário com as pessoas que, como ela, têm prazer em cozinhar ou simplesmente colecionar receitas culinárias. Constitui-se também numa oportunidade para mostrar o quanto está "preparada" para exercer o comando da casa, especialmente da cozinha

A necessidade de saber administrar a casa era tão premente entre as mulheres do começo do século, que alguns cadernos trazem também dicas e conselhos de cozinha e de como gerenciar corretamente uma casa. Mesmo que houvessem empregados domésticos na casa, era considerado fundamental que a dona de casa soubesse mandar, "determinar" estes empregados. Se assim não fosse, era vista pela sociedade e por seu marido como incompetente e sem preparo para o exercício do mando de seu próprio lar, situação pela qual nenhuma mulher desejaria passar.

Desde o começo do século a dona de casa curitibana já dispunha de serviços para confecção de doces e salgados para festas, fornecidos pelas confeitarias de maior porte da cidade. Entretanto, este tipo de encomendas era reservado para 'grandes ocasiões'. Para situações cotidianas era a própria senhora que preparava tudo em sua casa.

Na Curitiba deste período mulheres ligadas à elite burguesa que se firmava como dominante, tornavam-se mais atuantes, participando de

²² LACERDA, Maria Thereza. *Cartas da minha cozinha*. Curitiba: Gráfica Editora Lítero-Técnica, 1990. No caso da Lapa em especial, era fundamental que a mulher estivesse "preparada" para receber amigos e/ou familiares para o café com mistura, servida à tarde e constituída de doces, bolos de milho, biscoitos e, claro, o café.

movimentos associativos e saraus, deixando por alguns momentos os afazeres domésticos. Novas formas de sociabilidade começavam a surgir numa nova sociedade que se configurava, novos vínculos sociais eram estabelecidos. Segundo Cyntia Roncaglio,

*surgia, neste contexto, um novo modelo de mulher, baseado em formas de comportamento e na etiqueta, exaltando as virtudes burguesas de laboriosidade, castidade e esforço individual, que deviam ser seguidas pelas moças de famílias abastadas e, progressivamente, estender-se também às moças das classes trabalhadoras.*²³

A divulgação de novas idéias e de um novo modelo de mulher em Curitiba se dava através da imprensa, onde eram divulgadas as imagens das mulheres valorizando, sobretudo, a figura materna e a idéia da boa esposa. Eram recorrentes textos como este: *no casamento, o homem deve trazer a ordem, o trabalho e a economia; a mulher deve ter a dedicação, a paciência e o espírito de sacrifício. Com esses dotes, os conjugues serão felizes, com a condição de que a religião santifique o todo.*²⁴ Havia, conforme Joana Maria Pedro, *uma intensa disputa entre os órgãos de imprensa pelo predomínio do pensamento relacionado à mulher- os positivistas- aliados aos maçons- disputavam com os católicos conservadores [...] Cada um deles tinha uma forma específica de idealizar as mulheres; no entanto, concordavam em que os papéis definidores da feminilidade eram os de esposa, mãe e dona de casa.*²⁵

Mesmo que na década de 30 as mulheres já se mostrassem adaptadas a muitas das mudanças ocorridas nas décadas anteriores, assumindo novas funções, algumas consideradas até então eminentemente masculinas, circulava a imagem da mulher mãe-esposa-dona de casa/companheira-abnegada- carinhosa. Estas eram as idéias que embasavam as revistas femininas do período e, principalmente, os manuais de economia doméstica, importante fonte de orientação de moças e mulheres recém-casadas.

²³ RONCAGLIO, Cyntia. *Pedidos e recusas: mulheres, espaço público e cidadania*. Curitiba: Pinha, 1996, p.72.

²⁴ *Veritas*, Anno III, N.69. 1/7/1919, p. 11.

²⁵ PEDRO, Joana M. "Mulheres do Sul". In: DEL PRIORE, Mary (org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 293.

Constituíam-se em guias “práticos e seguros” para fornecer conselhos e orientações sobre a vida doméstica e social, apesar de encontrar-se em alguns periódicos da época reações contra estes valores, como no caso de um artigo de 1920, escrito por um homem, sob o pseudônimo de Nemesis:

*Ministre-se instrução á mulher. Assim, nos momentos mais críticos de sua vida, saberá vencer com imperturbável serenidade de animo, sabera triumphar de seus inimigos [...] A mulher- a eterna escrava dos preconceitos que a inutilizam muitas vezes para a verdadeira missão a que foi destinada- não tem direitos, pôde-se dizer, tem só deveres a cumprir! O homem foi injusto e cruel para com a sua companheira de todos os dias, de quem não pode prescindir. Ela sujeita-se a todos os martyrios, arrastando, por vezes, uma vida de miseria e de provações [...] Mulheres! Unidas, sereis fortes e combatereis os vossos inimigos [...] Se não tiverdes solida instrução, como podereis ser esposas, mães, filhas, amigas? Sabeis quanta responsabilidade vos cabe no desempenho desses complexos encargos que tanto vos nobilitam, desde que sejam bem comprehendidas por vós; por isso, deveis reagir contra o que fôr de encontro ao vosso aperfeiçoamento moral, ao vosso cultivo em particular e aos vossos direitos em geral, porque, sem elles, nada sereis senão a eterna escrava!*²⁶

Nota-se que todo seu empenho em defesa da instrução da mulher tem como objetivo final propiciar melhores condições para que ela desempenhe a sua real “função”, resumida na tríade mãe/esposa/dona-de-casa, algo como ter alguém apenas melhor preparado para desempenhar uma atividade.

A economia doméstica era definida como a ciência na qual baseava a estabilidade da família. Durante toda a primeira metade do século XX era corrente a idéia de que a dona de casa deveria ter a inteligência e o bom senso como qualidades e virtudes como a paciência, a bondade e a abnegação. Não faltavam conselhos às moças casadoiras neste sentido, como se encontra numa revista da década de 50, que definia aquela que seria a noiva perfeita:

²⁶ ALBUN DO PARANA, Anno II, n. 13, 1920. S/p.

- a que tem sempre um sorriso e uma palavra gentil nos lábios para o noivo e demais pessoas.
- a que evita dizer demasiadas vezes “não”. mas que tampouco diz muito freqüentemente “sim”.
- a que sabe fazer, pelo menos, alguns doces e pratos salgados.
- a que procura sempre convencer seu noivo de que, quando se casarem, ele é quem mandará no lar.[...].
- a que esconde todos os seus defeitos até mesmo depois de casada.²⁷

Neste período- final do século passado até a década de 50, a posição da dona-de- casa era de sentinela em defesa do lar, guardiã do bem-estar de todos, especialmente do marido, com quem se casou não para reeducar e sim para dar-lhe suavidade à vida. Encontra-se com freqüência neste tipo de publicação, voltadas obviamente para as mulheres escolarizadas, idéias como estas:

- seu marido, ao voltar da luta diária, deve encontrar em casa o oásis em que tudo lhe sorria [...] Não lhe imponha seus hábitos. Aceite os dele adaptando-os, com suavidade, ao seu modo de querer.
- seu marido é um homem, minha amiga, e só será feliz se tiver plena liberdade de ação. Não lhe tolha os movimentos, não o reduza a passarinho, preso na gaiola dourada de seu lar.²⁸
- esforce-se para ser a mulher perfeita: a mulher virtude, a mulher coragem, a mulher mão. Dentro do seu lar, você é a figura principal em torno da qual gravitam todos os interesses dos que aí vivem.²⁹

Para os homens, a felicidade consistia em preservar o “eterno feminino”, que seria a contrapartida do mundo masculino, isto é, a ternura, a sensibilidade, a não-violência, o altruísmo, a dedicação e, sobretudo, a submissão. Os cronistas da época (homens, em sua maioria) eram persistentes em sua tentativa de procurar manter estes valores intactos diante de tantas

²⁷ O CRUZEIRO Ano VII- n 81. Novembro de 1938, p. 65.

²⁸ HELENA, Gilda. *Aprenda a ser esposa e mãe*. Rio de Janeiro: Irmãos Porgetti, 1955, p. 10.

²⁹ Idem, p., 278.

transformações que ocorriam na sociedade do período. Enalteciam a mulher que não descuidava de sua “maior missão”, que era ser a “rainha do lar”. Alcançavam seu objetivo, na medida em que as mulheres buscavam sempre o equilíbrio entre os avanços que desejavam e sua vida doméstica. Ser mãe-esposa-dona-de-casa, para as mulheres, não se contrapunha necessariamente à nova imagem que tentava erigir com suas lutas por emancipação. Uma tentativa radical de rejeição a estes papéis só viria mais tarde, nos anos 60, com o movimento feminista que começou nos Estados Unidos.

O homem via a cozinha como sendo o espaço eminentemente feminino, local em que a mulher era soberana, não cabendo a ele, mesmo na condição de “chefe” da casa, aí exercer sua autoridade. Esta idéia aparece até em mensagens escritas em panos de prato da época, que traziam inscrições do tipo: “Este lar é meu, mas quem manda é minha mulher”. É significativo se pensar que mensagens assim só apareciam *na cozinha*. Nada parecido poderia ser visto no restante da casa, a não ser um “lar, doce lar” na sala de jantar ou de visitas, o que evoca também a importância da mulher como fonte dessa “doçura”, aquela que fazia da casa um *lar*.

Essa parecia ser sua contrapartida ao fato de deter o domínio, não só da casa e dos filhos, mas também, e principalmente, da mulher, de sua vida, seus desejos e seus sonhos. Na relação casa/lar estava implícita uma relação de poder entre o homem e a mulher, qual seja: na casa mandava o homem, enquanto que no *lar* mandava a mulher. À mulher era recomendado que obedecesse ao marido, usando de subterfúgios quando fosse o caso, para alcançar o que queria - era o chamado “jeitinho feminino”, sempre ligado à idéia de carinho, sublimação e dissimulação. A rotina familiar girava em torno das necessidades e dos desejos do homem - marido e pai.

Diante do quadro que se apresentava nas primeiras décadas do século, os homens e suas esposas tinham poucas coisas em comum: os filhos e as tarefas domésticas que a mulher exercia (mas que, conforme os bons conselhos dos manuais, as mulheres não deveriam “aborrecer” seus maridos com assuntos tão banais). E é importante perceber que era exatamente sua aptidão enquanto cozinheira que se constituía em motivo de crítica ou elogio. Quanto melhor a esposa se saísse nesta função, mais enaltecida seria por seus pratos especiais, pelo esposo e por toda a família.

As distinções entre os papéis femininos e masculinos pouco se alteraram até a metade do século, prevalecendo especialmente entre os

homens os valores tradicionais da sociedade, pregando continuamente a importância da mulher para o equilíbrio doméstico. A partir dos anos 50, com a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, este equilíbrio se tornou precário, uma vez que as tarefas domésticas já não seriam o seu único interesse. Haveria de ser necessário ainda algum tempo para que as distâncias entre homens e mulheres diminuíssem de forma significativa.

Era recorrente a idéia de que um homem se conquista através do estômago, para chegar ao seu coração. E *como o sonho de todas as mulheres é lá chegar e instalar-se definitivamente, só há um remédio: ser boa cozinheira.*³⁰

No começo de sua formação, a arte culinária não era escrita nem ensinada em cursos de educação doméstica; era praticada pelas cozinheiras que dominavam a arte e que posteriormente transmitiam a outras mulheres, por meio do convívio e de conversa os seus conhecimentos e seus segredos. Sua importância era inegável. Concorde-se com a definição de arte culinária encontrada no *Dicionário do conhecimento*, de Assis BRASIL, quando diz que *a arte acolhe a culinária como uma de suas expressões mais legítimas [...] culinária expressa, como um romance, certos comportamentos humanos e sua própria condição social, além daquele belo e legítimo e inefável que se encontra em qualquer expressão artística.*³¹

Aos poucos a mulher pode redescobrir o prazer de cozinhar, livre da obrigatoriedade de ser a “fada do lar”. Apesar disto, a cozinha continuou sendo uma incumbência eminentemente feminina (afora os casos dos homens ditos gourmets, que não serão tratados aqui).

O destino natural das mulheres era ser mãe, esposa e dona de casa, companheira de todas as horas de seus maridos, sempre sem explicitar qualquer sentimento que pudesse desagradá-lo, sob pena de ser considerada incapaz de manter uma família - família que, diga-se, deveria corresponder à imagem da família-modelo do período, onde os papéis de homens e mulheres estavam bem definidos.

À mulher cabia também a tarefa de manter as tradições - função que se tornava fundamental especialmente entre os vários grupos étnicos que vieram a fazer parte da população de Curitiba, especialmente no que diz respeito a comida. Os manuais de economia doméstica e a maioria dos livros de cozinha da época tinham por objetivo orientar mães e filhas nesta tarefa. Vale

³⁰ HELENA, Gilda. Op. Cit., p. 135.

³¹ BRASIL, Assis. *Dicionário do conhecimento*. São Paulo: Ediouro, 1984, p. 80.

observar que economia doméstica é definida como a *ciência na qual se baseia a estabilidade da família. É a arte que ensina a implantar e a conservar a felicidade no lar.*³² Durante toda a primeira metade do século XX era corrente a idéia de que a dona de casa deveria *ter a inteligência e o bom-senso como qualidades e a paciência, a bondade e a abnegação como virtudes.*³³

Os tratados de economia doméstica e os livros de cozinha parecem ter orientado gerações de mulheres em suas tarefas até o começo dos anos 60, quando então as revistas femininas e novas publicações em termos de livros de cozinha indicavam algumas mudanças, seja em termos de receitas quanto no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade.

O que se observa é que as mulheres do começo do século tiveram a preocupação de ao menos tentar passar às gerações mais novas o "gosto" pela cozinha, mesmo que nem sempre obtivessem êxito neste objetivo. É aqui que os livros e cadernos de receitas adquirem um papel fundamental, constituindo-se num veículo de transmissão de tradições e valores culinários da família ou simplesmente aqueles considerados importantes por alguma razão. Essas anotações eram muitas vezes fruto da memória da pessoa que normalmente tinha a incumbência de cozinhar e preparar as receitas preferidas da família, ou de alguém que tivesse interesse por culinária. Quase todas as famílias têm uma pessoa que é encarregada de organizar os cardápios, quotidianamente ou em momentos de festa, seja por ter prazer nesta tarefa, seja por ser a detentora do saber culinário.

Especialmente com relação à alimentação, as tradições são conservadas mesmo que sejam incorporadas certas inovações, talvez porque as pessoas procurem no passado algo que não encontram no presente: proximidade, aconchego familiar e identidade, sentimentos que as refeições rápidas, impessoais e solitárias, não proporcionam. Quando determinada receita tradicional familiar é preparada resgatam-se laços, lembranças e sensações, confirmando a coesão entre os membros da família. O papel das mulheres neste processo é fundamental: são elas que incentivam os encontros familiares e procuram nesses momentos transmitir as tradições culinárias, muitas delas verdadeiros segredos de família.

³² BETÂNIA, Marta de N.D.S. *Da arte de ser dona de casa*. São Paulo: Saraiva, 1951, p. 11.

³³ Idem, p. 12.

NOVOS HÁBITOS ALIMENTARES E FORMAS DE SOCIABILIDADE DE FAMÍLIAS MINEIRAS

Mônica Chaves Abdala*

RESUMO: Nossa pesquisa analisa mudanças nas formas de sociabilidade e nos hábitos alimentares de famílias mineiras, a partir do final da década de 80, com a expansão das comidas a quilo e congêneres. Percebemos uma tendência a um aumento do número de refeições cotidianas realizadas fora de casa, em contraste com o período anterior em que essas ocorriam de maneira privilegiada no espaço doméstico. Nesse contexto, efetivamos uma análise das transformações nas estruturas das famílias, de gênero e de ocupações que caracterizam nosso tempo, embasando a discussão que constitui o tema deste artigo. Uma questão central nos orienta: que modificações efetivamente ocorreram nas relações entre homens e mulheres, sobretudo no âmbito doméstico, que nos auxiliam a compreender a afluência de famílias aos restaurantes self-service?

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da Alimentação, Trabalho doméstico, Família, Gênero.

ABSTRACT: Our research analyzes changes on manners of sociability and on eating habits of families from Minas Gerais (Brazil), starting from the latest 80's, together with the expansion of restaurants "by kilo" (weight) and similar. We noticed a tendency of an increase in the number of daily meals taken part out of home, in contrast with the previous period, when they usually took part privileging the domestic sphere. In this context, we analyzed the transformations on the family structures, gender and occupations, which characterize our time, basing the discussion that constitutes the theme of this article. A central question guides us: which changes effectively occurred on the relationships between men and women, mostly in the domestic sphere, that help us to understand the affluence to self-service restaurants?

KEY WORDS: Sociology of Food, Housework, Family, Gender.

* Professora do Depto. de Ciências Sociais – FAFCS – UFU/ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH – USP.

Em artigos anteriores procuramos uma abordagem geral de nosso tema de pesquisa, apresentando as questões que teremos que enfrentar, tais como a percepção de uma perda de limites entre as esferas pública e privada no momento contemporâneo, as transformações nas estruturas da família, das ocupações, das relações de gênero e, aquela que constitui nosso interesse central, relativa às mudanças nos hábitos alimentares e formas de sociabilidade propiciadas por um aumento do número de refeições realizadas fora de casa no cotidiano de famílias mineiras¹.

Concentramos nosso estudo no Estado de Minas, visando dar continuidade à pesquisa anterior sobre a cozinha e a construção da imagem do mineiro, cujos dados constituem parâmetros de referência para a comparação com a década de 1990 e a constatação das mudanças ocorridas nesse período. Para a realização do trabalho optamos pela utilização de uma metodologia qualitativa, e selecionamos três cidades de categorias diferentes para um estudo comparativo de diferentes realidades: Belo Horizonte, capital do Estado, Uberlândia, cidade de porte médio, Monte Carmelo, de pequeno porte. Neste texto trabalharemos com os dados das duas primeiras cidades, realizando uma reflexão específica sobre a questão da alimentação relacionada às modificações nas relações de gênero, partindo de uma pergunta central: que mudanças efetivamente ocorreram nas relações entre homens e mulheres, sobretudo no âmbito doméstico, que nos auxiliam a compreender as novas formas de sociabilidade e os novos hábitos alimentares, que, no caso em questão, se configuram numa afluência da família aos restaurantes *self-services*?

O processo de reestruturação das relações de gênero certamente não poderá ser compreendido de maneira localizada, uma vez que se insere numa ampla gama de transformações que ocorrem num mundo *sem fronteiras*. Assim, a despeito das peculiaridades históricas e culturais das mulheres brasileiras, e das especificidades culturais locais que envolvem as mineiras, não podemos prescindir de análises de outras realidades para compor os elementos da compreensão que buscamos.

Optamos por iniciar o texto a partir das discussões de pesquisas francesas e brasileiras que recuperaram parte do processo de divisão do

¹ Algumas das questões que discutimos neste artigo estão também esboçadas em outros dois textos. ABDALA, Mônica C. *Self-services: espaços de uma nova cena familiar*. In: *Caderno Espaço Feminino*, v.6, n.6, jan./jul.1999. p. 79-92. ABDALA, M. Comendo a quilô: uma extensão da cozinha doméstica, Comunicação na 22ª. RBA, Brasília, 2000.

trabalho doméstico, procurando dar-lhe *visibilidade*. Nossas próprias considerações, numa tentativa de resposta à questão acima proposta, ficaram concentradas na parte final deste artigo.

O trabalho *invisível*

A maioria dos estudos sociológicos publicados na década de 90 sobre a culinária e a divisão do trabalho doméstico² indica que as mulheres, trabalhando fora ou se dedicando somente ao lar, continuam sendo as grandes responsáveis pelo espaço da casa. Isso significa que, mesmo participando de trabalhos remunerados fora de casa, elas assumiram uma dupla carga, uma vez que continuaram com responsabilidades caseiras, sobretudo as de cuidar dos(as) filhos(as) e da comida.

As pesquisas que registraram a segunda metade dos anos 90 mostraram um quadro em que permanece a avaliação que Mennell, Murcott e Otterloo haviam feito dos anos 80, de acordo com a qual,

Malgré les proclamations, après la Guerre, de l'accroissement de l'égalité domestique et de la démocratie maritale, les études sociologiques des années 1980 démontrent que les femmes continuent à être (les gardiennes) les gardiennes de la santé, du bien-être et de l'harmonie domestiques, et donc à être chargées de la plus grande partie du travail de planification, d'approvisionnement et de préparation pour fournir des repas correspondant aux goûts du reste de ménage³.

O diagnóstico não deixa dúvidas: as mulheres permaneciam como guardiãs domésticas, encarregadas da maior parte do trabalho da casa. No entanto, uma dificuldade com a qual nos deparamos na obtenção de nossos dados, diz respeito ao que alguns estudos nomearam de *invisibilidade* do trabalho doméstico. Sluys, Chaudron e Zaidman, que elaboraram suas análises sobre práticas culinárias cotidianas nos anos 90, na França, se queixaram da

² Grande parte desses estudos se refere à década de 80 e ao início da de 90. É ainda pequeno o número de publicações que documentam o decorrer dessa última década, sendo que, para este caso, utilizamos os de Silva (1998) e de Sluys et alii (1997).

³ MENNEL, Stephen; MURCOTT, Anne & OTTERLOO, Anneke H. van . The Sociology of food: eating, diet and culture. *Current Sociology*, London: Sage Publications, v. 40, n.2, autumn 1992. p.151

falta de visibilidade do trabalho no lar, pois, não sendo esse reconhecido socialmente como trabalho, torna-se invisível, *não dito*⁴.

Silva reafirma essa invisibilidade quando pesquisa tecnologias domésticas em uma cidade brasileira. No seu entender, os estudos de origem da indústria de eletrodomésticos em países desenvolvidos preocupam-se em considerar as usuárias dos equipamentos. No Brasil, ao contrário, as usuárias e as demandas do trabalho doméstico não são mencionadas. Para a autora, as tecnologias seriam mais eficientes, estimulando mudanças nas relações de gênero, se o trabalho nos lares e aquelas que o realizam fossem mais *visíveis*⁵.

Diante da relativa dificuldade em relação às lacunas que encontramos em nossas fontes de pesquisa, até o momento, centramos nossa análise em quatro estudos: no Brasil, o de Silva, realizado na região de Campinas, em meados dos anos 90, e o de Dutra, que analisou hábitos alimentares de camadas médias em Juiz de Fora, no final dos anos 80. Os demais foram desenvolvidos na França, por Giard, no final da década de 70, e por Sluys et alii, nos anos 90.

Iniciamos a discussão por Giard, uma vez que consideramos suas colocações bastante abrangentes e de importância fundamental para a compreensão da forma como as transformações que hoje vivenciamos foram sendo gestadas na década de 70. Quando a comparamos às outras três análises, percebemos o quanto permanece atual. Suas pesquisas entre mulheres da pequena e média burguesia indicaram que, até muito pouco tempo, as francesas ainda continuavam sendo as encarregadas da cozinha das casas, apesar das entrevistadas terem manifestado pouca disposição para enfrentar os gestos repetitivos e obrigatórios do dia-a-dia diante de novos interesses e de duplas jornadas de trabalho. No espaço do lar, a autora constatou que os homens, na faixa aproximada de 45 anos, cozinhavam apenas como diversão, de tempos em tempos, não havendo para eles um *contrato implícito* como o que relegava às mulheres a culinária privada⁶.

⁴ SLUYS, Colette; CHAUDRON, Martine & ZAIMAN, Claude. Chérie, qu'est-ce qu'on mange ce soir? In: Pratiques Alimentaires et Identités culturelles. *Ethnologie Française*, Paris, 1997. n.XXVII, p.87-95.

⁵ SILVA, Elizabeth B. Tecnologia e vida doméstica nos lares. *Cadernos Pagu*, Campinas: PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.10, 1998. p. 21-52. Essa discussão está à p. 33.

⁶ GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, GIARD & MAYOL. *A invenção do cotidiano 2*, Petrópolis:Vozes, 1997.

O estudo demonstrou a existência de uma divisão de trabalho bastante antiga na área da cozinha, datando do final do século XVIII e permanecendo todo o século XIX. Quando a gastronomia tomou uma *vertente teórica e literária*, as mulheres foram excluídas tanto dessa elaboração teórica como dos grandes restaurantes e grandes reuniões de *chefs*. Ainda hoje, são os homens que compõem juris, dirigem guias, dominam as colunas da imprensa. De acordo com Giard, eles têm o peso da autoridade e legitimação social herdada por *direito de nascença*, enquanto as mulheres continuaram com o trabalho de casa, com as tarefas monótonas de execução e com as ocupações subalternas⁷.

Na França, como no Brasil, pudemos perceber a presença de uma tendência à modernização de práticas, ingredientes, receitas adotadas nas cozinhas domésticas e utensílios – com utilização de objetos industrializados. As francesas entrevistadas no final da década de 70 recorriam constantemente a alimentos pré-cozidos e outros de fácil preparo, selecionando receitas rápidas e práticas que eram normalmente preparadas no jantar, momento de reunião das famílias, pois os pais geralmente trabalhavam fora e seus filhos e filhas ficavam nos colégios em período integral. A experiência das pessoas da mesma idade e as informações da *mídia* acabavam substituindo os cadernos de receitas e tradições herdadas de gerações passadas. É interessante notar em relação a essa substituição, que, mais do que uma questão de adaptação às novas exigências da vida moderna, parecia tratar-se de uma rejeição a um *status* social e a um modo de vida que a mulher buscava superar, adotando um novo estilo de cozinha associado a mudança de materiais, utensílios e modos de cocção⁸.

Esse quadro delineado por Giard é atualizado pela contribuição do estudo de Sluys, Chaudron e Zaidman (1997), de acordo com o qual, a cozinha permanece sendo um *momento crucial* na vida familiar francesa, apesar das transformações que ocorreram tanto na atividade assalariada das mulheres,

⁷ Idem, *Ibidem*, p.291-2.

⁸ A citação que reproduzimos é esclarecedora dessa questão: *Cada uma se volta então para a experiência das pessoas da mesma idade, abandonando em silêncio o modelo das gerações passadas, com o obscuro sentimento de que as receitas tradicionais vindas do passado seriam complicadas demais, muito longas de preparar, não se adaptariam ao nosso modo de vida, além de, no fundo, fazerem referência a um antigo status social da mulher. Parece que muitas de minha geração fomos levadas a pensar que a recusa do antigo estatuto devia acompanhar a recusa das antigas maneiras de fazer que lhe são próprias, portanto devíamos mudar também de 'estilo de cozinha'* (Idem, *Ibidem*, p.243-4).

quanto nas condições de organização do trabalho - relativas às possibilidades de contar com novas tecnologias, novos processos de preparo e acondicionamento de alimentos, ampliação das condições e variedade de abastecimento. As diferenças expressas no comportamento culinário e no discurso das mulheres entrevistadas revelaram diferentes formas pelas quais elas se relacionam com as atribuições de mãe e esposa que lhes são socialmente conferidas, das quais elas *não puderam ou não quiseram se emancipar*⁹.

No que diz respeito às diferentes formas de expressão frente à atividade culinária, foram considerados três tipos de mulheres¹⁰. Aquelas que evitavam pensar a cozinha, demonstrando um total desinteresse e vendo-a como um fardo, foram identificadas como *objectrices*. Investiam seu tempo em outras atividades, cozinhavam pouco ou compravam pratos prontos ou congelados, e reclamavam a divisão das tarefas pelos maridos e filhos de ambos os sexos. As *guerreiras*, por sua vez, apresentaram um domínio total da cozinha, como atividade e como lugar. Cozinhavam cotidianamente, por prazer, eram o centro das operações e não queriam ajuda. Utilizavam pouco os pratos prontos e congelados, cujo consumo elas criticaram. Preocupavam-se mais em ganhar com preços do que com tempo de preparo dos alimentos, mesmo quando trabalhavam fora. Esses dois grupos, representando casos limites, eram menos numerosos que as *recrutadas*, com sua postura avaliada como *aceitação submissa*, sacrificando parte de suas vidas, e fazendo *parce qu'il faut le faire*. Atentas à variedade das refeições e às normas dietéticas, apareceram como as mais preocupadas em desenvolver estratégias de organização e cálculos¹¹.

É interessante notar que, apesar das diferentes atitudes, todas as entrevistadas consideraram a cozinha como um atributo feminino. A convicção de que a gestão do cotidiano deveria ser responsabilidade das mulheres levava aquelas que não se enquadravam no modelo de mãe e esposa a se

⁹ Sluys et alii, Op. cit.

¹⁰ A tipologia adotada foi construída como metáforas, baseadas na forma como as mulheres entrevistadas - casadas e mães - se referiam à atividade culinária, por meio de expressões como *combat*, *tactique*, *envahisseur*, etc. Não existe correlato em português para o termo *objectrice*, feminino de *objecteur de conscience*: aquele que, valendo-se de pretextos religiosos, políticos ou quaisquer outros, recusa cumprir as suas obrigações militares. (Grande Dicionário de Francês-Português Domingos de Azevedo, Ed. Bertrand).

¹¹ Sluys et alii, Op. cit.

diferenciarem em relação ao temperamento e à identidade pessoal. Essa postura conferiu uma significação ambígua ao discurso sobre a ajuda do marido e de filhos e filhas. Na verdade, aqueles que participavam da preparação culinária constituíam exceções, e somente um pequeno número de mulheres reclamou essa participação.

A observação da forma como francesas organizam e participam da vida familiar, no final da década de 90, retrata um cenário em que a mulher permanece encarregada da gestão do cotidiano da casa, ainda que essa obrigação não seja acolhida de modo igual por todas. A esse respeito, Sluys et alii lembram que, se a gestão do tempo, do dinheiro e do conjunto das atividades da casa significa controle e *savoir-faire*, a relação de serviço permanece.

Um olhar sobre o mundo da casa brasileira

O quadro que acabamos de descrever, ainda que se refira a uma realidade européia, reúne um conjunto de fatos que foram, ou ainda são, vivenciados também por brasileiras. No entanto, é inegável a existência de fatores que deram forma a padrões específicos de vida doméstica no Brasil, e que são apontados na análise de Silva (1998). Um deles foi a disponibilidade de trabalho barato, que se combinou à associação que elites e classes médias faziam entre trabalho braçal e degeneração moral, habituando-se a mandar fazer. As mulheres pobres sempre trabalharam fora, inclusive nas fábricas. A partir de 1920, a participação delas como empregadas domésticas foi ampliada, devido ao crescimento do número de mulheres das classes médias urbanas empregadas nos serviços e no comércio, que passaram a depender de auxiliares. Esses fatos não alteraram o modelo patriarcal de família, segundo o qual os homens provêm e as mulheres servem. As mulheres continuaram servindo, mesmo também provendo e participando cada vez mais do mercado de trabalho.

Como nos lembra Silva, apesar de terem ocorrido mudanças nas tarefas que são parte da vida diária, as pessoas que vivem numa casa conservam certas necessidades, como aquelas relativas à limpeza e à alimentação, pelas quais alguém tem que se responsabilizar. Pode existir mais de um modelo de organizar essa responsabilidade, não sendo imperativo que seja realizada por uma mulher ou que haja empregadas. No entanto, no modelo brasileiro predominante, as relações de gênero aparecem como *muito*

conservadoras. Na avaliação da pesquisadora, *no cotidiano do lar não existe trabalho para os homens*. Quando eles são responsáveis por uma casa, normalmente eles pagam uma mulher para efetuar o trabalho¹².

Nas entrevistas realizadas, separadamente, com homens e mulheres adultos, na região de Campinas, foi constatado que a maioria dos equipamentos das casas era utilizada por mulheres. Por outro lado, quando havia empregadas, evitava-se o uso de certos aparelhos, cujo custo era considerado mais alto que o trabalho delas. Os homens raramente manifestaram percepção do que seria possível possuir de inovador para as tarefas caseiras. Foi muito pequeno o envolvimento demonstrado, por parte deles, com as atividades da casa, à exceção dos casos em que dividiam tarefas, ou tinham vivenciado situações em que tiveram que realizá-las (repúblicas, viagens).

No entender de Silva, em vários países, a inovação referente a facilidade de descongelar e esquentar comidas foi a que mais afetou os modos de vida em família, possibilitando a participação de homens e adolescentes nessas tarefas. Na amostra analisada, no entanto, foi constatado seu uso mais freqüente em casas com crianças menores, para esquentar leite e comida¹³. Esse fato nos leva a refletir sobre o crescimento do consumo brasileiro de fornos microondas nos últimos anos. Seria preciso analisar em que medida ele foi realmente incorporado aos hábitos cotidianos das famílias, e em que medida é apenas um símbolo de *status*.

No que concerne ao mundo da casa mineira, esse foi objeto de um atento olhar de Rogéria Dutra, que enfocou o universo das camadas médias urbanas de Juiz de Fora, mostrando-nos a atividade culinária que se desenrola no espaço da casa como *esfera particular* de transmissão de tradições e de experiências de antepassados. Em sua análise, a culinária foi definida, entre outros aspectos, como (...) *uma temática de sensibilização à rotina, ao mundo privado, oculto, em contraposição ao universo público*¹⁴. Analisando um grupo composto por três faixas etárias (em torno de 25, 50 e 70 anos), ela apresentou a economia doméstica como universo predominantemente feminino, notando que os grupos mais jovens procuravam repensar *os papéis tradicionais* visando

¹² SILVA, Op. cit., p.49.

¹³ Idem, Ibidem, p. 47.

¹⁴ DUTRA, Maria Rogéria C. *A Boa Mesa Mineira*; um estudo de cozinha e identidade, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional da UFRJ, 1991. p.24.

relacionamentos com tendências mais *igualitárias*. Na faixa que compreendia as pessoas mais velhas, as tarefas da cozinha, a estratégia de economia de gastos e o cardápio foram apresentados como atividades corriqueiras das mulheres, donas de casas e, em alguns casos, de suas empregadas domésticas.

Cada geração analisada demonstrou uma forma peculiar de relacionamento com inovações e tradições. Os segmentos jovens valorizavam as técnicas modernas e tinham hábitos alimentares mais *urbanos*, maior curiosidade quanto a sabores desconhecidos, maior hábito de comer fora e valorização de profusão de ingredientes e de aparato tecnológico, sobretudo nas refeições públicas e festivas. Os setores mais *antigos*, cujo *saber culinário* estava associado a um passado rural, demonstraram um apego a sabores e combinações de alimentos *mais tradicionais* e característicos da casa. Para esses setores, ao contrário dos jovens, (...) *em casa a gente come melhor, e à vontade*¹⁵.

Nas práticas culinárias capitaneadas pelas mulheres mais velhas, de acordo com Dutra, notou-se a presença mais freqüente da comida *mineira*, com preferência pelos alimentos cozidos, pela carne de porco, verduras refogadas e queijos com compotas – o que corrobora nossas observações sobre a culinária *típica*¹⁶. Na faixa etária próxima aos 50 anos, notaram-se alguns elementos da culinária regional, sem prevalência de forma de preparação (cru, cozido, assado, frito), combinados a versões modificadas pelo uso de ingredientes como maionese, creme de leite, conservas, e outros, devido ao gosto diversificado pela presença de diferentes gerações – famílias com filhos solteiros de ambos os sexos. Para os segmentos jovens, a comida *mineira* significava momento extraordinário, relacionado à lembrança da casa dos pais. A tradição culinária familiar não constituía a *matriz principal*, mas uma referência entre outras. Seu discurso enfatizava cuidados com o corpo, a busca de uma alimentação *leve e saudável*, em que frutas, saladas e sucos devem ser consumidos em abundância, em oposição à comida dos *antigos* considerada *pesada*. Por outro lado, manifestaram preferência por refeições rápidas, do tipo lanches, *fast-food* e pizzas em lugar das refeições tradicionais¹⁷.

¹⁵ Idem, Ibidem, p.94.

¹⁶ ABDALA, Mônica C. *Receita de Mineiridade*; a cozinha e a construção da imagem do mineiro, Uberlândia: EDUFU, 1997.

¹⁷ Conforme já havíamos afirmado em nosso artigo de 1999, p.86.

A valorização de uma profissionalização feminina representada pelo *trabalhar fora* fez com que a própria família desvalorizasse o trabalho doméstico, sobretudo o culinário, investindo na eliminação ou diminuição do tempo de preparo do alimento, seguindo uma tendência mundial de procura por alimentos congelados e pré-fabricados. Aqui, como no caso observado por Giard, na França, as mudanças sinalizariam uma *tendência moderna*, e a escolha de um novo estilo de alimentação associada à superação das condições sociais e históricas nas quais hábitos alimentares tradicionais foram gerados¹⁸.

É importante ressaltar que o estudo sobre a cidade mineira leva Dutra a concluir que o modelo “cozinha regional” está presente na forma, mesmo quando distanciado do conteúdo das refeições. Esse aspecto foi observado particularmente no almoço de domingo, quando, mesmo havendo a introdução de pratos com maior variedade de ingredientes, como presunto, maionese, azeitonas, creme de leite e outros que caracterizam uma culinária considerada *urbana*, se conserva o que *Christo chamaria de “solicitude da boa mesa mineira”*, atuando como foco de sociabilidade e momento de reunião familiar¹⁹.

“Lugar de homem é na cozinha?”

Dentre as dificuldades para efetuar a análise das mudanças que se foram consubstanciando no universo da casa das camadas médias urbanas e que, sem dúvidas, estiveram relacionadas à ocorrência de um progressivo aumento do número de refeições produzidas ou realizadas fora de casa, está o fato de que, embora numerosos, os estudos sobre as mudanças na estrutura familiar brasileira na década de 90 não aprofundam em relação à questão específica das alterações na divisão do trabalho doméstico provocadas por divórcios, novos casamentos, jovens que deixaram as casas dos pais, que propiciaram que jovens e adultos do sexo masculino partilhassem as tarefas de uma casa ou passassem a viver sozinhos, tendo a responsabilidade da própria casa. Por outro lado, os estudos que se dedicam à análise dessa questão continuam a se concentrar sobretudo no papel das mulheres, constatando que elas permaneceram como as responsáveis privilegiadas pela cozinha caseira. Ao que parece, variações no tempo e no espaço, pouco

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p.85-6.

¹⁹ DUTRA, Op. Cit., p.135.

modificaram o contraste da divisão secular segundo a qual homens são *chefs*, enquanto mulheres são cozinheiras do dia-a-dia do lar²⁰.

Um número muito pequeno de pesquisas tem dedicado sua atenção ao conhecimento do que os homens realmente fazem como tarefas rotineiras, em contraste com uma possível ajuda como uma *reserva de trabalho em emergências*. A esse respeito, considera-se que eles, efetivamente, podem ser competentes cozinheiros, mas não são os encarregados das principais refeições, auxiliam ou escolhem quando cozinhar, enquanto as mulheres geralmente não têm opção²¹.

Uma vez que a maioria dos estudos se concentra em depoimentos femininos, perdem-se as nuances de significados que cada sexo atribui à divisão de trabalho. Essa tem sido uma das lacunas de nossos dados. A contribuição de DeVault's (1991), nesse caso, foi apontada por Mennell et alii como significativa, uma vez que foi uma das primeiras a incluir depoimentos de parceiros masculinos de mulheres entrevistadas, preocupando-se com a construção de sentido que ambos atribuíam às atividades ligadas a casa. Embora o número de entrevistados tenha sido pequeno – três homens em 30 lares – ela desenvolveu uma análise precisa desses parceiros que cozinham *mais do que ocasionalmente*, mostrando que realizavam a tarefa *'sob instrução'* da mulher, que organizava as rotinas e as controlava a cada dia. DeVault's comentou também o contraste no modo como homens e mulheres falam sobre seu trabalho em casa. Enquanto elas planejavam as refeições em torno das preferências de suas crianças e maridos e reprovavam-se pelas próprias falhas, nos relatos deles esses pontos estavam ausentes²².

No caso brasileiro, boa parte dos dados dos quais dispomos sobre participação do homem nas tarefas do lar, assim como sua opinião a esse respeito, não resultam de estudo acadêmico, mas de uma pesquisa desenvolvida visando um conhecimento dos consumidores, no sentido de (...) *traçar caminhos táticos e estratégicos na área de marketing*²³. O objetivo principal foi investigar quando e como atividades domésticas precisam ser

²⁰ MENNELL et alii, Op. cit.

²¹ Idem, *Ibidem*.

²² Idem, *Ibidem*.

²³ *Lugar de Homem é na cozinha*, São Paulo: PROPEG, nov.2000. p.3.

executadas na vida diária de homens de classe média em cinco cidades brasileiras: Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro.

Para a coordenadora da pesquisa, Ana Lúcia Miranda, a inserção da mulher no mercado de trabalho assegurou-lhe um *novo papel social e familiar* liderando um processo de mudanças. Os homens, por sua vez, vivenciam um contexto bem diferenciado das referências familiares e de valores que tiveram no passado, não demonstrando expectativa em viver com donas de casa como foram suas mães. Coube a eles aceitar as novas condições e transformá-las em discurso próprio.

Uma nova organização das funções está relacionada ao grau de responsabilidade e envolvimento das mulheres com seu trabalho, assim como ao salário que ganham. O distanciamento do lar pode ser resolvido por *terceirização* dos serviços (empregadas, faxineiras, babás, motoristas) ou pela exigência de maior participação dos homens nas atividades da casa. No entanto, a própria pesquisa aponta que a contratação de uma ou mais domésticas não é a propensão que se solidifica para a chamada classe média.

Para a compreensão das tendências de comportamento da vida familiar utilizou-se a criação de tipologias baseadas nas maneiras como homens e mulheres lidam com as tarefas da casa. No caso das mulheres, foram considerados três tipos. As *bandeirantes*, que apresentam algumas semelhanças com as *objectrices* francesas, são movidas pela racionalidade, seguras, auto-estima positiva, têm como prioridade os compromissos profissionais, não a vida doméstica. No entanto, ao contrário das francesas, não se envolvem em tarefas cotidianas. Geralmente *terceirizam* os trabalhos, cercam-se de equipamentos e produtos sofisticados de limpeza, alimentos prontos ou de preparo rápido. Podem também contar com *maridões*, sogras e mães. As *equilibristas* são negociadoras, ressaltam o companheirismo. Contribuem com o orçamento familiar de maneira equivalente ou inferior ao marido. As mais jovens, casadas há pouco tempo, conseguem dividir tarefas com os maridos. As mais velhas, com filhos(as) adolescentes ou adultos(as), normalmente consolidaram suas vidas profissionais no casamento. Têm maridos tradicionais e pouco disponíveis, precisando utilizar recursos sutis de convencimento para obter ajuda deles. De qualquer forma, as tarefas domésticas não são prioridade em suas vidas. Não abrem mão de fazer o que gostam. Trabalho, lazer e o equilíbrio do relacionamento são o que mais importa. Finalmente, foi apontado o tipo *casulo*, cuja situação profissional é tida como *menos importante* que a do marido. Contudo, mesmo quando bem

sucedida profissionalmente, a mulher *casulo* encontra-se submetida a um arranjo doméstico do qual não consegue sair ou transformar. Dificilmente conta com a cooperação de maridos, filhos ou filhas, e sim de empregadas e mães. Os homens geralmente não demonstram companheirismo na relação, e quando realizam alguma tarefa, geralmente fazem-na para atestar a incompetência da mulher.

Entre os homens há os *resistentes* que representam a velha ordem, onde a mulher permanece como dona de casa competente. Os *submissos* sempre existiram. Hoje estão atrelados à vida doméstica, participando das tarefas e das compras. Os *single boys*, solteiros e descasados, assim como os companheiros *rebeldes* são a imagem de quem vive uma transição, fazendo o que tem que ser feito, procurando praticidade, mas sem convicção e sem prazer. Os *modernos* são os que conseguem uma composição mais tranqüila com suas mulheres, partilhando ao máximo sua vida com as esposas, mesmo que não estejam realizando nenhuma revolução. Os *chef de cuisine* são homens tradicionais adaptados aos tempos atuais. Gostam de cozinhar, mas não são os que assumem a cozinha do dia-a-dia. São eles os chamados artistas da Gastronomia, que compõem seu charme com sofisticação nos pratos, o uso de avental e de outros instrumentos culinários. Os *rainhas do lar* correspondem ao perfil que suplantou condicionamentos realizando uma verdadeira *inversão de papéis*, assumindo uma jornada de trabalho dupla, executando a maioria das tarefas domésticas. Cozinhar é parte de suas rotinas²⁴.

A análise dos afazeres domésticos e de hábitos de compra e de consumo esboçada por meio das tipologias apresentadas indicou uma maior participação masculina nas atividades da casa, mas uma transformação nas condutas familiares e sociais não é efetivada por todos, e nem numa única direção, como se pode deduzir a partir das diferenças apontadas.

Uma avaliação dos resultados da pesquisa em Belo Horizonte demonstrou um predomínio de homens *rebeldes* e mulheres *casulo*, indicando uma tendência mais conservadora nas atribuições da vida doméstica. Isso não significa que o mineiro desconhece o discurso sobre o *novo papel da mulher* e a necessidade de uma maior participação nas tarefas relacionadas à casa. Em grande parte dos casos ele toma para si diferentes responsabilidades do lar, mas não demonstra se sentir confortável com os

²⁴ Cf. Lugar de Homem é na Cozinha.

novos papéis. As entrevistadas, por sua vez, demonstraram uma busca para “acomodar” os fatos, mantendo intacta a *dinâmica interna do casal, do lar e de sua respectiva administração*. Foram capazes de romper barreiras na vida profissional, mas *não conseguem reunir condições para romper as estruturas de sua vida familiar*²⁵.

Em relação ao consumo, também foi apontado um certo conservadorismo, pois os moradores da cidade são considerados como (...) *mais reticentes a novidades do que em São Paulo, Curitiba ou Rio de Janeiro*²⁶.

As famílias vão às novas “vitrines”

Até o momento, dedicamo-nos a apresentar diferenciadas visões de pesquisadores das mudanças na estrutura do trabalho e nas relações entre homens e mulheres no âmbito doméstico buscando compor um quadro que possibilitasse a compreensão de nosso próprio objeto. Passamos aos nossos comentários finais, dialogando com as posições apresentadas, na tentativa de alinhar nossa própria visão da questão em discussão.

Estudos realizados nos anos 70 e 80 já vinham configurando uma disposição para mudanças nas atitudes femininas relacionadas às atividades culinárias e às demais tarefas do lar. Tais mudanças estavam ligadas a um avanço da participação da mulher no mercado de trabalho e a conquistas que apontavam para uma tendência mais igualitária nas relações entre os sexos. As análises sobre o mundo da casa indicaram, contudo, que a mulher permanecia sendo a responsável pela administração dos recursos domésticos e pelo cuidado dos filhos, das filhas e da casa. Posicionando-se de diferentes formas em relação aos encargos que permaneciam em suas mãos, curiosamente, as mulheres entrevistadas por Sluys et alii, na década de 90, reconheceram as tarefas domésticas como femininas, atribuindo o questionamento de uma disposição para realizá-las a características de personalidade. O recurso às novas tecnologias domésticas, utilização de pratos prontos ou receitas de preparo fácil, e a própria recusa das tarefas do lar, por parte de mulheres do tipo *guerreira* ou *objetrice*, apareceu em menor número de relatos que a aceitação submissa dessas tarefas por grande parte de

²⁵ *Lugar de Homem é na Cozinha*, p.70.

²⁶ Cf. dados fornecidos por Antonio Zambelli, diretor de Marketing da Perdigão Agroindustrial, para o livro *Lugar de Homem é na Cozinha*. p. 79.

francesas, identificadas como *recrutas*. A participação masculina foi minimizada nos discursos, aparecendo mais como auxílio e como opção, do que como contingência.

O cenário do final dos anos 90 apresenta modificações nesse quadro. No Brasil, as tipologias da pesquisa realizada pela PROPEG em cinco capitais identificaram uma maior participação masculina nas atividades relacionadas ao mundo doméstico, e apontaram uma diferença significativa na forma como homens e mulheres valorizam e enfrentam suas funções. Se a tendência apontada foi a de um *maior compartilhamento* e uma *maior igualdade* nas relações entre os sexos, o estudo demonstrou que ainda há resistências a serem enfrentadas e que estamos longe de uma revolução.

No que concerne à tecnologia, concluímos com Elizabeth B. Silva, que nos lares brasileiros ela é pouco utilizada ou ausente, o que é compensado pela relativa disponibilidade de tempo para o trabalho doméstico, que também pode ser comprado. No entanto, nos últimos anos, há uma inclinação ao decréscimo de mão de obra para serviços caseiros, o que coloca a necessidade de novos arranjos.

O aprimoramento da qualidade e do desempenho dos eletrodomésticos segue a tendência de globalização da indústria e acompanha a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho assim como o aumento da demanda delas por maior participação dos homens nas atividades da casa. Há também um crescimento do consumo de novas tecnologias do lar, que, de acordo com Silva, são projetadas para atender uma realidade histórica, segundo a qual, as necessidades da família do mundo ocidental industrializado sempre foram supridas nos espaços privados dos domicílios. Essa constatação poderia ser reforçada se considerássemos o aumento de 70% no consumo de alimentos prontos e semi-prontos, de 1998 a 99²⁷.

O microondas é uma das novas tecnologias que mais revolucionou a participação de homens nas tarefas caseiras em países desenvolvidos. No Brasil, entretanto, Silva questiona sua efetiva incorporação ao uso doméstico cotidiano. Nossas próprias observações indicam que a tecnologia e os pratos prontos não são as soluções prioritárias de muitas famílias, cuja tendência é retirar da casa a atribuição secular, não só de produção, como também de consumo do alimento. Nossa hipótese é reforçada pelos índices relativos ao crescimento do número de refeições realizadas fora de casa no Brasil, que já

²⁷ *Idem, Ibidem*.

atingem 25% nos grandes centros, combinados a um significativo aumento do número de estabelecimentos da área de alimentação, que praticamente dobrou no período de 1991 a 1998²⁸. Belo Horizonte e Uberlândia apresentaram dados que demonstram um crescimento do setor de alimentação fora de casa, num período de 5 anos (1993-98), da ordem de 100% e 201%²⁹, respectivamente.

Nos restaurantes *self-service*, as percentagens de freqüentadores(as) representando famílias³⁰ que são assíduas durante a semana chamaram nossa atenção nas duas cidades observadas, pois variam de 10 a 40%, dependendo da localidade em que os estabelecimentos se situam, sendo maior em bairros residenciais ou próximos a concentrações de edifícios residenciais. A principal justificativa para esse fato, ao contrário do que se poderia esperar, não foi a falta de tempo de pessoas que trabalham. Proprietários, proprietárias e freqüentadores(as) entrevistados(as) enfatizaram a dificuldade em conseguir cozinheiras e o custo dos salários dessa mão-de-obra, como aspectos centrais. Outros fatores lembrados foram o baixo custo do quilo, a grande variedade de opções e a praticidade. Algumas mulheres consideraram que comer fora constituía uma rejeição às tarefas culinárias e uma recusa às atribuições tradicionalmente associadas ao gênero feminino.

Vale lembrar, ainda, as conclusões da pesquisa da PROPEG, para tentarmos entender as razões dessa escolha nas cidades estudadas. As mineiras entrevistadas na referida pesquisa demonstraram uma procura por arranjos conciliatórios, que não ameacem a estrutura familiar, enquanto os homens se mostraram conservadores e do tipo *rebelde*, que não pretende assumir a cozinha ou as tarefas do dia-a-dia. Nesse contexto, comer fora nessa nova modalidade de restaurantes, parece ser uma solução bem apropriada e conciliatória. Sobretudo se considerarmos as declarações dos primeiros proprietários de comida a quilo da capital mineira, que abriram o *Isso e Aquilo* numa região de classe média, pensando numa proposta prática para as famílias cujas mulheres não tinham tempo ou disposição para assumir

a cozinha, diante a crescente dificuldade em conseguir empregadas domésticas³¹.

O *self-service* representa, portanto, um lugar e um tempo especial para comer, sobretudo para as chamadas classes médias urbanas, reordenando a gramática espaço-temporal contemporânea, nessa *geografia difusa* onde se mesclam os códigos da casa e do restaurante – a rua. Aparece como uma proposta diferenciada do comer fora porque combina praticidade, variedade e rapidez, ao padrão doméstico de alimentação e de formas de convívio que recuperam o sentido, associado à refeição, de uma *comunhão coletiva*, de *momento para congregação dos membros dispersos da família*³² ou até de encontros de amigas, amigos ou colegas de trabalho.

A importância do modelo doméstico de refeição pode ser particularmente evidenciada na preferência que os *habitués* manifestam em relação aos locais que servem a comidinha caseira à qual estavam acostumados. Enquanto referência identitária associada a uma forma de sociabilidade característica da casa, o *típico* e o *caseiro* são elementos atrativos para as famílias³³ e, sobretudo, para as pessoas idosas, que reencontram traços de sua tradição alimentar nesses espaços. Além disso, nas representações dos consumidores, em casa se faz uma *verdadeira* refeição, que *alimenta mais e melhor*, enquanto que o *snack*, entendido como lanches e comidas de *fast-food*, aparece como *não-refeição*, como transgressão à forma tradicional e estruturada de se alimentar³⁴.

Em relação à comida considerada *típica*, observações relativas a hábitos e comportamentos alimentares que havíamos feito em nosso estudo sobre a cozinha e a construção da imagem do mineiro demonstraram sua permanência como referência em crônicas, ensaios, memórias, assim como em ocasiões especiais, festas e reuniões de família, mesmo com as

²⁸ Cf. entrevista realizada com os fundadores da rede, os irmãos Frederico, Marcos e Ronaldo Proença da Matta Machado, em Belo Horizonte, março de 2000.

²⁹ ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*, São Paulo: Brasillense, 1994.

³⁰ Os *pratos típicos*, que sempre foram característicos do cotidiano e de festas realizadas no espaço das casas, no momento atual estão cada vez mais presentes nos cardápios de diversos restaurantes, não só dos especializados, cuja expansão caracterizou os anos 80. A esse respeito, ver ABDALA, Op. cit., 1997.

³¹ RIAL, Carmen S. M. Fast Food: a nostalgia de uma estrutura perdida. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRS, ano2, n.4, p. 94-103, jan/jun. 1996.

modificações nos padrões tradicionais da mesa cotidiana, influenciadas por mudanças na sociabilidade, por interferência de regras dietéticas *alternativas* ou de caráter médico e por uma ampliação do consumo de produtos industrializados³⁵.

Tudo indica que, na nossa realidade, o freezer e o micro-ondas, tecnologias domésticas muito utilizadas em alguns países da Europa e Estados Unidos, não são páreo para a *comidinha caseira, fresquinha e quentinha*, mesmo que comida “na rua”. As estatísticas relativas ao crescimento do número de refeições fora de casa e a marcante presença na paisagem urbana brasileira dos restaurantes que servem almoço a quilo ou no sistema intitulado *buffet* – no qual as pessoas se servem à vontade e pagam preço fixo – parecem indicativas de que o sanduíche e o congelado não foram as fórmulas privilegiadas associadas à mudança de estilo de vida das famílias estudadas. Comer fora se torna mais prático do que o consumo de alimentos congelados, com a utilização de fornos micro-ondas e vasilhames descartáveis, já que nesse caso algumas das tarefas domésticas não desaparecem³⁶ – como colocar e tirar mesa, lavar louça -, além de que é necessário um domínio de um conjunto de conhecimentos e procedimentos que envolvem os atos de congelamento e utilização desses fornos, conforme demonstrou Silva³⁷.

Vale lembrar ainda que, nos nossos dias, em tempos de “apagão”, o freezer e o microondas aparecem como “vilões” e são os primeiros a serem desativados por boa parte das famílias, como temos visto tanto nas entrevistas que realizamos, como nas notícias fartamente veiculadas pela imprensa.

³⁵ ABDALA, 1997. Nesse estudo, percebemos que, ainda que haja variações entre as sub-regiões e entre camadas sociais, há uma referência a um mesmo *padrão idealizado* no que concerne à comida. Esse padrão se reporta justamente àqueles pratos que, considerados hoje como tradicionais e *típicos*, apontaram, no seu período de origem e fixação, para uma relativa unidade, e não para diferenciações, nos hábitos alimentares. Milho, feijão, porco, galinha e couve eram as culturas de quintal, partilhadas por senhores e escravos, nos tempos difíceis da mineração. No século XIX, a relativa fartura das fazendas e as melhores condições de abastecimento nas cidades, combinadas à rusticidade da vida, partilhada por proprietários e trabalhadores livres e escravos, não provocou alterações significativas no cardápio básico. As diferenças ficavam por conta de alguns produtos importados, sobretudo para os proprietários da Zona da Mata, e do aparecimento mais constante do arroz e da carne de vaca, nas mesas mais abastadas. Além disso, maior disponibilidade de ingredientes deu origem a uma profusão de doces e quitandas. Ver também DUTRA, Op. cit.

³⁶ ABDALA, Op. cit., 2000.

³⁷ SILVA, Elizabeth B. Fazendo gênero na cozinha: tecnologias e práticas. *Revista Latinoamericana de Estudios Del Trabajo*, São Paulo: Publicação semestral da ALAST, ano 4, n. 7, 1998.

TRABALHAR OU BRINCAR: BRINCAR DE TRABALHAR?*

Flavia B. Teixeira**

RESUMO: Este artigo pretende suscitar algumas considerações sobre o discurso hegemônico que caracteriza as brincadeiras como resultado de um processo “natural”. Questionar o lugar de suposta inocência ocupado pelo brinquedo, a partir da discussão de suas contribuições para a constituição das identidades de gênero. Elegemos como foco de análise elementos para pensar o trabalho doméstico e a construção de seu pertencimento ao *habitus* feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedos, Brincadeiras, Identidade de Gênero, Trabalho Doméstico.

ABSTRACT: This paper tries to draw attention to some hegemonics discourses that usually treats kids jokes like a natural process. Intends to put in question the innocence inscribed on the toy (play) itself, and its gender identity. The study analyses the domestic work and its concern to the female *habitus*.

KEY WORDS: toys, jokes, gender intentity, domestic work.

Iniciaremos nossa discussão com um fragmento recortado, no qual a situação a ser discutida apresenta meninos e meninas com idade entre 03 e 04 anos que brincavam na sala da brinquedoteca de uma escola de educação infantil. Mesmo frente à possibilidade de que estas brincadeiras se apresentem aos desavisados como equitativas, seus diferentes *usos* e *arranjos* nos apontam distanciamentos significativos.

* Este artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado *Meninas e Meninos na Educação Infantil: uma aquarela de possibilidades* desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação/UFU

** Mestre em Educação, professora substituta do Departamento de Ciências Sociais UFU e membro do NEQUEM

As fotografias utilizadas neste artigo foram produzidas por Gilson Goulart Carrijo.

Caminhões de vários tamanhos, modelos e cores estavam disponíveis na sala. Porém, o carrinho de feira foi o brinquedo escolhido por um menino. Transportava uma vassoura, um rodo, algumas peças de outros brinquedos e demais objetos que encontrou pela sala. Cheio de quinquilharias, foi-se o menino de um lado a outro da sala. Uma menina realizou escolha semelhante e empurrou outro carrinho de feira vazio, deslocou-se de um canto a outro, sugerindo estar fazendo compras. Permaneceu neste faz-de-conta durante algum tempo e abandonou a brincadeira. Próximo, a réplica de um carrinho de bebê foi utilizada por outro menino para brincadeira semelhante à dos colegas. Livre de sua função exclusiva, o carrinho de bebê foi transformado em veículo de transporte. A boneca, uma garrafa, uma lata vazia e uma vassoura ocupavam o mesmo espaço. Minutos depois, este mesmo carrinho abrigaria a boneca colocada para dormir, após ter sido embalada pela menina, que vai se ocupar de outras coisas. A boneca parece ter cansado a “mãe”. Mas, apesar do suposto abandono da boneca no carrinho, as ações da menina simbolizam com clareza as situações cotidianas que envolvem os cuidados maternos, enquanto para os meninos os carrinhos parecem representar meios de transporte.

Com esses primeiros elementos significativos da utilização do espaço lúdico da casinha, pode-se ter uma distinção básica das posições de gênero entre meninos e meninas na brinquedoteca da escola. São posições conhecidas e presentes em outros espaços sociais, como é o caso do espaço doméstico, aludido ali na forma de casinha. Na situação observada, a repetição dos rituais domésticos foi evidente e dominante. Assim, pudemos ver dois meninos que demonstraram preferência pela ocupação do quarto, onde permaneceram deitados na cama, aparentemente descansando e, às vezes, ao telefone. Duas meninas se dividiram entre os afazeres domésticos, distraídas nas atividades de higiene e cuidados como varrer, limpar, cozinhar, e, eventualmente, servir os meninos deitados.

Mas o posicionamento das escolhas lúdicas não era tão rígido e as brincadeiras incluíam variações. Por exemplo, na cozinha, outras duas meninas brincavam de cozinhar. A que se encontrava em frente ao fogão, atarefada em meio às panelas, alertou a outra quanto à possibilidade de se queimar, pois o alimento estava quente. Ali perto, sentado na sala, em brincadeira semelhante, um menino também cozinhava. Porém, diferentemente das meninas, parecia desconhecer o processo do *fazer* feminino, mais cheio de cuidados. Separando os copos que encontrou no

armário, simulou servir o café. Em seguida percorreu a brinquedoteca distribuindo o café e biscoitos, recebidos por outras crianças não envolvidas diretamente na brincadeira de fazer e servir. Os biscoitos distribuídos eram peças do dominó, que recolheu em uma caixa de madeira. O fogão não foi explorado. A indistinção de gênero dos brinquedos escolhidos pelo menino permitia a este estabelecer um salto entre a matéria prima e o produto final. Como num processo mágico, os alimentos passaram do estado do *cru ao cozido*.

O que se observa, então, na brinquedoteca, é algo vastamente conhecido na construção social das marcas básicas do masculino e do feminino. Desde muito cedo, as brincadeiras aproximam as meninas do universo doméstico, os brinquedos desvendam para elas os segredos da cozinha, familiarizando-as com os objetos e procedimentos que mais tarde integrarão seu *habitus*.

A naturalização da brincadeira de *casinha* pode ser percebida na mesma perspectiva de construção simbólica. Na brinquedoteca, os espaços foram planejados para meninos e meninas, lugares para brincar e a reprodução do espaço doméstico recebeu significativo destaque suscitando um questionamento: Brincar de casinha é condição necessária?

As brincadeiras são mediadas pelos brinquedos disponíveis na escola e também em outros locais. Aqui, introduzimos um novo elemento, acreditamos que os brinquedos como artefatos culturais são dotados de significados pré-estabelecidos mas que sempre podem ser, também, resignificados. Assim, torna-se importante perceber o que dizem, o que sua escolha pretende estabelecer como *natural* quando o foco é a observação dos gêneros socialmente construídos. Trata-se de encontrar nos materiais utilizados nos brinquedos, nos seus detalhes, os indícios dos atributos masculinos e femininos. Fotografamos alguns brinquedos expostos em uma loja e utilizamos como fonte desta investigação para que nos auxiliasse no desvelamento das brincadeiras, e apoiados em Bujes (2000)¹ correlacionamos com o nossa pesquisa.

Não demandaria um olhar especializado para reconhecermos a demarcação de espaços de uma loja de brinquedos e a distribuição de suas prateleiras. A naturalização dos espaços destinados às meninas e a variedade

¹ BUJES, Maria Isabel E.. Constituindo diferenças: uma discussão sobre a pedagogia e o currículo na educação infantil. In: SILVA, Luiz Heron (org) *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.

de opções disponibilizadas do mundo cor-de-rosa reafirmam essa disposição. Os espaços domésticos são apresentados como lugares divertidos, em que impera a fantasia, o não-sério e, quem sabe, o não-trabalho.

O trabalho doméstico é uma brincadeira... brincar de limpar, arrumar, são situações muitas vezes encontrada na pesquisa. Para Bourdieu² o trabalho doméstico passa, quase sempre, despercebido e "quando ele se impõe ao olhar é desrealizado, transferindo-o ao plano da espiritualidade, da moral e do sentimento, o que facilita seu caráter não lucrativo e 'desinteressado'" (1999, p.117).



Foto 1

Essa é, também, uma mensagem que encontramos subliminarmente em vários brinquedos. Correlacionamos aqueles que consideramos mais pertinentes à pesquisa.

O brinquedo "Passe Brincando", (foto 1) é indicado para crianças a partir dos dois anos de idade. Assim que a menina adquire habilidade motora para manter-se de pé e deslocar-se independente, o brinquedo aponta um destino "útil" para suas "aquisições".

Nesta mesma lógica, o andador poderia ser facilmente substituído pelo brinquedo "Brinque e Limpe", as rodinhas são apresentadas como avanço. Andar e limpar são ações exercidas simultaneamente, naturalizando e

² BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

instituindo a limpeza como uma gostosa brincadeira integrante do *habitus* feminino. Rodo, vassoura, balde e ferro de passar roupas são ferramentas que enfeitadas, coloridas, tornam-se atrativos capazes de seduzir e condicionar habilidades que serão paulatinamente adquiridas e aprimoradas, todas envolvidas pelo misterioso e inocente mundo do faz-de-conta.

Lavar roupas também aparece como uma atividade refrescante e divertida. A menina pode transformar a brincadeira em sua iniciação precoce nas tarefas domésticas, sendo incentivada a lavar até mesmo suas roupas, conforme o anúncio veiculado na embalagem. Apresentado na fotografia número 2, o brinquedo "Tanquinho da Gigi" é, na realidade, um caixote.

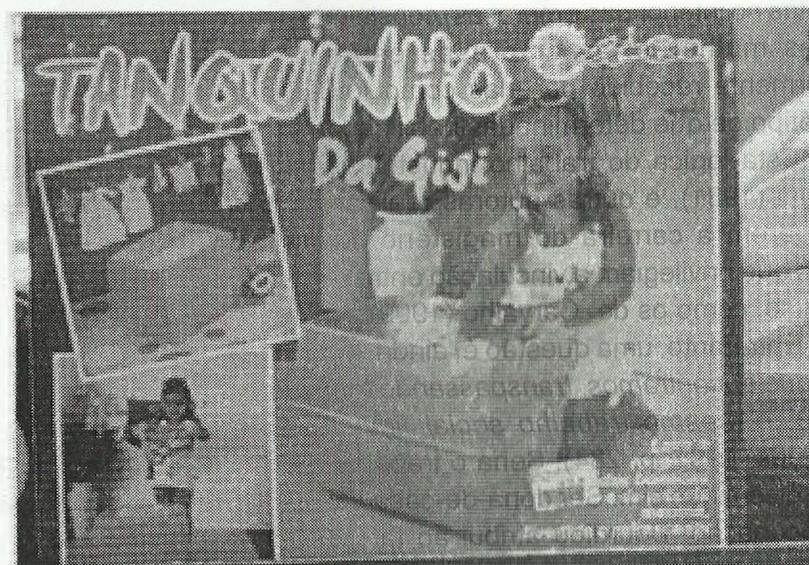


Foto 2

Rudimentar em sua concepção e apresentação, se considerarmos os avanços tecnológicos de uma máquina de lavar roupas menos sofisticada. Sua funcionalidade simplifica a prática doméstica que limitada ao faz-de-conta, contém fragmentos de um cotidiano que deve ser incorporado. A vestimenta e os adereços utilizados pela menina do anúncio distancia-se da imagem da "lavadeira", a suposta elegância dos óculos escuros presos no alto da cabeça é contraposta à incomoda posição de joelhos empregada na brincadeira.

Ao realizar um estudo cujo itinerário percorre as produções brasileiras

reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção (BOURDIEU, 1999, p.116).

Cotidiano detalhadamente vasculhado no livro *Memória e Sociedade* de Ecléa Bosi (1994)⁸, em que a autora realiza um estudo sobre classe social, articulando memória e velhice. Ao registrar a voz e, através dela, a vida de homens e mulheres, notamos as diferenças das relações estabelecidas no cotidiano. O espaço doméstico é o cenário em que as histórias se desenrolam e são significadas diferentemente pelos atores.

Os sujeitos entrevistados por Ecléa viveram períodos importantes de nossa história como a Segunda Guerra Mundial, o período desenvolvimentista, a construção dos sindicatos, as grandes greves dos metalúrgicos, a ditadura militar. No entanto, marcaram este tempo de formas distintas: uma história de homens, escrita por homens e, no trabalho da autora, lembrada por homens. Nos relatos das mulheres, o tempo foi demarcado pelos acontecimentos privados, os grandes rituais como casamentos, batizados, aniversários, nascimentos, infortúnios familiares, doenças e mortes. É esta vinculação das mulheres com o mundo doméstico que nos chama a atenção, um tempo marcado pelas situações de sociabilidade como visitas e festas de aniversário, casamentos, batizados e gestações.

Para Bourdieu (1999), parte do trabalho doméstico, ainda hoje, cumpre a função de manter a solidariedade e a integração da família, sustentando relações de parentesco e assegurando laços de projeção social, movimentando o capital social através destas trocas simbólicas, presentes nas reuniões familiares, almoços, casamentos, trocas de presentes, visitas, cartas, telefonemas. Como parte do mundo doméstico, este trabalho seria quase despercebido na sua totalidade, não fosse sua conotação negativa, considerado como “*fofocas, coisa não séria, negócio de mulher*” que acabam por integrar o *habitus* feminino sob a alcunha de “prazeres de mulher”.

A cozinha é apresentada por Brandão (1999)⁹ como espaço feminino da casa em que se consolidam laços de sociabilidade, determinando os usos diferenciados dos espaços domésticos. Estes paulatinamente enredam as

⁸ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

meninas no seu interior, enquanto expulsam gradativamente os meninos. Laços que se firmam sutilmente, num colorido de formas.

Em meio a tantas panelinhas (foto 4), conjuntos de chá e kit's de cozinha, o que seria este lugar senão o fruto de uma alquimia? Um encanto que esconde um destino.

Um espaço mágico, onde tudo se transforma. Destinado a um único público, o apelo é para as meninas, são elas as convidadas a desvendar estes *segredos*: isso pode explicar a indiferença do menino observado na pesquisa, para quem o fazer independente dos instrumentos.

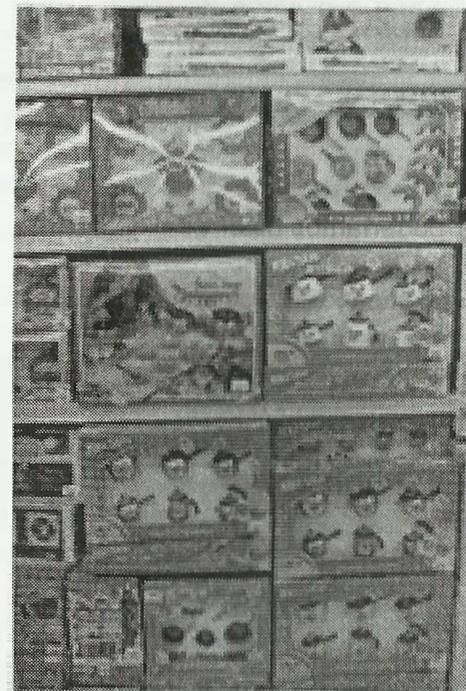


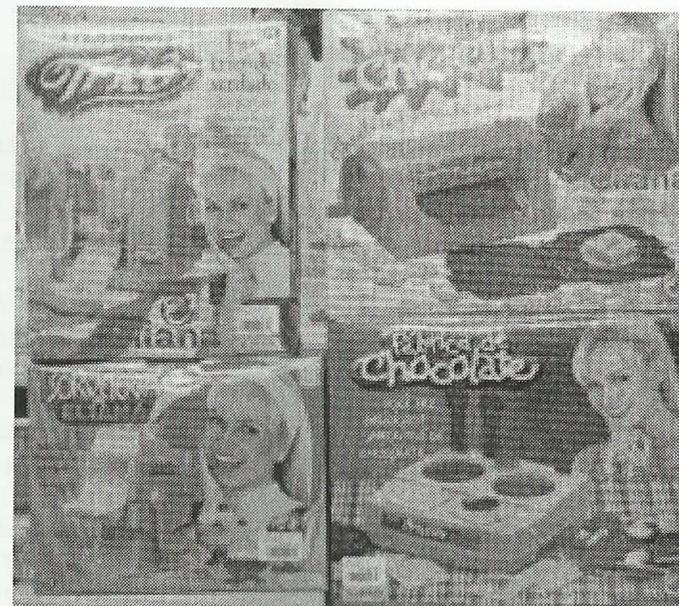
Foto 4

Brincar de casinha apresenta-se então quase como uma imposição, o importante é que o mundo doméstico não se afaste da menina. Vejamos o exemplo a seguir, este é avião da Barbie (foto 5). Quando Bourdieu nos convida a pensar a partir de pares de opostos, o que poderíamos encontrar aqui?



O trabalho no mundo público forja a dimensão de lugares “naturalmente” instituídos e transforma-se em categoria central de identidade de masculinidade adulta. A incorporação da tecnologia nos brinquedos auxilia no treino de habilidades, como podemos observar na foto acima em que o laser e os materiais dos brinquedos do menino apontam para as possibilidades da modernidade. Contrariamente, às meninas estão destinados os brinquedos que aprisionam seu trabalho no universo doméstico.

Este conjunto de elementos se articula a um projeto de junção entre feminilidade/reprodução e masculinidade/produção. Na fotografia ao lado observamos que a utilização do termo fábrica e máquina que num primeiro momento representam o mundo do trabalho industrializado, símbolos de um projeto de modernidade, somados à expressão de admiração da apresentadora de programa infantil anunciam uma promessa que não se realizará. Falsas promessas que, descaracterizando o real processo de fabricação dos produtos, favorecem a construção de uma falsa idéia de pertencimento ao mundo público.



Diferentemente dos brinquedos dos meninos que expressam coragem, competitividade, capacidade cognitiva, atributos necessários futuramente para a integração ao “mundo do trabalho”, estabelecendo um contínuo entre a construção da masculinidade infantil e adulta. No entanto, pensando que essa inserção não é desvinculada de um contexto mais amplo, ao dizermos de trabalho numa sociedade capitalista, alguns atributos nos saltam aos olhos: perseverança, liderança, competição, coragem...

A coragem física não será somente útil em si mesma. mas servir, um dia, de base à coragem moral e espiritual. Um menino medroso de corpo não resistirá às incitações de um camarada pervertido ao passo que um menino corajoso não hesitará em resistir-lhes. Quantos adultos não têm coragem alguma para afirmar suas opiniões pela única razão de não possuírem coragem física (VIOLLET Apud FELIPE, 2000, p. 122).

Identificamos a atualidade destas prescrições, principalmente quando referem à demonstração de coragem, e sua intensa incorporação nos *habitus* masculino quando observamos o desenlace das situações de conflitos envolvendo os meninos e as meninas. Mas esse assunto fica para uma outra oportunidade.

AOS(ÀS) COLABORADORES(AS)

1. **O Caderno Espaço Feminino** é uma revista **multidisciplinar** que mesmo possuindo seu Conselho Editorial, não se responsabiliza pelos conteúdos de cada texto publicado, à medida em que o objetivo é polemizar e nunca enquadrar os artigos dentro de uma única perspectiva teórico-metodológica;
2. Seguindo a premissa anterior da multidisciplinaridade, é necessário que cada colaborador(a) trabalhe conceituando em nota de rodapé, ou no próprio texto, esclarecendo o(a) leitor(a) o que necessariamente não pertence à área do(a) autor(a);
3. Ao aceitarmos artigos inéditos para a publicação, exigimos que os mesmos venham revisados quanto à ortografia e sintaxe;
4. O artigo deverá ser enviado para o **Conselho Editorial** do Caderno Espaço Feminino, em três vias digitadas em programa Word for Windows (6.0 ou 7.0) e também acompanhado por disquete. O nome do(a) autor(a) deverá vir especificado com sua titulação maior, Instituição que trabalha, além do endereço e telefone para correspondência;
5. Os artigos deverão ter no máximo 25 páginas e no mínimo 10, excetuando-se as resenhas, utilizando espaço 2;
6. Todos os artigos deverão seguir as normas de citação bibliográfica da **ABNT**, em que as notas de rodapé devem necessariamente estar incluídas no texto, e não no final dele;
7. Deve conter o Abstract e o Resumo (até 10 linhas centralizado na página, palavras chaves e keywords do texto (Unitermos) até 5).
8. Utilizando-se de notas de rodapé, não será necessário o uso de bibliografia final;
9. Todos os artigos serão apreciados pelo Conselho Editorial. A simples remessa dos originais, implica em **autorização para a publicação** do mesmo;
10. Os originais submetidos à apreciação do Conselho Editorial não serão devolvidos. A Revista Caderno Espaço Feminino compromete-se a informar os autores(as) sobre a publicação ou não de seus textos.